



NO CENTRO HISTÓRICO

Parque Tecnológico terá museu que irá fomentar ciência e arte

Museu do Horizonte será aberto ao público e irá educar sobre diversidade e sustentabilidade. **Página 19**

Foto: Ortilo Antônio



Artesanato transforma a vida de paraibanos

A história de pessoas como dona Francisca (foto) que descobriram o talento para criar peças únicas, de tradição ancestral. **Página 5**

Foto: Roberto Guedes



Hotéis de JP abrem as portas para os 'pets'

Estabelecimentos aceitam que turistas se hospedem com seus bichinhos, que recebem tratamento VIP. **Página 6**

Miguel Guilherme dos Santos, o "Michelângelo de Sumé"

Assim como o renomado artista italiano, paraibano se especializou em pinturas sacras no interior de igrejas e tem obras tombadas pelo Iphaep. **Página 25**



Ilustração: Tônio

■ "Felicidade não mora ao lado, não sustenta vagabundos, ela está em coisas tão particulares como a vida, da vida como ela é".

Kubitschek Pinheiro

■ "As especiarias eram muito apreciadas pelos europeus. Foi aí onde entrou o Brasil que, por ser rico em especiarias, foi muito explorado".

Chef Walter Ulysses

Página 10

Página 28

Pensar

Compulsão por compras, onimania, transtorno que atinge 8% da população mundial, é debatido por médicos, psicóloga e economistas. **Páginas 29 a 32**



Por dentro do Museu Casa de Cultura Hermano José

Residência do falecido artista visual reúne mais de sete mil itens, entre obras e objetos pessoais. **Página 9**



Foto: Roberto Guedes

Verão estimula o comércio e ajuda a turbinar as vendas na PB

Temperatura alta aquece mercado de condicionadores de ar a sorvetes, passando por vestuário. **Página 17**



Foto: Roberto Guedes

"Academias jurídicas não são apenas para juristas"

Pessoense Ricardo Bezerra acaba de ser eleito vice-presidente da Academia Brasileira de Direito. **Página 4**

Rádio Tabajara chega aos 86 anos de idade nesta semana

Aniversário será marcado por programação especial e pelo surgimento de uma nova emissora. **Página 3**

Especialistas avaliam como o Brasil pode reencontrar a paz

Professores e cientistas políticos comentam os efeitos pós-tentativa de golpe em 8 de janeiro. **Página 13**

Editorial

Transplantando vida

O ato de doar um órgão é uma prova de amor enorme. A família que autoriza a doação tem a nobreza de perceber, mesmo num momento de profunda dor, que aquele gesto de desprendimento e grandeza moral está salvando uma vida. Contudo, é preciso ter um elo entre o doador e a pessoa que necessita receber o transplante. E essa ligação precisa funcionar como a perfeição de um relógio suíço, sem deixar de entender os sentimentos que tal missão representa.

A notícia da captação e transplante de um coração, neste primeiro mês do ano, na Paraíba, é um sinal do trabalho sério, dedicado e responsável realizado pela Central de Transplantes da Paraíba e toda a rede de saúde coordenada pela Secretaria de Estado da Saúde.

O coração doado por um homem de 39 anos que estava internado no Hospital de Emergência e Trauma em Campina Grande e transportado até o Hospital Metropolitano para ser colocado para continuar pulsando no corpo do senhor Francisco de Assis Quixaba, 47 anos, é simbólico. Além de mais uma vida salva, o que já representa muito, existe a certeza de que muitas outras terão continuidade.

Além de seu Francisco, que ganhou um coração novo, também foi garantida a doação do rim esquerdo e das córneas. Graças ao trabalho de toda a cadeia montada pela Central de Transplantes e todas as equipes envolvidas, a Paraíba realizou três transplantes de coração no ano passado. No total, o ano de 2022 fechou com 310 procedimentos no Estado. Além dos cardíacos, foram 255 de córneas, 29 de rim, 20 de fígado e três de medula óssea. Isso significou um aumento de 5% de transplantes em relação a 2021, quando ocorreram 295 procedimentos.

Os números de transplantes que crescem a cada ano na Paraíba confirmam que a política e o compromisso adotados na área estão corretos. Os frutos são vidas salvas e esperança renovada. No momento, há uma pessoa ainda na fila aguardando um coração. Muitos outros esperam por rim, fígado, córnea e medula óssea. Todos estes têm a certeza que há um grupo de pessoas dedicado a aliviar seus sofrimentos e a salvar as suas vidas.

O apoio de todos é fundamental. Em especial, há que se aplaudir e agradecer a cada família de um doador pelo ato de amor profundo quando autorizam a doação de um órgão. A partir daí entram a Central de Transplantes da Paraíba, as equipes médicas, os meios de transportes, o motorista da ambulância, o piloto do avião do Corpo de Bombeiros ou do helicóptero Acauã, o apoio das escoltas das Polícias Militar e Rodoviária Federal. Todos imbuídos de vencer a corrida contra o tempo para que o transplante seja um sucesso.

O Governo do Estado escolheu a vida e não tem medido esforços para cumprir a missão que abraçou. Foi assim durante o auge da pandemia da Covid-19 e tem sido essa a linha adotada desde a criação do Programa Opera Paraíba, incluindo os investimentos na ampliação da rede hospitalar e de atendimento médico com as reformas e aquisição de equipamentos de toda a Paraíba.

A Paraíba vem transplantando vida!

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Zabé da Loca – A rainha do pífano

Natural de Buique, município do Agreste pernambucano, Isabel Marques da Silva, conhecida como Zabé da Loca, nasceu em janeiro de 1922. Ainda adolescente passou a morar em Monteiro, no Cariri paraibano. Na infância conviveu com fome, sede e doenças, razão pela qual dos seus quinze irmãos oito vieram a falecer. Analfabeta, aos sete anos de idade aprendeu a tocar pífano com Aristides, um dos irmãos sobreviventes.

Era uma mulher de aparência física frágil, com 1 metro e meio de altura. Possuía olhos azuis, mas um rosto marcado pelo estafante trabalho ao sol na zona rural. “Eu sou filha de mocó”, dizia em gargalhadas, debochando das dificuldades da própria vida. Quando jovem sofreu assédio de fazendeiros, chegando a engravidar, tornando-se mãe de uma menina. Delmiro, com quem passou a viver maritalmente, foi o pai de dois dos seus filhos.

Vivendo em estado de extrema pobreza, ao ver sua casa desmoronada, se viu obrigada a morar com a família sob duas pedras na Serra do Tungão, permanecendo lá por 25 anos. Daí nascendo o apelido de “Zabé da Loca”.

Seu talento com o pífano só passou a ser conhecido em 2003, quando foi descoberta por estudantes do Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras, do Projeto Dom Helder Câmara, no então Ministério do Desenvolvimento Agrário. Foi quando gravou seu primeiro CD chamado Canto do Semiárido, que contou com a produção e assessoria do grupo Quinteto Violado e participação dos seguintes amigos tocadores: o sobrinho Beíçola (pífano), o filho Setenta (caixa), o compadre Mestre Levino (prato) e o vizinho Pinto (zabumba). Na festa de seu lançamento, em Afogados de Ingazeira, no Sertão do Pajeú pernambucano, contou com a presença do então ministro da Cultura, Gilberto Gil. No ano seguinte apresentou-se no Fórum Cultural Mundial, em São Paulo, ao lado do artista Hermeto Pascoal.

Nessa época saiu da gruta para morar em uma casa no assentamento Santa Catarina, município de Monteiro, transformada em um memorial, a Associação Cultural Zabé da Loca. A gruta onde viveu por 25 anos é atualmente ponto de atração turística e de preservação cultural.

Rui Leitão

Foto Legenda

Evandro Pereira



O momento único de cada um

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De que é feita a poesia?

De palavra em palavra sai brotando o poema. No negro maior que foi Cruz e Souza basta, absoluta, a palavra, a bólide. Em Casimiro de Abreu ela desanuvia em “Meus oito anos”, à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais. Em nosso Augusto é música, número, estalactite, filosofia, verme, energia, o eu e o cosmo. Nenúfares? Não, longe de Augusto os nenúfares.

De que é feita, então, a poesia? Em João Cabral ela se tece de galo em galo, tecendo a manhã. Em Chaplin ela emana de um momento - apenas um momento - o do vagabundo de vestes negras e rotas, de flor ao nariz e o olhar súplice a se pendurar na candura da florista cega. Ela nem vê que ele cheira a flor com o olhar nela.

Descíamos no elevador daquele prédio escuro, hoje desamparado, esquina do Ponto de Cem Réis com a Visconde de Pelotas. Como faz tempo isto! Ali comprimidos, ninguém sabendo quem era ninguém, todos fechados em si mesmo em seus problemas, muitos de saúde. Elevador para 400 quilos, todo esse peso contraído no rosto dos quatro ou cinco ocupantes. Uns de cabeça baixa, todos só olhando para dentro de si.

Faltando três ou quatro andares entra uma menininha. Sozinha, despachada, com alguma intimidade com o velho ascensorista. Olhou-nos um a um com simpatia e falou ao ouvido do velho. Os dois riram a bom rir, não se sabe de quê, e o riso saiu se espalhando por todos nós.

Alegria sem precisar de motivo.

Chega-se ao térreo, ela abre os braços, volta-se para o seu público e salta de costas com um “tchau, pessoal!” acenado entre as duas mãos pequeninas.

Poesia gestual? Onde entra aí essa deusa da graça e do privilégio humano?

É pergunta que acaba de fustigar minha

“

De que é feita, então, a poesia?

Gonzaga Rodrigues

experiência de vida ao chegar à última linha do poema que abre um novo livro de Marcus Alves, “Ninguém ensina a dizer adeus” é o poema.

Acompanhe-me, por favor, leitor amigo:

“Era manhã de domingo. / Os dois covetores se revezam no trabalho. / Um abaixo do sepulcro / retira restos de madeira do caixão / com a areia misturada aos ossos. / Na parte de fora outro homem vai / juntando os restos daquela vida. Recolhe / Ossos da mão / da perna / À minha frente vejo o crânio da mulher / Preservado. / O cabelo, alourado, ainda estava lá. / O homem, sem luvas, sai remoendo pequenas palavras ao vento - o que nos resta da vida. (...) Naquela manhã / sem sol / enterro um pedaço do meu passado / e lanço / um adeus à minha infância. Alô, mamãe! / Por que eu fiquei com a tarefa mais árdua? Mamãe, eu só queria lavar os pratos agora e ir brincar na rua. / Estou aqui vendo seus ossos nus. / Sem poder sequer lhe dar um abraço.”

E vem o final: “Você, mamãe, não me ensinou a dizer adeus. E eu saí por aí, numa manhã de domingo desenterrando seu corpo / para dizer adeus a mais um irmão.” Insiste o velho cronista, em momentos como este ainda não enfadado: de que é feita a poesia?

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

TABAJARA

Primeira rádio da Paraíba chega aos 86 anos de vida

Aniversário será celebrado com mais uma emissora FM, que vai ao ar neste ano

José Alves
zaveira2@gmail.com

Ao comemorar 86 anos de existência no próximo dia 25, quarta-feira, a Rádio Tabajara, a primeira emissora a ser implantada no estado da Paraíba, pertencente à Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), estará presenteando seus ouvintes com uma nova emissora FM, que deverá entrar no ar ainda neste ano. A informação é do diretor de rádio e TV da EPC, Rui Leitão.

“A Tabajara AM será transformada na ‘Parahyba FM 103.9’, que terá um perfil distinto da Tabajara FM, mas mantendo o mesmo padrão de qualidade que tem sido a marca histórica da Tabajara na radiodifusão”, revelou Rui.

Sobre os desafios da emissora para este ano, o diretor disse que o jornalismo continuará sendo um dos pontos fortes da grade de programação da Tabajara FM. “Continuaremos levando ao público ouvinte notícias do que está acontecendo na Paraíba, no Brasil e no mundo, sempre com responsabilidade e profissionalismo”.

Quanto ao entretenimento, Rui enfatizou que a Tabajara continuará programando eventos com este foco, divulgando, valorizando e promovendo a cultura paraibana nas suas mais diversas manifestações. “Neste ano, reeditaremos projetos como o Palco Tabajara e o Festival Paraibano de Músicas”, comentou.

Ele disse que a principal missão social da Tabajara e da nova Parahyba FM, em sendo rádios estatais, é com o serviço público, difundindo e produzindo cultura,

educação, cidadania, entretenimento e informação de qualidade. Sempre buscando atingir um público cada vez mais amplo da sociedade paraibana.

De acordo com a diretora-presidente da EPC, Naná Garcez, a partir de amanhã, será realizada uma série de ações em comemoração aos 86 anos da rádio. Além da

programação especial que irá ao ar no dia 25, funcionários antigos serão homenageados e a Tabajara receberá o rádio símbolo do centenário do rádio no Brasil. “Temos essa peça de museu desenvolvida por um artista plástico paraibano e ela ficará em caráter permanente na Rádio Tabajara, devido ao fato de ela ser a mais

antiga do estado”, contou Naná Garcez.

A presença da peça na rádio Tabajara é uma maneira de reconhecê-la, já que ela é a mais antiga do estado e, segundo a presidente da EPC, “sempre primou pela qualidade da informação e pela valorização da cultura local. Marcas que merecem ser fortalecidas”.



Rui Leitão afirmou que a Tabajara FM e a Parahyba FM terão perfis distintos, mas com a mesma qualidade

Programas vão resgatar memória histórica

“Durante toda a semana de aniversário da Tabajara, faremos programas especiais, resgatando a memória histórica de sua atuação nesses 86 anos de existência. A programação do dia 25 está sendo montada, dedicando espaço para homenagear antigos servidores e a apresentação dos projetos a serem executados neste ano”, exaltou o diretor da rádio.

Rui destacou que o grande diferencial da Tabajara é que ela abre oportunidade para que novos talentos do cenário artístico musical da Paraíba possam divulgar seus trabalhos. “A música produzida em nosso estado

tem especial participação na nossa programação”.

A Tabajara AM é a 17ª emissora de rádio mais antiga do Brasil e a mais antiga da Paraíba. Por seus microfones passaram os grandes nomes do rádio paraibano, se tornando, por isso mesmo, patrimônio cultural do estado da Paraíba.

Rui Leitão visualiza o futuro da Tabajara como uma rádio que continuará acompanhando a modernidade, tanto no que se refere aos avanços tecnológicos, quanto na forma de atuação.

No que diz respeito ao Museu do Rádio da Paraíba, ele esclareceu que esse

é um projeto ainda em fase de implementação. “Estamos catalogando todo o nosso acervo e trabalhando no espaço físico onde será instalado o museu do rádio paraibano. O equipamento cultural quando inaugurado, com certeza será aberto à visitação pública”, garantiu.

Sobre a criação de um canal de TV aberto através da EPC, ele disse que a empresa, na sua estrutura organizacional, prevê uma diretoria de rádio e TV, o que demonstra o interesse na criação de uma emissora de televisão. No entanto, é uma ação a ser projetada para os próximos anos.

Avanços

A Tabajara continuará acompanhando a modernidade, tanto no que se refere aos avanços tecnológicos, quanto na forma de atuação

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

ESTUDO DE TÂNIA BACELAR PARA O CONSÓRCIO NORDESTE DEVERÁ SERVIR DE NORTE PARA ELABORAÇÃO DO PPA



Foto: Osemar Gonçalves/Estádio Conteúdo

Na reunião do Consórcio Nordeste, na sexta-feira, em João Pessoa, governadores e políticos que ouviram a explanação da economista Tânia Bacelar, uma estudiosa do desenvolvimento regional, foram unânimes: o trabalho dela sobre estudos estratégicos para o Nordeste,

que integra o ‘Projeto Nordeste 2023- 2033’, será essencial para que a região se projete para explorar as suas potencialidades e marque sua inserção em um plano nacional de desenvolvimento. Converte para a mensagem que a ‘Carta de João Pessoa’ expôs ao país: “O Consórcio Nordeste liderará um processo de releitura e reposicionamento da região no Brasil e no mundo. O Brasil precisa conhecer o Nordeste, assim como o próprio Nordeste precisa se reconhecer”, diz trecho do documento. Os estudos coordenados por Tânia Bacelar, que foram patrocinados pelo colegiado, vêm sendo elaborados desde o segundo semestre de 2022 e devem seu conclusão no segundo semestre deste ano. A expectativa é que o ‘Projeto Nordeste 2023- 2033’ sirva de norte para a elaboração do Plano Plurianual do Governo Federal e dos estados.

A VOZ DO NORDESTE

João Azevêdo fez menção ao engajamento dos governadores nordestinos, sob a guarida do Consórcio Nordeste, para se fazer ouvir no âmbito nacional: “É uma sinalização muito clara de toda a região, que quer ser ouvida e quer participar dos projetos de desenvolvimento do país”. Na próxima sexta-feira, o governador entregará a Lula o documento com as prioridades dos governadores nordestinos.

ATÉ A PRÓXIMA QUARTA-FEIRA

A definição integral das prioridades que cada estado apresentará ao presidente Lula não se encerrou na reunião do Consórcio Nordeste, na sexta-feira, em João Pessoa. Os governadores têm até a próxima quarta-feira para “apresentar, detalhadamente, as prioridades”, explicou o governador João Azevêdo.

NA CHAPA DO 1º BIÊNIO

Após abdicar da disputa pela presidência da ALPB para apoiar a candidatura de Adriano Galdino, o PSB está bem representado na chapa do primeiro biênio, registrada na sexta-feira pelo deputado do Republicanos: os socialistas Tião Gomes e Júnior Araújo estão na condição de vice-presidente e primeiro secretário, respectivamente.

“ELE ESTÁ CERTÍSSIMO”

Tibério Limeira, que assumirá a Secretaria de Administração, foi novamente questionado sobre a fala de Gervásio Maia, presidente do PSB, segundo a qual não estariam descartadas candidaturas do partido nos 223 municípios da Paraíba. “Ele está certíssimo em almejar que o PSB cresça. Mas a gente sabe que não é possível disputar [em todos]. Em uns vamos indicar o vice, em outros seremos majoritários”.

“POTENCIAL PARA ISSO ELE TEM”

Perguntaram a Deusdete Queiroga, secretário estadual de Infraestrutura e Recursos Hídricos, se João Azevêdo, a partir da projeção que vem tendo como governador e presidente do Consórcio Nordeste pretende alçar voos ainda maiores na política nacional, como disputar, por exemplo, vaga no Senado. “Quem deve responder isso é ele, é uma questão pessoal, mas potencial para isso ele tem”.

GANHA FORÇA O NOME DE MARIALVO LAUREANO PARA COORDENAR CONFAZ

O nome do secretário da Fazenda da Paraíba, Marialvo Laureano, ganhou força para coordenar o Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), que reúne secretários de Fazenda, Finanças dos Estados e do Distrito Federal, após o governador do Piauí, Rafael Fonteles (PT), fazer essa defesa. O Confaz, entre outras coisas, celebra convênios para efeito de concessão ou revogação de isenções, incentivos e benefícios fiscais e financeiros do ICMS.

Saiba mais

■ A Rádio Tabajara foi fundada pelo Governo do Estado da Paraíba, no dia 25 de janeiro de 1937 pelo então governador Argenirio de Figueiredo sob o nome de Rádio Difusora da Paraíba PRI-4. A Tabajara AM é a 17ª emissora de rádio mais antiga do Brasil e a mais antiga da Paraíba. Na época de ouro do rádio, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, a rádio transmitia seus programas de auditório com a participação de artistas nacionais e internacionais.

■ Já a Tabajara FM foi fundada em 5 de agosto (no dia do aniversário da cidade de João Pessoa), no ano de 1999 com uma programação diferente da AM, focada mais em músicas do gênero MPB. É a única rádio do estado que coloca sua programação à disposição dos artistas locais. Além disso, sua programação noturna conta com programas especiais. Além de muita música boa, a emissora promove entrevistas com artistas paraibanos das mais diversas vertentes musicais.



Ricardo Tadeu Feitosa Bezerra

Vice-presidente eleito da Academia Brasileira de Direito

“O Brasil tem leis demais, que precisam de constante revisão”

Paraibano diz que academias jurídicas não falam apenas para profissionais da área, mas também para a sociedade

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Advogado há 40 anos, ocupante da cadeira nº 1 da Academia Paraibana de Letras Jurídicas (APLJ) e da cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Direito (ABD), o pessoense Ricardo Tadeu Feitosa Bezerra foi eleito, semana passada, vice-presidente da ABD. Para ele, a indicação foi um reconhecimento à sua trajetória profissional. “Ter sido eleito para o biênio 2023-2025, e ter sido indicado juntamente com juristas renomados do Brasil inteiro, foi uma honra, uma premiação da minha vida jurídica”. O advogado e também escritor, um dos pioneiros na implantação de entidades jurídicas no país, também foi aclamado como presidente de honra do Colégio de Presidentes das Academias Jurídicas do Brasil, recebendo a medalha Augusto Meira. Atualizado com os temas jurídicos da atualidade, Ricardo Bezerra falou sobre os papéis da APLJ e da ABD, e também se posicionou em relação aos ataques sofridos pelos Três Poderes, em Brasília. “Essa manifestação que ocorreu, para mim, pessoalmente, é antidemocrática. Ocasinou prejuízo para toda a nação, porque nós é que vamos pagar o prejuízo de mais de R\$ 6 bilhões”. Confira a entrevista exclusiva que ele concedeu ao Jornal **A União**.

Entrevista

■ O senhor é membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas (APLJ) há quanto tempo. Qual sua trajetória na entidade?

Nós temos o jurista Afonso Pereira, considerado um dos maiores educadores do Brasil, membro da Academia Paraibana de Letras. Em 1977, ele fundou a Academia Paraibana de Letras Jurídicas, a terceira mais antiga do Brasil. Em 1975 foi fundada a Academia Brasileira de Letras Jurídicas, no Rio de Janeiro; em 1976 a Academia Pernambucana de Letras Jurídicas foi implantada em Recife; e fomos a terceira instituição a ser criada com esse vínculo de viés jurídico. Só que, após a sua fundação, a Academia Paraibana ficou acéfala, parada. Quando tive a iniciativa de buscar questões sobre entidades culturais do viés jurídico, descobri que havia sido fundada essa instituição no Estado. Então, busquei informações junto a Clemilde Pereira, que era esposa de Afonso, e consegui resgatar toda documentação da época. Com isso, fiz a reestruturação, juntamente com mais alguns pares, como Maria José Teixeira Lopes e Berilo Borba. Fizemos a reestruturação de 2011 para 2012. Com isso, recompomos inicialmente a Academia e me tornei o primeiro presidente da instituição, até 2020.

■ Qual o papel da Academia Paraibana de Letras Jurídicas?

O papel da instituição é o de incentivar a cultura jurídica, ou seja, os juristas - sejam eles advogados, desembargadores, juízes, promotores ou defensores públicos. Buscamos nessas pessoas o incentivo à cultura jurídica por meio de escritas de livros, artigos, congressos, debates, seminários e outras atividades. Com isso, a gente busca, também, reconhecer os juristas do passado e também do presente. Tanto é que, na minha administração, conseguimos fazer em João Pessoa cerca de seis eventos anuais, reunindo os mais diversos juristas e instituições culturais na Paraíba, criando essa relação entre as instituições.

■ Na Paraíba, também existia a Federa-

para os presidentes. Como fui consagrado presidente de honra, fui o primeiro a receber. Me senti muito honrado com isso.

■ Qual a função desse Colégio?

É reunir todas as instituições jurídicas para debates, eventos, ou seja, congregar. Enquanto a Academia Brasileira de Letras Jurídicas reúne 50 acadêmicos, o Colégio de Presidentes das Academias Jurídicas do Brasil reúne todas essas instituições.

■ O senhor foi eleito, recentemente, vice-presidente da Academia Brasileira de Direito (ABD). Qual cadeira ocupa? Como o senhor recebeu essa notícia?

Ocupo a cadeira nº 6 da ABD, que tem como patrono Afonso Pereira. Ter sido eleito para compor a vice-presidência da Academia Brasileira de Direito, no biênio 2023-2025, juntamente com juristas renomados do Brasil inteiro, foi uma honra, foi uma premiação da minha vida jurídica. Sou advogado há 40 anos, então, foi uma premiação que recebi porque tive meu nome indicado entre nomes nacionais como o de Maria Berenice, e tantos outros. Compor uma instituição desse porte e hoje estar nos quadros como vice-presidente é uma honra para mim e para a Paraíba, porque o Estado está em evidência.

■ Qual a principal missão do senhor na ABD?

Fui secretário-geral na gestão passada, de André Malcher Meira, quando tive a função de estabelecer sempre o contato com todos os integrantes e promover a maior inteligência entre as instituições e os membros. Agora, na condição de vice-presidente, tenho o papel de representar a instituição nacionalmente nas ausências do presidente, e poder contribuir com ele naqueles projetos que nós estamos buscando e criando para implantar em nível nacional, principalmente aquele de maior articulação entre as instituições.

■ Como vice-presidente da ABD, o senhor também pode propor projetos? Há algum que o senhor possa divulgar?

Posso propor projetos, mas a nossa grande meta é tornar a Academia Brasileira de Direito mais visível ainda, principalmente com eventos, congressos, com representação em todo o território nacional. Que a gente possa dar esse *plus* maior de visibilidade à instituição. Temos projetos de encontros nacionais. Ainda não posso divulgar os planos. Estamos aguardando apenas a data da posse da diretoria, prevista para final de abril ou início de maio, em Cuiabá. A partir

daí, a gente já deve lançar os projetos.

■ Quais os desafios que uma entidade como essa enfrenta?

Um grande desafio é a questão geográfica do nosso continente, porque somos um país de dimensão continental, e fica difícil reunir os membros presencialmente. Então, um grande desafio é você estar com a instituição presencial nos lugares. Não há problema em fazer ações virtualmente, mas ações presenciais são bem diferentes.

■ Na prática, a APLJ e a ABD também desenvolvem ações que beneficiam a sociedade, em geral, ou são voltadas apenas ao meio jurídico?

Sim, desenvolvemos. Um exemplo é o que fez o ministro José Barroso Filho, que compõe a Academia Brasileira de Direito. Ele esteve aqui no mês passado fazendo uma palestra sobre a Lei Geral de Proteção de Dados. O ministro veio, sem qualquer bônus, falar em um evento aberto ao público para orientar, discutir e promover esse tipo de ação. O próprio ministro, vou tomá-lo como exemplo de novo, também esteve em Fortaleza, fazendo uma ação de circuito nas escolas para tratar de educação. O nosso presidente, Roberto Victor, fez ações em escolas levando o debate para alunos de rede pública, principalmente, sobre Direitos da Infância, Direito do Cidadão, levando juristas para debater esses temas. Então, temos essa preocupação de levar os debates não só para a comunidade jurídica, mas também para aqueles da área da educação como uma ação social. Os nossos debates não são focados apenas para os juristas, mas que eles tenham aplicabilidade e ações para as comunidades. Tanto a Academia paraibana como a brasileira têm essa visão.

■ Vamos falar sobre o contexto em que vive o Brasil. Sabemos que todas as esferas do poder no país, sobretudo a do Direito, sofrem críticas e ataques de alguns segmentos da sociedade. Como o senhor avalia os últimos ataques ocorridos em Brasília, junto aos Três Poderes?

Na nossa instituição não temos vínculos com a política, mas foi um consenso de todos os membros de se fazer um manifesto em repúdio aos atos ocorridos em Brasília. Você pode e tem o direito de fazer manifestação para defender os seus interesses, a sua posição, até mesmo política, desde que a manifestação não traga um ato ilícito. E qual o ato ilícito que temos ali? Nós temos uma democracia que, no momento em que se discute eleições, esse pleito precisa ser respeitado. Se houve ou não violações aos

Conselho superior

Titulares

Ynes da Silva Félix
Diego de Paiva Vasconcelos
Clóvis Cunha Malcher

Suplentes

Viviane Coelho de Sellos Knoerr
Rita de Cássia Sant'ana
Diego Mendes Souza

Reuniões

Ricardo Tadeu não vê problemas em reuniões virtuais da entidade, mas defende que, sempre que possível, elas sejam presenciais

princípios ou métodos da eleição, que sejam discutidos dentro do campo oficial, que é o que nós atuamos, o Judiciário. Então, essa manifestação que ocorreu, para mim, pessoalmente, ela é antidemocrática. Ocasiona o prejuízo para toda a nação, porque nós é que vamos pagar o prejuízo que ocorreu de mais de R\$ 6 bilhões.

■ E qual a explicação para esses ataques ao Judiciário?

Culpa-se muito o Judiciário, porque estaria tomando partido, fazendo isso ou aquilo. O Judiciário cumpre a sua visão conforme a legislação vigente, e ele é provocado por ações da Advocacia Geral da União, da Procuradoria-Geral e pelas ações promovidas pelo próprio ente pessoa física ou suas instituições. É preciso que se entenda que, por mais que uma decisão judicial não me agrade, tem de ser respeitada.

■ Como advogado, membro da Academia Brasileira de Direito, como o senhor avalia o Código Civil e o Penal brasileiros? Eles estão adequados para atender as demandas dos tempos atuais?

Eu diria que o Brasil tem leis demais, e essas leis precisam ter sua revisão permanente, porque a sociedade tem uma evolução comportamental conforme as próprias pessoas evoluem. Então, essa revisão é necessária, principalmente no nosso Código Penal. Nós temos um Código Penal fragilizado, que hoje não serve de exemplo para reprimenda penal nenhuma. As benesses do Código Penal são bem maiores do que a punibilidade. Quanto ao Código Civil, temos uma sociedade que evoluiu. Temos uma evolução social e cultural muito grande a cada 10 anos. Hoje, há conceitos de família que não se aplicavam há 20 anos. Então, você vê que é um período muito curto. Por mais que o Código Civil tenha sido revisado, ele precisa de uma atualização mais precisa. Do mesmo jeito que a gente precisa de uma reforma tributária muito grande. Então, temos aí os três pilares: o Civil, o Penal e o Tributário, para termos uma mínima estrutura jurídica, mas que tenham leis que se cumpram e que realmente apliquem a punibilidade, o resgate financeiro e econômico das pessoas pelo tributário, e o Civil com o amparo ao cidadão.

ARTESÃOS PARAIBANOS

Transformando a vida em arte com as próprias mãos

Histórias de pessoas que descobriram o talento e a alegria para criar peças artesanais criativas e belas

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Além de retratar o debate social, o artesanato é uma manifestação artística genuína e natural que traduz a identidade de um povo, através da ancestralidade, da cultura e do saber popular. Na Paraíba, não é diferente. O artesanato local combina técnica e prática próprias do paraibano e é símbolo de afeto, o que desperta o desejo de consumidores do mundo todo e faz com que os produtos do estado atinjam relevância econômica e se tornem motriz da mudança de vida de incontáveis artesãos. Nascido no Rio Grande do Norte, o entalhador de madeira Guariguazi Tavares se radicou em solo paraibano ainda criança. E foi em terras pessoenses que Guariguazi descobriu que veio ao mundo para embelezá-lo com sua arte. Antes disso, o artesão desempenhou os mais diversos ofícios, de biscate a vigilante. Mas foi aos 33 anos que Guariguazi se encontrou, no entalhe em madeira. Hoje, aos 54, o artesão afirma estar realizado. A trajetória do artesão teve início como um projeto pessoal. Guariguazi

zi conta que entalhava peças menores para enfeitar sua casa e sempre recebia elogios de seus vizinhos, que o incentivavam a expor as peças. Quando decidiu seguir o conselho de seus colegas, se surpreendeu ao saber que não só eles, mas muitas pessoas se interessavam por suas produções. “A minha arte levou o meu nome para o mundo. É muito reconfortante saber que, quando eu morrer, muitos pedaços meus ainda estarão vivos nas casas das pessoas. Isso aqui alimenta a alma”, afirma, orgulhoso, o artesão. Da Paraíba para o mundo, Guariguazi (sob o nome artístico ‘Guari’) já exportou sua obra para fora e, bem humorado, conta da mais recente andança de suas peças, “vendi uma obra para um argentino, aí mandei mensagem para ele chamando de ‘meu hermano’. Eles gostam, né?”. Assim como para o poeta português Fernando Pessoa “a arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta”, para Guari também é assim. “A arte mudou a minha vida. Nunca encontrei um caminho que não fosse esse. Até então eu fazia outras coisas,

mas prazer mesmo, sentia quando criava algo novo. Eu não sobrevivo disso, eu vivo disso”, relata. **Uma Paraíba de inspirações** Com olhos atentos, Guariguazi Tavares também encontra nas mais banais cenas do cotidiano a inspiração de que precisa para entalhar peças maiores em madeira umburana e criar peças menores com madeira de reaproveitamento. “Eu penso na nossa vida. Retrato as casinhas, pinto bem colorido. Vou pro interior, vejo o namoro do povo, os vendedores de leite, os agricultores, a religião e tudo isso me faz ter vontade de criar cada vez mais. Minhas raízes inspiram muito minha obra”, afirma o artesão que retrata figuras tradicionais da cultura paraibana. Estudante de Medicina Veterinária e empreendedor, Júnior Andrade, de 30 anos, precisou andar mais de dois mil quilômetros para chegar à conclusão de que tudo o que precisava para prosperar profissionalmente estava em sua terra natal, Cabaceiras. Enquanto trabalhava com vendas no Rio de Janeiro, Júnior percebeu que, com um dos principais produtos de Cabaceiras, o cou-



Foto: Oritlio Antônio

Guariguazi afirma que a arte mudou sua vida: “Eu não sobrevivo disso, eu vivo disso”

ro de bode, seria capaz de criar uma marca de calçados e bolsas com design sustentável, que transformaria sua realidade. “Quis criar uma marca própria, com desenhos autorais e que refletisse minha terra natal em tudo”, conta. Com ousadia e cheio de esperança de um futuro promissor, sem abandonar suas raízes, Júnior convidou seus dois irmãos para o projeto e, juntos, hoje eles criam o *design*, costuram e finalizam as peças da Vótti, uma marca de arte e afeto, feita à mão no Cariri paraibano. Dentre os três, Júnior é o responsável pela exposição e comercialização dos produtos, tarefa em que conta com a ajuda da mãe, que o acompanha em exposições como o 35º Salão do Artesanato Paraibano. Os calçados e bolsas criados na Vótti são produzidos com couro de bode, vaqueta (nome dado ao couro

bovino tratado especialmente para a fabricação de calçados e outros produtos que necessitem de maciez) e pneu de caminhão. “É um trabalho mais sustentável. Usamos retalhos de couro que seriam descartados por indústrias maiores e, também, os pneus de caminhão que virariam lixo”, explica o criador da marca. Com o que sobra, Júnior e os irmãos fazem produtos menores, como porta óculos, porta cartões e porta níquel. “Aqui, o retalho do retalho também é aproveitado”, diz. Pelo orgulho de quem é e de onde veio, Júnior e sua família estão mudando de vida e ganhando o mundo. Hoje, a Vótti está à venda na Paraíba, no Rio de Janeiro e em feiras itinerantes; mas, nos pés do público, as peças em couro cabaceirense já foram parar até mesmo no deserto norte-americano.

Aprendizado que começou na infância e orgulho das origens

Nos anos 1960, a adolescente Francisca de Moraes aprendeu a pintar painéis com uma técnica que utiliza cera de abelha para criar o efeito de tom sobre tom em tecidos. O método utilizado foi ensinado a ela (e a uma série de outras garotas) por um casal norte-americano que esteve em Catolé do Rocha, uma das cidades mais significativas do Sertão

paraibano para representar os Soldados da Paz. À época, Francisca, conhecida desde a infância por Mocinha, foi capaz de enxergar mais do que uma ocupação na pintura de tecidos, também viu valor naquilo que produzia, pois os painéis faziam seus olhos brilharem de alegria e encantamento. “O artesanato é algo mui-

to importante para a sociedade. É a arte local mostrando a beleza da simplicidade e a alegria da criatividade. Essa é a minha profissão. Ainda menina comecei a trabalhar assim, ganhar o meu sustento e ajudar meus pais”, lembra a senhora, de 72 anos. Devido à idade, Dona Mocinha parou de produzir há alguns me-

ses; até então, costurava e pintava os painéis. Hoje, apenas representa a organização da qual faz parte, a Cooperativa Artesanal Mista Catolé do Rocha. Embora não esteja produzindo novas peças, Mocinha ensina: para criar um painel é necessário riscar o tecido e envolver as partes que não serão tingidas com cera de abelha ou parafina; depois, o tecido deve ser mergulhado na tinta e é necessário repetir o processo em todo o desenho, sempre respeitando os pedaços que não serão tingidos com um determinado tom no momento. Para remover a cera, basta quebrá-la. E, ao incentivar que outras pessoas se aventurem na criação de novos painéis, a artesã garante que a prática é terapêutica. Mesmo não produzindo novas peças, Francisca tem orgulho de tudo o que construiu e pôde representar como artesã. “Através da minha arte, andei o Brasil todinho. Exponho no Salão do Artesanato Paraibano desde a primeira edição. Me inspirei e sei que muitos outros se inspiram na cultura nordestina, nas paisagens e na realidade da Paraíba”, diz.

za os mais diversos materiais que a natureza dá, dentre eles as sementes de linhaça, olho de boi, bananeirinha, cabaceira, castanha do Pará e pau-brasil. De valor histórico, o artesanato que Andreia faz traduz sua trajetória e, também, a de seu povo. Segundo ela, tudo o que expõe é resistência. A paraibana afirma que a produção indígena (dela e de outras pessoas) resulta em objetos decorativos e utilitários que conservam, refletem e envolvem sentimentos, lutas e tradições. “Para mim, esse artesanato é um símbolo de que nunca deixamos nossos costumes de lado, mas sim valorizamos cada um deles. Tudo isso aqui tem um imenso valor para a minha vida e também para a nossa história. Acima de uma fonte de renda, o artesanato indígena é questão de sangue; corre em minhas veias”, comenta. A artesã indígena diz, ainda, que o artesanato não está só em seu cotidiano, mas representa a sua vida. “E saber que a minha história, hoje, muda a minha realidade é de um valor imensurável”, finaliza.

Histórias de vida em exposição A história de vida traduzida em arte e assinada por Guariguazi Tavares, Júnior Andrade, Andreia Gomes, Francisca de Moraes e muitos outros artesãos da Paraíba pode ser conferida no 35º Salão do Artesanato Paraibano que, este ano, tem como tema o artesanato indígena. O salão está localizado em João Pessoa, na avenida Cabo Branco, 2260, bairro de Cabo Branco. A entrada é gratuita e os visitantes podem contribuir com um quilo de alimento não perecível. O evento acontece até o próximo dia 5, das 15h às 22h.



■ Júnior (à esquerda, no alto) produz calçados e bolsas com sobras de couro de bode e boi; a indígena Andreia (ao lado), de Baía da Traição, faz colares, pulseiras e outras peças com o que aproveita da natureza; dona Francisca, de Catolé do Rocha, pinta painéis em tecidos

VIAGENS

Hospedagem para *pets* está em alta

João Pessoa tem hotéis que aceitam animais de estimação para quem quer tê-los como companhia durante a viagem

Foto: Roberto Guedes



Tratados como hóspedes, os animais recebem atenção especial com o conforto e a alimentação em hotéis que aceitam a presença de pets como companhia dos donos

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

Hoje em dia é comum ver pessoas passeando com o seu *pet* em shoppings, praças e praias, afinal, o animal de estimação se tornou um membro da família. Em João Pessoa, existem cinco hotéis que aceitam hospedagem de *pets* e um em fase de implementação. No entanto, veterinários recomendam alguns cuidados preventivos antes de curtir a viagem em família.

O BA'RA hotel, localizado na avenida Cabo Branco, é um dos hotéis em João Pes-

soa que aceita animais de estimação na hospedagem, o chamado *Pet friendly*. O hotel elaborou um *kit* de boas-vindas para fazer da estadia um momento singular, com caminha, cabana e cardápio especial.

A gerente de Marketing, Juliana Aranha, explica que o hotel busca proporcionar uma experiência diferenciada a todos os hóspedes, inclusive aos de quatro patas. “Quando o hóspede faz o registro de entrada no hotel, já recepcionamos o *pet* com água. Nosso objetivo é proporcionar conforto ao *pet*, afinal, ele é um mem-

bro da família, sendo tratado como hóspede”, declarou.

No entanto, assim como todo estabelecimento que aceita animais de estimação no ambiente existem regras. O *pet* pode transitar por todos os ambientes do hotel, exceto a área de alimentação e piscina. “Como é pouco tempo, os hóspedes geralmente deixam o *pet* no quarto. Se o hóspede preferir tomar café da manhã no quarto, podemos levar a refeição até lá”, informou.

Os amigos de quatro patas também merecem aproveitar o melhor de João Pessoa e relaxar com todo conforto, co-

meçando pela alimentação. Os tutores podem optar por refeições naturais elaboradas pela *chef* Carol Panarotte em conjunto com o veterinário Enio Cordeiro. Conforme a *chef*, os pratos são proteínas saudáveis e tubérculos que também atendem ao público *pet* com restrições alimentares. No *menu petfriendly* é ofertado salmão com cubos de inhame e bode com batata-doce.

“Eu sempre tive animais em casa e sei da dificuldade de sair com eles, então, tivemos a ideia de montar um cardápio para tornar a hospitalidade mais aconchegante. Os

pets aprovaram o cardápio”, contou.

O Happy Hotel Manaíra, localizado em Manaíra, ainda não recebe hóspedes com animais de estimação, mas a empresa está se organizando para ofertar este serviço, pois tem sido uma tendência na rede hoteleira. A atendente de reservas, Kelliane de Brito, informa que haverá restrições na hospedagem.

“O animal tem que ter até cinco quilos e estar com o esquema de vacinação em dia. O *pet* dorme no quarto do cliente, mas qualquer eventualidade é responsabilidade dele.

Estamos em processo de implementação ainda, a meta é oferecer o serviço a partir de fevereiro”, declarou.

Em João Pessoa, os hotéis que aceitam animais de estimação são: Oceana Atlântico Hotel, Hotel Cabo Branco Atlântico, BA'RA hotel, Hplus e Village Premium. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH-PB), Rodrigo Pinto, informou que fica a critério dos hotéis e pousadas oferecerem este serviço. “A ABIH-PB não faz nenhuma recomendação a respeito, cada hotel é independente para estabelecer suas regras”, declarou.

Hotelzinho ou creches também são opções para os tutores

A Creche do Papai, localizada em Manaíra, é uma opção para tutores de cães que vão viajar, mas não querem deixar seu bichinho sozinho em casa nem contar com a ajuda de um familiar para alimentá-lo. Além do hotelzinho, o estabelecimento oferta o serviço de creche aos animais.

De acordo com o proprietário-sócio Gutemberg Sena, o perfil dos clientes são tutores que vão viajar a lazer. “São poucos os que viajam a trabalho, mas a maioria é a passeio. Eles preferem deixar na creche do que levar para a viagem porque muitos lugares não são *pet friendly*. Logo, os clientes acabam ficando preocupados em deixá-lo sozinho no hotel”, analisou.

Além de serem bem cuidados, a vantagem da creche é a socialização com animais do mesmo porte físico. Mas para garantir uma estadia segura do animal, o proprietário Thiago Carvalho explica que é feito uma avaliação do comportamento dos animais e também avaliação clínica. “Nós seguimos vários protocolos antes de aceitar a hospedagem do animal. Só aceitamos animais que estejam vermifugados, com o remédio do carrapato e o esque-

■
Esquema de vacinação e a socialização são cuidados necessários para quem vai deixar o animal em abrigos antes de viajar

ma de vacina em dia. Fazemos também alguns testes para avaliar a socialização do bichinho com outros cães de mesmo porte para ter certeza que é sociável”, frisou.

Em alta temporada e feriados prolongados, as estadias dos *pets* são mais longas. “No final de ano e férias as estadias são mais longas, em média 20 dias. Nos feriados como São João e Carnaval a procura por hospedagem aumenta bastante”, revelou Gutemberg. A diária da hospedagem custa R\$ 60.

Esquema vacinal

O animal de estimação só pode passear ao ar livre depois que concluir o ciclo de vacina, geralmente feito até os quatro meses de vida

Foto: Arquivo pessoal



Os sócios Gutemberg Sena e Thiago Carvalho, proprietários da Creche do Papai; a jornalista Rafaela Gambarra e Capitu



Foto: Arquivo pessoal

do *pet*. Em relação a viagens, a maioria dos destinos são viagens curtas e, geralmente, para regiões litorâneas.

O veterinário e proprietário-sócio da Clínica Minha Cria, William Silvério Costa, recomenda alguns cuidados preventivos como protetor de pulgas e carrapatos, o uso de coleira contra leishmaniose, medicação contra a verminose

do coração e outras doenças parasitárias.

“O animal fica vulnerável ao mosquito da leishmaniose, pois o Litoral Sul e Norte são áreas totalmente endêmicas, principalmente no Conde, Jacumã e Lucena. Além de ficarem suscetíveis a pulgas e carrapatos, estes parasitas são transmissores de várias doenças, além de alergias de pele.

O ideal é fazer a prevenção antes, saindo muito mais barato que o tratamento”, alertou. Outra dica importante é respeitar os horários de passeio, não expondo o pet a altas temperaturas. “Exposição ao sol na praia em horário inadequado pode provocar desidratação no animal e queimadura na patinha

A jornalista Rafaela Gam-

barra é tutora de Capitu, uma “salsichinha” com quatro meses de vida. O animal ainda não pode viajar porque não concluiu o esquema de vacinas. “Capitu está medicada contra pulga e carrapato. Levo para passear diariamente no prédio, mas ainda não viajei com ela porque só vai concluir o ciclo da vacina no final deste mês”, revelou.

LIVROS

Impressos resistem em livrarias

Fidelidade de leitores faz sebos e lojas de Campina Grande sobreviverem à concorrência com as mídias digitais

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Mesmo com o avanço das mídias digitais, a falta incentivo para que se tornem mais acessíveis ao grande público, os livros continuam sendo muito procurados. Em Campina Grande, região do Agreste do Estado, livrarias e sebos administram a oscilação do mercado, mas constata fidelidade do público. Títulos da literatura de fantasia infantojuvenil têm crescido e é visto pelo setor como o responsável por uma parcela considerável das vendas. A Guerra dos Tronos, Harry Potter, A Arma Escarlata estão entre os mais procurados.

Proprietário do mais tradicional sebo de Campina Grande, o Cata-livros, Ronaldo Roberto Andrade atribui o aumento do consumo desses títulos de fantasia à influência dentro das escolas e por estarem em moda. “É uma forma do professor incentivar os estudantes a se prepararem para o grande calo do Enem, a redação, e mostram que ou eles procuram ler, ou terão muita dificuldade pra desenvolver. E como esses livros são de mais fácil leitura, de conteúdo que os interessa, e uma literatura meio que água com açúcar, passam a ser consumidos. Mas não deixa de aprimorar quem a lê e a ter mais conhecimento”, analisou. Esses livros, no sebo, custam entre R\$ 15,00 e R\$ 25,00.

Ele lembrou que após a pandemia, a faixa etária que mais procura seu estabelecimento são pessoas na faixa etária de 18 a 28 anos de idade. “Antes tínhamos por aqui promotores, juízes, aposentados, só que ainda não voltaram totalmente à vida normal. Tenho um amigo e cliente que antes passava frequentemente no sebo, batia um papo informal comigo, comprava três quatro livros, no entanto, depois do início da pandemia não voltou mais, continua resguardado. Esse problema de saúde mundial afetou muito a vida das pessoas, principalmente as que tem acima de 50 anos”, frisou.

Ronaldo destacou que apesar de novos títulos, como os de fantasia, estarem no topo das vendas, clássicos da literatura brasileira e autores consagrados não deixam de ter saída, a exemplo de William Shakespeare, Machado de Assis, Gabriel García Márquez, Manuel Bandeira, José Saramago, Luiz de Camões, são procurados cotidianamente.

Na livraria Nobel, localizada no Centro da cidade, a gerente kero-layny Benício, ratificou a variação entre os mais procurados de acordo com o gênero literário, igualmente com a faixa etária. “Temos muitos adolescentes que buscam fantasia infantojuvenil e romances com representatividade. Fantasia, ficção científica e policial são outros nichos também de interesse”, frisou.

Mas o desejo dos leitores por livros de autoajuda, desenvolvimento e empreendedorismo têm sido notáveis. Os títulos estão sendo retirados das prateleiras das livrarias com uma frequência crescente. “Política, história e filosofia idem”.

A gerente informou que as dificuldades do setor são constantes, visto a ausência do poder público em manter ações que estimulem a leitura. “Lidar com cultura em nossa sociedade não é fácil. Essa falta de incentivo e de políticas públicas dificulta bastante o nosso trabalho. Mas como formiguinhas, seguimos fazendo a nossa parte em tentar disseminar conhecimento e entretenimento”.



Fotos : Fabiana Veloso

Títulos da literatura de fantasia infantojuvenil têm crescido e são vistas pelo setor como o responsável por uma parcela considerável das vendas

Vendas de fim de ano renovam esperanças para o pós-férias

No último mês de dezembro Ronaldo viu as vendas aumentarem substancialmente mais uma vez. Ele afirmou que o final de ano é um período em que as pessoas procuram bastante seu estabelecimento. “Sempre em dezembro temos uma movimentação mais intensa dos que amam a leitura. É aquele público que está entrando de férias, que vai passar um tempinho longe do trabalho e quer aproveitar para ler um bom livro. As vendas também acontecem já que muitos ainda escolhem livros pra presentear”, considerou.

Já agora em janeiro as vendas de livros, assim como outros seto-

res do comércio varejista da cidade, reduziram, fato costumeiramente observado em virtude da saída de muitas pessoas para viagem e o período pós-festas, em que os consumidores, tradicionalmente, gastam mais. “Teremos uma retomada dessas vendas após o carnaval, quando o ano de fato, terá início”.

Ronaldo tem dois sebos de livros na Rainha da Borborema, localizados no Centro da cidade, e comerciante bastante conhecido na cidade. No próximo mês de março ele completará 37 anos atuando com essa atividade em Campina Grande. Nos seus dois depósitos são mais de 45 mil títulos a disposição dos clientes.

Performance dos impressos técnicos não é das melhores

Todavia, a comercialização de livros técnicos não tem tido uma boa performance e a baixa procura tem deixado o setor pessimista. “Nos dias de hoje um estudante que precisa de conteúdo específico, entra na internet e o encontra rapidamente, tira cópia e consome apenas aquele assunto que o interessa e está resolvido o seu problema”, disse Ronaldo.

Ele destacou o setor do Direito como um dos mais afetados pela baixa das vendas. “Antes os profissionais dessa área procuravam ter em sua biblioteca coleções de livros para se manter atualizados. Agora, qualquer alteração que se promova em um código, em uma lei, é disponibilizada em questão de minutos por

órgãos e entidades por meio das páginas de endereços eletrônicos. Isso abalou demais a venda de exemplares”, explicou.

Pesquisa

Pesquisa coordenada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) mostram que em 2021 foram comercializados 409 milhões de exemplares no Brasil, contra os 354 milhões de 2020, um crescimento de 15,4%.

No ano passado, foram produzidos 391 milhões de exemplares, um crescimento de 24,3% com relação a 2020, quando as editoras pisaram no freio por causa da pandemia.

EM PATOS

Vendas aumentaram em até 85% durante a pandemia

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Períodos pandemia e pós-pandemia aumentaram as vendas de livros em Patos. O período conturbado da pandemia do Covid-19 fez com que o hábito da leitura crescesse entre os patoenses. De acordo com Elemaria Lacerda Moreira, gerente da Livraria Nobel, localizada no Guedes shopping, em Patos, no Sertão do Estado, o aumento na venda de livros foi de 85% entre os anos 2021 e 2022, em comparação ao mesmo período de 2020. “As pessoas tinham mais tempo de permanecer em casa e via no livro uma companhia, uma distração. Uma viagem lúdica que você poderia fazer dado o momento que não permitia você se locomover tanto”, enfatizou a supervisora. Elemaria disse que durante o período a procura maior foi por livros de autoajuda. “Por incrível que parece o livro que mais saí aqui é “Minutos de sabedoria” de Carlos Torres Pastorino. Que é um pequeno livro de bolso repleto de pensamentos que inspiram e alentam. Ele vem com reflexões, pensamentos, conselhos curtos e penetrantes que auxiliam nas horas difíceis e, nos momentos leves, alegres e elevam a alma. Os temas são de serenidade, paz e harmonia. Ele é o tipo de livro que não pode faltar”, enfatizou Elemaria Lacerda. Elemaria sentiu não só o aumento das vendas, mas também o engajamento das pessoas no clu-



Fotos : Lusângela Azevêdo

Lojas de Shopping têm boa variedade; público também é atraído pelo conforto



Um lugar para ler

bro. Realizamos também a ginca-na literária com os jovens. E essas estratégias deram super certo, tanto é que continuamos até hoje, só que com um número maior de pessoas”, afirmou Elemaria Lacerda. A gerente atribuiu ainda o aumento na venda de livros aos eventos literários. “A pessoa vem aqui prestigiar o lançamento de um livro, e de repen-

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO PESADA E DA CONSTRUÇÃO CIVIL E DO MOBILIÁRIO DAS REGIÕES DO BREJO AO SERTÃO DO ESTADO PARAIBA-PB. COMPOSIÇÃO DA CHAPA DE ELEIÇÃO PARA O DIA: 10 DE MARÇO DE 2023 CHAPA ÚNICA		
DIRETORIA EFETIVA	CONSELHO FISCAL EFETIVO	DELEG. REP. JUNTO FEDERAÇÃO
José de Anchieta Araújo Lucas Félix da Silva Amaro Otaviano da Silva	Luciano de Gouveia Lima Cícero de Sousa Erinaldo Dionísio dos Santos	José de Anchieta Araújo Givaldo Soares Ramos JR
SUPLENTES DIRETORIA	SUPLENTES CONS. FISCAL	SUPL. DEL. REP. NA FTI/PB
César de Araújo Otávio Soares de Araújo Nilton da Silva Gomes	José Sérgio da Silva André Lucas Félix da Silva	Inácio Soares de Lima
SECRETARIA FORM. POLITICA	SECRETARIA ESP. LAZER	SECRETARIA DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO
José Sérgio da Silva André César de Araújo	Daniel Tavares Amaro Otaviano da Silva	Célio Martins de Sousa Otávio Soares de Araújo
SECRETARIA DA MULHER	Josina Ana de Queiroz	Maria da Conceição Cunha
Campina Grande/PB, 16 de janeiro de 2023 José de Anchieta Araújo PRESIDENTE		



Fotos: Secretaria de Cultura e Turismo de Juarez Távora

Municípios

JUAREZ TÁVORA

Cidade alia turismo rural e tradição

Município também tem forte tradição no artesanato do labirinto, da cultura do couro e da produção de fava

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Juarez Távora ou apenas “Juarez” para a maioria dos seus moradores, é uma cidade localizada na microrregião de Itabaiana e abre a rota do Brejo Paraibano pela PB-079. Em julho de 2023, o município completa 64 anos de emancipação política.

A cidade está localizada na região intermediária e imediata de João Pessoa e mesorregião do Agreste Paraibano. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Juarez Távora tem uma área territorial da cidade de 75,678 km e uma população estimada em 8.014 pessoas (dados de 2021).

Emancipado desde o dia 16 de julho de 1959, o município está 88,50 km distante da capital paraibana e limita-se com os municípios de Gurinhém, Mogei-ro, Ingá, Serra Redonda e Alagoa Grande.

De acordo com o secretário de cultura e turismo de



“Juarez” investe no turismo sustentável e na educação

Juarez Távora, Fabrício Cabral, Juarez Távora é uma cidade turística e cultural onde a produção de couro e algodão colorido estão entre as suas principais atividades econômicas. A maior parte da sua população vive na área urbana e outras fontes de rendas importantes para a região são a Prefeitura (por meio de seus servidores) e o comércio local.

A agricultura é outro meio de sobrevivência para muitos moradores, em especial pelo plantio e colheita da fava, que é um dos principais pratos disponíveis nos bares e restaurantes da cidade. “A fava se destaca porque Juarez já teve recorde na colheita de grãos. Durante anos, a fava vem sendo o principal grão de colheita da cidade”, disse.

Com relação ao algodão colorido, ele diz que a Prefeitura percebe que a nova geração de habitantes, não está mais se dedicando ao cultivo do algodão e, por isso, existe uma grande dificuldade em obter mão de



Artesanato projeta cidade

obra. “O cultivo do algodão colorido está sofrendo dificuldades e há uma preocupação com o futuro porque a nova geração não está se dedicando a essa produção. Isso faz com que muitos não tenham como lidar com o algodão colorido ou então restringir a quantidade dessa produção”, pontuou Fabrício Cabral.

A cultura é fortemente baseada no artesanato, através do labirinto. Mas, é a produção do couro que hoje gera renda para o sustento de boa parte das famílias da cidade. “Nos anos

1980, as famílias com mais recursos de Juarez Távora e as famílias tradicionais de João Pessoa só casavam se tivessem uma peça de labirinto, que era o artesanato principal das décadas de 1980 e 1990. Porém, esse artesanato sofreu uma queda na comercialização muito grande.

Por isso, a Prefeitura Municipal de Juarez Távora tem realizado um trabalho voltado à valorização das suas características turísticas e culturais, fortalecendo o pertencimento entre os moradores. Por isso, em parceria com o Sebrae, hoje uma das metas é a profissionalização do turismo e cultura da cidade. “Naturalmente, a cidade tem vocação para o turismo e a cultura. O seu forte é o labirinto e o couro. Além disso, ano passado, as duas quadrilhas da cidade foram se apresentar no Parque do Povo em Campina Grande. Isso mostra o quanto a questão da cultura local é intensa”, declarou o secretário.

Festas tradicionais movimentam economia

Entre as principais festas da cidade estão a da emancipação política (comemorada no dia 16 de julho), a festa em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores (em setembro) e os festejos do São João. Este último acontece através do “São João nos bairros”, com celebrações nos bairros durante o mês de junho.

Outro evento que se tornou a marca de Juarez Távora é o das vaquejadas, que acontece nos parques Progresso e Boa Sorte. A cidade recebe ainda a cavalgada, há 14 anos, e as comemorações do Dia das Crianças.

A cidade realiza também festas durante o carnaval, mas uma parte da população sai para as cidades do Litoral e, por isso, o público é menor. A maioria dos eventos acontece na Praça da Igreja Matriz de Nossa



Cavalgada é marca local

Senhora das Dores e, segundo o secretário de cultura e turismo, aquecem a economia movimentando setores como comércio e alimentação. “Nessas festas, vários grupos musicais são convidados e a cidade fica cheia porque é o momento de quem não é daqui, mas tem parentes ou amigos ou mesmo quem ouve falar, vem para a cidade”, destacou.



Festas como a do Dia das Crianças lotam o Centro

Desenvolvimento do turismo sustentável

Um dos pontos turísticos mais visitados em Juarez Távora é o assentamento Margarida Maria Alves, que recebe pessoas do mundo inteiro. “Juarez Távora foi uma das primeiras cidades a desenvolver o algodão colorido na zona rural. As pessoas se deslocam para ver como é feita a sua produção e conhecer também todo o maquinário. A produção de algodão colorido fica no assentamento”, adiantou Fabrício Cabral.

No espaço onde é produzido o algodão colorido, existe o galpão da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa,

local no qual ocorrem os testes, o manuseio do algodão e a finalização de todo o processo. Os visitantes podem ver como essa produção é feita na prática.

Na Serra do Cruzeiro acontecem trilhas esportivas (trilha do cruzeiro) e caminhadas de fiéis. O cruzeiro fica praticamente no meio da cidade e na sua parte mais alta é possível ver toda a região.

Conforme o secretário de cultura e turismo, um novo atrativo turístico ficará acessível à visitação: a Pedra do Padre, localizada no Sítio Quirino. “Existe uma história por trás dessa pedra e, por isso, estamos

dialogando com a comunidade para que o turismo nesse local seja um turismo sustentável.

A secretaria fez um levantamento dos possíveis atrativos e potenciais turísticos, além de catalogar os mais de 300 artistas locais, incluindo, pessoas que trabalham com couro (230 pessoas), labirinto, com cerca de 20 labirinteiros, e demais artistas.

História

De acordo com o IBGE, no local onde hoje está localizada a sede do município de Juarez Távora, surgiram as primeiras construções que, por vol-

ta de 1880, formavam a fazenda “Água Doce”, cujo proprietário era Joaquim Honório.

Pouco tempo depois, novas casas foram construídas, e o local se tornou um povoado. Esse aglomerado urbano continuou com o nome “Água Doce”, devido a uma cacimba de água potável nas proximidades e a água tinha gosto açucarado. No entanto, após a revolução de 1930, os habitantes da Vila fizeram um movimento para alterar o nome do povoado, pois queriam homenagear o militar Juarez Távora, que participou da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder.

Filhos ilustres e defensores do labirinto

Segundo Fabrício Cabral, o tavorense é conhecido pela receptividade e talento com o labirinto. “São pessoas simples, mas com uma receptividade muito boa”, disse. As labirinteadas estão presentes na história de Juarez Távora em diversos aspectos, por fazer parte das melhores lembranças de suas famílias.

Vários filhos ilustres estão ligados ao setor cultural, como Eunice Cabral, Anaísa Cristóvão e Jose-

fa Evangelista, que contribuíram importando e exportando o labirinto.

Antônia do Nascimento, conhecida como Antônia Simião, é mestra no Labirinto e está expondo seu trabalho no 35º Salão de Artesanato Paraibano.

Outros cidadãos reconhecidos na cidade são o ex-prefeito Alberto Mendonça, a escritora e Jornalista Maria da Paz Sabino, além do ex-prefeito Marcus Odilon.

Produção de labirinto

A produção do labirinto resistindo ao tempo e à tecnologia. Muitos moradores têm conseguido vender peças para os estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte e nas principais cidades da própria Paraíba. O labirinto é uma arte passada de geração em geração pelas famílias e, em algumas delas, todas as mulheres conhecem a técnica e a adotaram como principal

fonte de renda. Para outras, ela era aliada ao segundo meio de sobrevivência já que o primeiro era a agricultura.

Assim, hoje ocorre um trabalho de base não apenas com as labirinteadas, mas também desenvolvendo um projeto de incentivo nas escolas. A proposta da prefeitura é promover o conhecimento, a conscientização e fortalecimento desse artesanato nas salas de aula.

PATRIMÔNIO

Santuário da obra de um mestre

Localizado na orla da capital paraibana, conheça alguns detalhes presentes no Museu Casa de Cultura Hermano José

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Os cavaletes e os seus últimos quadros em formas e traços geométricos permanecem lá, colocados com vista para o mar do Bessa. A natureza que se transformou na paisagem vista de sua janela parece ainda aguardar no tempo por um de seus maiores aprendizes, o artista plástico, poeta e ecologista Hermano José (1922-2015). O terno de veludo *cotelê* marrom pesando em um cabideiro. Duas dezenas de relógios de algibeira. As frias flores azuis da porcelana Monte Sião. Um vinil de Clara Nunes ao lado de Villa-Lobos. Um conjunto de goivas. A cama. O RG. Todos os mais de 7.500 itens divididos em variados acervos parecem agora querer salvaguardar a história do homem que era considerado o guardião das artes, no Museu Casa de Cultura Hermano José (MCCHJ).

Se era junto ao mar que ele se sentia em casa, foi lá onde ele decidiu morar desde 1979, quando a área hoje tomada pela especulação imobiliária era ainda inóspita, quase selvagem. O imóvel doado poucos meses antes de sua morte, aos 93 anos, à Universidade Federal da Paraíba, onde ele era professor, abriga a vida de quem se transformou em arte e em referência humana, estética e artística. Lá, onde o profissional influente recebia amigos e familiares, hoje recebe estudantes e curiosos que buscam entender porque os temas para os quais ele se dedicou são tão importantes. “Ele amava tanto a arte e a natureza que queria que a gente bebesse um pouco dessa fonte”, afirma a jornalista Gabriela Luna, que há cinco meses coordena o museu – justamente quando se lembra do centenário de nascimento de seu patrono.

Hermano José sempre teve o sonho de criar um museu de artes plásticas no estado, algo que jamais conseguiu nos moldes que pretendia desde quando foi assessor dos governadores Ivan Bichara e Tarcísio Bu-

rity, chegando inclusive a se demitir de cargos públicos quando percebeu que não alcançaria o seu objetivo. O museu que leva o seu nome, e que só pode existir com a sua morte, lembra dessa luta, que, em 1987, resultou na criação da pinacoteca da UFPB, o primeiro espaço desse tipo em João Pessoa. “Esse museu é fruto de um desejo muito forte de que tudo aquilo que ele construiu durante a carreira não fosse perdido com a partida dele. Tudo aquilo que ele abraçou a vida inteira, como a causa ambiental e as artes plásticas”, acrescenta a coordenadora, que visitou a casa por duas oportunidades para entrevistar seu célebre morador.

Para quem vai ao espaço que fica aberto de segunda à sexta, das 8h às 16h, e tem entrada gratuita, é fácil perceber que a própria casa quer contar um pouco da rotina de Hermano José e as facetas de um homem de variadas linguagens artísticas. Está lá, na biblioteca com cerca de três mil volumes, sua última publicação de poemas, *Anotações no tempo*, ao lado de um acervo de livros de História da Arte, Cultura Popular e Poesia, muitos deles raros, como os exemplares de *Dom Quixote* com quase 200 anos. Ainda na biblioteca, estão dois quadros com os traços típicos de seu artista, um que retrata a Igreja de Nossa Senhora da Guia

e, noutro, a ladeira na lateral da Basílica de Nossa Senhora das Neves. Com obras expostas no Museu Metropolitano e no de Arte Moderna, ambas em Nova York, EUA, as pinturas de maior valor de Hermano José não estão no MCCHJ por uma questão de segurança e por um necessário cuidado de controle de temperatura, umidade e iluminação.

Ao longo dos dois pavimentos, a faceta de um colecionador-acumulador. Faqueiros de prata com dezenas de peças, para ele que dividia o imóvel apenas com um caseiro, e um sem número de artigos de arte sacra de todos os tipos, para ele que sequer professava a fé cristã. Nas paredes, azulejos produzidos por artistas de renome como Miguel dos Santos, Francisco Brennand e J. Borges. Registros fotográficos ajudam a remontar a trajetória de um operário do teatro. Diretor, cenógrafo, sonoplasta e figurinista, Hermano José contribuiu com a primeira apresentação da *Paixão de Cristo*, em João Pessoa. A estreia nos palcos foi com a peça *Cantam as Harpas de Sião*, de Ariano Suassuna, que teceu grandes elogios ao espetáculo.

Outra foto histórica protegida por uma redoma é a que mostra uma comitiva no sopé da falésia do Cabo Branco. Entre técnicos e autoridades políticas, Hermano José divide

a cena com o amigo Roberto Burle Marx. A ponta do Cabo Branco que de longe se vê a partir de sua casa era uma de suas fixações enquanto artista plástico. Mas não apenas. A proteção ambiental e a qualidade de vida de João Pessoa que se escora na lei que impôs uma restrição do gabarito na orla marítima de João Pessoa tem a assinatura do trabalho e empenho de Hermano José.

No MCCHJ existem três galerias para exposições temporárias que promovem uma convivência entre as peças de Hermano José e de diversos outros artistas. Uma pertinente lembrança de como o artista nascido no Engenho Baixa-Verde, em Serraria, era um ativista cultural e sempre abriu espaço para o trabalho de outros profissionais, como os seus ex-alunos Archidy Picado, Flávio Tavares, Miguel dos Santos, Fred Svendsen, Clovis Jr., entre outros. Uma das mudanças previstas neste local diz respeito à curadoria para a ocupação das exposições temporárias. Deve entrar em vigor ainda este mês o lançamento de editais nacionais para a ocupação do museu. “A nossa maior missão é dar vida a esse espaço. Fazer com que as pessoas venham até aqui e participem do museu. Esse lugar só tem sentido se as pessoas se apropriarem desse espaço”, defende Gabriela Luna.

Defronte da Praia do Bessa, equipamento cultural que era a residência do artista fica aberto de segunda à sexta-feira, das 8h às 16h, com entrada gratuita

Apesar do chamamento, o local tem a calma de seu baixo movimento de pessoas. Um contraste com o bairro repleto de comércio, bares e restaurantes, mas que carece de equipamentos culturais como um museu. Atrair o público para lá ainda é um dos maiores desafios do MCCJH. “Com frequência, nós detectamos nichos de público e nós oferecemos transporte gratuito para estudantes da rede municipal e estadual de ensino. Nós vamos atrás desse público e ministramos oficinas aqui. Essa é uma das estratégias. Outra, é a realização de eventos”, cita Luna. Um desses eventos é o lançamento do livro-reportagem *Maestro Chiquito: o metalúrgico dos sons*, do jornalista e músico Adeildo Vieira, a ser realizado na próxima quinta-feira (dia 26).

Lembrado pelo poema *Duas vezes não se faz*, cujas palavras estão gravadas na parede do museu, Hermano escreveu: “Não se faz o mundo duas vezes: / Duas vezes a Lua / Duas vezes o Mar.” Duas vezes também não se faz a história do artista que legou, mesmo após a sua morte, uma força de resistência para que se preserve de forma sustentável o patrimônio natural e cultural paraibano.



Museu tem mais de 7.500 itens, divididos em variados acervos que salvaguardam a história do artista plástico, poeta e ecologista Hermano José (1922-2015), coordenado pela jornalista Gabriela Luna (acima)

Foto: Roberto Guedes

Fotos: Roberto Guedes

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Desencantamento



Foto: Reprodução

Entre pensadores da Sociologia, Max Weber (1864-1920) é um dos mais influentes

O principal efeito do intelectua-
lismo moderno foi o desencanta-
mento do mundo. O progressivo
acúmulo de conhecimentos possibi-
litados pela ciência e a crescente ra-
cionalização da vida moderna, po-
rém, não significaram um aumento
do conhecimento individual a res-
peito das condições de vida.

Num questionamento a respei-
to do desencantamento do mundo,
Max Weber pergunta se a ciência
poderia apresentar alguma signifi-
cação que não seja pura técnica. Ele
retoma, então, uma questão formu-
lada por Tolstói: “A morte é ou não
é um acontecimento que encerra
sentido para um moderno?” A res-
posta é não.

Não há sentido, porque a vida in-
dividual do civilizado é guiada pela
ideia de “progresso”.

A mudança é parte da dinâmica
e do espírito desse mundo que nos
faz esperar sempre por algo novo e
melhor.

Como conciliar nossa finitude
com uma sociedade marcada pela
mudança e a expectativa de novi-
dades infinitas?

De que forma podemos construir
projetos de longa duração?

Como é possível obter seguran-
ça e conhecer a verdade?

Na visão de Weber, a moderni-
dade nos lançou fora do fluxo or-
gânico da vida. Ao contrário de um
personagem histórico como Abraão
e dos antigos camponeses que po-
diam experimentar a sensação de
plenitude, devido à tradição e à im-
portância dos ciclos naturais. O in-
divíduo moderno não seria capaz
de se sentir pleno de vida, já que o

fluxo do progresso significaria no-
vidades tecnológicas, acúmulos de
novos conhecimentos, transforma-
ções das cidades, dos estilos de vida
e dos valores.

No entanto, nada o impede que
se sinta “cansado de viver”, já que
experimenta o instantâneo e nun-
ca a totalidade. Ele é tomado por
uma sensação de incompletude, de
ausência.

Sua felicidade é fugidia.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Arte e a realidade



Foto: Reprodução

Polímata, poeta e escritor alemão Goethe

A Filosofia da Arte, também a
Estética, analisam o princípio que
materializa a relação entre a arte e
a realidade ou entre o gênio/artista
criativo e a natureza, compreendi-
da em termos de mundo humano e
realidade social, e não como objeto
de imitação. Diante desse conflito, a
fim de solucioná-lo, tem-se a contri-
buição do polímata, escritor e poeta
alemão Johann Wolfgang von Goe-
the (1749-1832), que evidenciava a
relação entre o poeta e a nação, entre
a obra clássica nacional e a história
do povo. Por isso, ao longo da sua
atividade artística, permanecia au-
têntico com os seus princípios esté-
ticos e filosóficos.

Em seu ensaio *Antigo e contempo-
râneo* (1818), Goethe escreve isto: “O
talento nato é imprescindível para a
criação, mas ele necessita de condi-
ções propícias para o seu desenvolvi-
mento artístico. Ele não pode deixar
à sua altura, mas também não pode
levá-la à perfeição se a época não o
beneficia” (1992, p. 374). Esse argu-
mento inspira a ideia de que a ne-
nhuma época é recusada a capacida-
de de gerar gênios, porém, nem toda
época é capaz de desenvolvê-los. Por
isso, contra a tese de que a natureza
produz regras para o artista criativo,
fundamenta o princípio de que é a
nação que inspira o “gênio poético”,
geralmente está representada em
suas obras de arte.

Noutro seu livro *Poesia e verdade*
(1811), Goethe afirma: “Toda poesia
nacional inevitavelmente é vã ou tor-
na-se vã se não está enraizada à mais
importante para o homem – sobre
acontecimentos da vida dos povos e
seus líderes quando eles mutuamen-
te se apoiam” (1992, p. 257).

Wolfgang von Goethe eviden-
ciava o valor do verdadeiro artista
quando priorizava na sua arte as
identidades e/ou necessidades na-
cionais. E não admitia aqueles que
só se submetem a servir aos interes-
ses de uma multidão, porque o mais
perigoso para o talento é servir aos
desejos momentâneos de interesses
partidários. Afirmava que a melhor
condição para o desenvolvimento da
arte é a liberdade. Ao contrário, em
regime de tirania, o artista se fecha
em si, torna-se subjetivo. Diante dis-
so, a subjetividade, enquanto caracte-

ristica predominante na arte, revela o
declínio e o empobrecimento de uma
época. Goethe sempre expressava a
sua objetividade artística, com a fi-
nalidade de forçar o contraste com a
época em que se vive.

O livro do poeta e escritor ale-
mão Johann Peter Eckermann,
Conversações com Goethe (1836), é o
resultado das anotações diárias e
de observações de seu secretário
Eckermann. Essa obra define a ima-
gem de Goethe para a posteridade,
e a sua intensa convivência no co-
tidiano – desse poeta – em seus úl-
timos nove anos de vida. Também
dá visibilidade de conhecer melhor
a sua época. Os temas apresenta-
dos são sobre literatura, pintura,
música, teatro, filosofia, ciências,
religião, política. Tudo isso ainda
influencia a cultura ocidental. Nes-
se livro, encontra-se esta frase de
Goethe: “Eu era diferente dos meus
contemporâneos, porque eles eram
subjetivamente determinados, ao
passo que eu, com meu intuito ob-
jetivo estava em desvantagem e pu-
ramente só.” (Goethe apud Ecker-
mann, 2007, p. 92).

Naquela época, próximo do final
do século 18 e início do século 19,
Goethe, diante do subjetivismo do
primeiro romantismo alemão, defi-

ne aquele romantismo como doença
espiritual. No seu livro *Poesia e ver-
dade*, Goethe afirma que: “O clássico
é são; o romântico, doente” (1992, p.
638). Diante disso, percebe-se que
as suas reflexões sobre a arte estão
fundamentadas na receptividade
entre os artistas e as culturas: “Toda
arte se constrói na base de recepti-
vidade” (Goethe apud Eckermann,
2007, p. 173).

Wolfgang von Goethe sensibiliza
a todos de que o verdadeiro artista,
conforme a sua originalidade, trans-
forma as ideias em algo próprio e vi-
ce-versa, e o artista imperfeito imita
do outro. Por causa disso, a busca da
própria autenticidade criativa e da
técnica de produzir a obra de arte,
a estética goetheana prioriza a sen-
sibilidade poética e preserva o vín-
culo racional entre arte e natureza
a partir da sensibilidade poética da
realidade social.

Também, observa-se – no seu
pensamento – que não se pode pen-
sar que a realidade é isenta da poe-
sia, porque o poeta tem sentidos
agudos para descobrir na cotidia-
nidade banal um sentido poético.
A realidade deve engendrar os im-
pulsos, as coisas a serem reproduzi-
das... em princípio não há objeto real
isento de sentido poético.

Sinta-se convidado à audição do
404º Domingo Sinfônico, deste dia
22, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB
sintoniza FM 105,5 ou acesse através
do aplicativo radiotabajara.pb.gov.
br. Apresentarei as peças do compo-
sitor e regente tcheco Antonín Leo-
pold Dvorak (1841-1904).

Ele foi influenciado pelo primeiro
romantismo alemão e contribuiu para
construir o nacionalismo da Repúbli-
ca Tcheca. Esse romantismo – na mú-
sica erudita – é caracterizado pela ex-
pansão às estruturas formais de uma
composição, que permite técnicas que
se tornem mais expressivas para uma
valorização do indivíduo diante da
coletividade, também contra o enges-
samento do racionalismo para com a
sensibilidade, bem com a espontanei-
dade da cultura que existe em cada
pertencimento de uma comunidade.
Esses ideais fortaleceram as identida-
des de cada país como forma de mas-
sificar a cultura de uma nação.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A felicidade

Carícias são próprias da felicidade,
carícias me encham de saudade. Carícias
nunca quis casar com Seu Aborrecido.
Nunca. Carícias são coisas belas, que saltam e
chegam à pele.

Volto a Gerald Thomas. Já estava acabando
a entrevista, quando indaguei: Você está feliz,
Thomas? “Você está Kubi? Vejo daqui do
computador que você está usando uma camiseta
com uma prancha de surf no teto de um Fusca,
você é bonito e sei que você está feliz”. *Thank
you*, Thomas!

A felicidade não está na transa, o que existe ali,
são corpos e prazeres, o gozo eterno que nada tem
a ver com a felicidade. E o que é a felicidade? Não
sei. Talvez a brisa. Tem mais a ver com o sentir, que
muitas vezes não percebemos.

A felicidade não bate na porta, entra sempre
silenciosa e logo proporciona o êxtase natural, sem
que ela precise marcar a hora de chegada ou saída.
E vai embora pela mesma porta? Não, ela flutua. Eu
já estive entre os vagos da beleza dela mesma.

Felicidade repleta de cenas desenhadas,
ilustrações, fotografias, cinema, e muitos outros
motivos de interesse dela. Nós criamos o caminho.
Um bom filme, a gente sai dizendo – não percam,
é sinal que estamos felizes, assim como a canção
que diz que na fotografia, realmente estamos
felizes. Só na foto? Talvez.

A felicidade não gosta da ansiedade, da pressa,
da agonia, da mentira, da tirania e, nesses casos,
ela se esgota mais depressa do que o Diabo
esfrega um olho. Por que falei no Demo? Ah, ele
não é feliz.

Nenhuma obra de arte provoca a felicidade: a
arte está no passeio do olhar, mas não é felicidade.
Só nós esperamos vê-la entre objetos. Pode até ser
que Caravaggio tenha se sentido imensamente
feliz ao pintar o quadro *Rapaz com Cesto de Frutas*,
de 1593.

Felicidade exalta, nunca exata, mas não
mostra a outra face e, quando pode destrói os
socalcos e plataformas, degraus e muros que
serpenteiam as várias vertentes do velho mundo.
Não, a felicidade não é deste mundo. O homem
não consegue esculpi-la na paisagem, nem pintar
na tela, tantas vezes galgadas e habitadas por
homens e animais.

Acho que os cães recebem maior quantia de
felicidade do que nós.

Ninguém consegue contemplar a felicidade, não
existe o observador, o médico ou psicólogo que traga
a felicidade, o que acontece muitas vezes é uma
droga que simbolicamente amplia-se e convoca
o homem para sair do escuro, para a zona da luz,
para as aspirações outras.

Felicidade não combina com frustração,
nem inveja, do que se pretende deste cenário
ampliado dos imbecis, porque cá para nós,
estamos cá dentro de nós, com imensas vontades
enviadas por vários meios, mas os fins *on-line*
nunca justificam os meios.

Felicidade é uma varanda silenciosa, uma
cadeira de balanço e, sobretudo, uma janela para a
contemplação da gente que passa. Nada de marcar
encontro com o arcaico, que ainda chega até nós.

A felicidade é maior que o silêncio. Maior que
o espocar do champânhe. Felicidade nunca foi
solução, nem daqueles que percorrem o seu andar
sem sair do canto.

Felicidade não mora ao lado, não sustenta
vagabundos, ela está em coisas tão particulares
como a vida, da vida como ela é.

Kapetadas

- 1 - Um dia você está jovem e outro você não
suporta jovens. Não deixe isso acontecer;
- 2 - Se você acha o máximo aprender a aceitar o
fim dos ciclos, é porque não conheceu o auge que é
a maturidade de você por o fim neles;
- 3 - Som na caixa: “A felicidade voltou para mim”,
Gilberto Gil.



Foto: Reprodução

Detalhe do quadro ‘Rapaz com Cesto de Frutas’, de Caravaggio

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Destino e resistência ao despotismo

Em tempos de desordem social, rotulada por muitos de mero “fascismo”, cometida por uma militância partidária da direita, e sob adoidadas tentativas de desestabilização de um governo legitimamente eleito pela maioria do povo, constitucionalmente, filmes sobre tais inquietações extremas houve de nos chamar realmente a atenção.

Inconvidência igualmente deplorável, mas inversa àquele mau exemplo de 8 de janeiro deste ano, em Brasília, perpetrada por autoridades de um regime de força – tirano, déspota e genocida, durante ocupação do nazismo em países da Europa, notadamente na França –, dois filmes sobre o tema e época, que ainda não os tinha assistido, fizeram parte esta semana de minha preferência.

Abordando o trágico que foi a homicida presença dos alemães, sobretudo em Paris, mais dois filmes nos *streamings* e destacam atualmente: *O Destino de Haffmann*, do francês Fred Cavayé, e *Resistência*, dirigido pelo venezuelano e escritor Jonathan Jakubowicz, descendente de judeus poloneses.

O primeiro, uma produção belgi-co-francesa lançada no ano passado, é uma obra que vai fundo ao ceticismo de seus personagens, buscando traduzir a natureza humana diante do momento de incertezas e medos em que vive a população francesa, sobretudo, judaica. Drama *noir* car-



Foto: Netflix/Divulgação

Joalheiro judeu (à esq.) e o casal francês em ‘O Destino de Haffmann’, um drama ‘noir’

regado de emoções existenciais, de um casal francês que não consegue ter filho, sendo amparado pelo patrão judeu (Sr. Haffmann), dono de joalheria no Centro de Paris, numa relação de conflitos e adaptações, inclusive, diante das ameaças e perseguições de oficiais nazistas, que permeiam toda a cidade.

Laureado no Festival du Film de Sarlat, em 2021, *O Destino de Haffmann* ganhou ainda o prêmio de Melhor Atriz para Sara Giraudeau, interpretando a esposa Blanche, de François Mercier (Gilles Lellouche), empregados da loja do Sr. Haffmann, que é protagonizado pelo veterano ator francês Daniel Auteuil, com uma excelente atuação. A trama do filme acontece justamente em 1942, durante a Segunda Grande Guerra.

O outro filme é *Resistência*, do diretor Jonathan Jakubowicz, vencedor do Prêmio da Paz do Cinema Alemão 2020, que tem uma narrativa menos densa e com base em fatos. Trata-se de um episódio igualmente sério, causado pelos alemães em território francês, no encalço às famílias e suas crianças judias, principalmente. É um drama que vem ser amenizado, de certa forma, pela presença do mímico Marcel Marceau, interpretado pelo ator e humorista Jesse Eisenberg, personagem ligado à Resistência Francesa, que ajuda muitas das crianças, escondendo-as em abrigos. Fato esse que ficou na história.

São obras que nos fazem repensar o quão trágico e desconfortável aquele período do golpe militar de 1964, no Brasil. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexssantos.com.br.



APC traça as metas para 2023

Reunidos presencial e virtualmente na sala do Cine Mirabeau, no Bessa, em João Pessoa, membros da diretoria e conselheiros da Academia Paraibana de Cinema definiram algumas ações para 2023. Em pauta, foram reavaliados alguns projetos realizados até agora, bem como os que deixaram de acontecer, na atual gestão presidida pela atriz Zezita Matos. Objetivamente, dentre as propostas apresentadas e avaliadas para este ano, duas foram aprovadas de imediato, inclusive neste primeiro semestre: contato com a UFPB para realização de sessões de filmes especiais no Cine Aruanda, no Campus I; e a criação do Cinema Educativo da APC, levando para alguns colégios da capital, inicialmente, a proposta da criação de cineclubes, objetivando o lazer de crianças com exibição de filmes.

Em cartaz

ESTREIA

ALERTA MÁXIMO (Plano. EUA. Dir: Jean-François Richet. Ação. 14 anos). Um piloto (Gerard Butler) salva seus passageiros de um relâmpago fazendo um pouso arriscado em uma ilha devastada pela guerra – e descobre que sobreviver ao pouso era apenas o começo. Pré-estreia. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 18h30.

BABILÔNIA (Babylon. EUA. Dir: Damien Chazelle. Drama. 18 anos). No final dos anos 1920, Hollywood passa pela transição do cinema mudo para o falado. Uma grande estrela Nellie LaRoy (Margot Robbie) ascende em sua carreira, migrando com sucesso de um modelo cinematográfico para o outro. Porém, nem todos têm a mesma sorte, trazendo dificuldade para alguns. CENTERPLEX MAG 2: 14h45 (dub.) - 20h45 (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 13h15 - 17h - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 19h30.

CHEF JACK – O COZINHEIRO ADVENTUREIRO (Brasil. Dir: Guilherme Fiúza Zenha. Animação. Livre). Um chef de cozinha de bom coração é um dos prodígios da Culinária da Aventura. Porém, sua vida doce azeda quando erra a mão em uma de suas receitas e sua reputação tomba. CENTERPLEX MAG 1: 14h - 15h45; CINEPOLIS MANAÍRA 8: 14h45 - 16h45 - 19h; CINEPOLIS MANGABEIRA 2: 13h30 - 15h45 - 17h45; CINE SERCLA TAMBIA 1: 14h30 - 16h15; CINE SERCLA PARTAGE 5: 16h - 17h45.

FERVO (Brasil. Dir: Felipe Joffily. Comédia. 12 anos). Três fantasmas ficam presos em uma casa e assombram cada novo morador com o intuito de terminarem sua missão na Terra para poderem passar para a próxima vida. Isso até que um casal de arquitetos (Felipe Abib e Georgianna Goes) se mudam para o local e decidem reformar, revitalizando-o. CENTERPLEX MAG 3: 15h; CENTERPLEX MAG 4: 21h30; CINEPOLIS MANAÍRA 1: 18h30 - 20h30.

M3GAN (EUA. Dir: Gerard Johnstone. Terror. 14 anos). Gemma (Allison Williams) é uma brilhante roboticista de uma empresa de brinquedos que usa inteligência artificial para desenvolver M3gan, uma boneca realista programada para ser a maior companheira de uma criança. Depois de inesperadamente ganhar a custódia de sua sobrinha órfã, Gemma pede a ajuda do protótipo M3gan para cuidar da menina. Porém, por ser um protótipo, ela ainda vem com erros de sistema. CENTERPLEX MAG 1: 17h30 (dub.) - 19h40 (dub.) - 21h50 (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 3: 14h20 (dub.) - 16h50 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h45 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h (seg. e ter.) - 14h15 (exceto seg. e ter.) - 16h45 (exceto seg. e ter.) - 19h15 (exceto seg. e ter.) - 21h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h30 - 16h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tâmbia [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Livro recebidos

Faz tempo, milito na crítica literária com artigos semanais publicados nos jomais da terra.

A União, que ainda resiste no impresso, *O Norte*, o *Correio da Paraíba*, *O Momento*, o *Contraponto*, todos já fora de circulação, tragados pela era digital, sempre me tiveram em suas páginas, a dialogar com autores e obras daqui e de todas as regiões do país.

Este ofício, sim, porque a crítica literária nada mais é que um ofício, cujo objetivo central é explicar, esclarecer, interpretar e julgar o valor estético das obras literárias, levando-se em conta a sensibilidade, a inteligência e os princípios armazenados na formação teórica do crítico.

Questões abstratas à parte, ou seja, discussões cognitivas acerca do alcance e da eficácia de métodos ou de conceitos, este ofício sempre me deu certo prazer, principalmente se me atenho a algumas particularidades da vida literária. Por exemplo: o fato de que, periodicamente, chega, às minhas mãos de leitor, livros de escritores, ensaístas e poetas de todo o país, o que, não somente me alegra pela simples razão de que o meu acervo bibliográfico se enriquece, eu que gosto tanto de livros, como pela delicada relação de amizade literária que se instaura espontaneamente.

Posso dizer, portanto, e sem qualquer pabulagem, que tenho amigos literários disseminados pelos rincões dessa imensa geografia cultural que é o Brasil. Amigos que não conheço pessoalmente, mas com os quais convivo na intimidade das letras e das palavras, a selar o conforto moral e psicológico que deve imperar no ambiente mágico das “amizades literárias”, como diria Raissa Maritain, ou das “amizades bibliográficas”, na justa expressão de José Rafael de Menezes.

Farei um breve registro dos livros que recebi nesses últimos dias.

Com uns, faço a leitura de reconhecimento e, aqui e ali, emito meu parecer, consentâneo com os limites de minha capacidade de recepção estética. Outros já leio com a sensação de que minha leitura vai passar as fronteiras exigidas pelo ofício da crítica, na medida em que já não é só o crítico que lê, o crítico que procura formular, a partir de sua ética, uma resposta pontual a esta ou àquela obra publicada. Na verdade, é o leitor, leitor de todas as horas, a fazer da leitura, não o veículo institucional que orienta publicamente outros leitores, mas uma experiência existencial que alarga sua percepção de mundo e o introduz, desarmado, nos enigmas do ser e da vida.

Isto, porém, convoca o espaço para outras reflexões teóricas. Voltemos aos livros e vamos destacar apenas dois poetas.

Nos óbices do óbito (São Luís, Teresina: Halley S/A, Gráfica e Editora, 2022), de Nauro Machado, livro enviado por sua mulher, Arlete Nogueira da Cruz, também poeta e escritora. Quadragésimo sétimo volume de uma obra poética extensa e intensa, dotada de uma unidade formal e temática sem par na literatura brasileira.

Quer na forma fixa, sobretudo, na prática do soneto, onde se revela exímio cultor, quer na forma livre, de verso alongado ou de recorte minimalista, Nauro Machado é um poeta visceral, que traz, sempre, para a esfera compósita do poema, os temas permanentes (o tempo, a morte, a vida, a solidão, o desamparo, a angústia), atrelados, no entanto, ao movimento concreto e carnal da matéria factível e biológica. Nesta “opulência bibliográfica”, para me valer das palavras de Ivan Junqueira, não há descompasso estético. O conteúdo se adensa cada vez mais e a forma se apura na materialidade de um grande poema que se escreveu a vida inteira.

Entre cascavéis e beija-flores: uma antologia mínima (Teresina: Fundapi, 2021), de Salgado Maranhão, também do estado de Gonçalves Dias. Poeta e letrista, autor de obra já com muitos títulos, entre os quais destaco: *Mural de ventos*, *Sol sanguíneo*, *O beijo da fera* e *O mapa da tribo*.

Em Salgado Maranhão, a palavra passa por um tratamento especial, considerada as três instâncias sêmicas que as sustentam na lógica do poema: a sonora, a ideativa e a imagética. Ferreira Gullar fala em “sinergia”, para definir sua atitude perante a construção poética. Uma sinergia, diria, que entrelaça leveza e precisão, fazendo emergir, dos jogos vocabulares, elementos inusitados do real. Veja-se, por exemplo, o poema *Cantante* (p. 51), dedicado a Luiz Augusto Cassas, outro poeta maranhense de fôlego: “Estou bêbado de canções / e azul. // Estou cantante para nada, / para ninar a madrugada. // (O cantar de um galo em férias.) // Canto até para o vento / que não tem começo nem fim; // canto até para as pedras / que silenciam para aplaudir”.

Colunista colaborador

TEATRO

Recortes de um experimento cênico

Adaptação de uma peça do Jorge Andrade tem, hoje, única apresentação gratuita no Teatro Lima Penante, na capital

Da Redação

Adaptação feita a partir da peça *Vereda da Salvação*, escrita pelo dramaturgo paulista Jorge Andrade (1922-1984), o experimento cênico *Recortes de Veredas* terá apresentação única hoje, às 19h30, no Teatro Lima Penante, em João Pessoa, com entrada gratuita.

No enredo, trabalhadores rurais da Paraíba, movidos pela busca por redenção, uma promessa de dias melhores, se juntam a um grupo messiânico liderado por Joaquim, que acredita ser a reencarnação de Jesus Cristo. Ganhando poder sobre os camponeses, ele começa a perseguir aqueles que não prestam obediência absoluta.

A montagem é uma idealização da atriz Fabíola Ataíde, com direção de Jordy Lamarke e preparação de elenco assinado por Alex Lessa.

“Como atriz, faço apresentações esporádicas e, há algum tempo, apresentei a peça *Agreste* em vários espaços, na cidade de São Paulo. Um deles foi na faculdade Célia Helena, onde eu soube que os alunos estavam montando a peça *Vereda da Salvação*, que, em 2024, completará 65 anos de sua escrita. Isso me impressionou e me deixou muito motivada a também realizar um trabalho com essa montagem”, disse Fabíola Ataíde.

A artista apontou sobre a temática ainda atual da peça de Jorge Andrade, pois tem referência ao Nordeste e aborda a questão do fanatismo religioso. “Ou seja, o aparecimento, numa localidade de pessoas humildes e sem perspectiva de futuro, de um líder que se diz representante de Deus na Terra e em quem, por causa da carência espiritual e da vulnerabilidade emocional, depositam sua fé”.

Para uma imersão no estudo e na preparação do experimento cênico, foram 11 dias, inclusive no sábado e domingo, reunidos das 17h às 22h, no Teatro Lima Penante. “Não é uma peça, porque são recortes do texto de Jorge Andrade”, frisou Fabíola Ataíde. “Considero um experimento.

O público vai assistir o que nós construímos até o momento, pois pretendo continuar esse trabalho até a conclusão do mesmo, cuja ideia é a de entrar em cartaz até o final deste primeiro semestre”.

Um dos incentivadores do projeto foi o dramaturgo Everaldo Vasconcelos, que sugeriu que os próprios integrantes do grupo da oficina encarregada de montar o experimento cênico, sendo alguns formados recentemente pelo curso de teatro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e outros, ainda cursando, realizassem o trabalho.

“

O público vai assistir o que nós construímos até o momento, pois pretendo continuar esse trabalho até a conclusão do mesmo, cuja ideia é a de entrar em cartaz até o final deste primeiro semestre

Fabíola Ataíde

“Ainda há muitas dificuldades para se fazer teatro na Paraíba, que é um celeiro de atores, mas como eles possuem suas agendas, eu decidi convidar os amigos para, juntos, realizarmos o experimento cênico”, explicou Ataíde. “Durante os estudos e os ensaios, cada ator e atriz foi escolhendo qual personagem interpretar, conforme foi se identificando, pois tivemos total liberdade de escolha”.

Além do preparador Alex Lessa e a própria Fabíola Ataíde, *Recortes de Veredas* conta no seu elenco com os artistas Guilherme Peres, Iris Muniz de Colibri, Letícia Saad e Luana Reis.

■
Para uma imersão no estudo e na preparação do experimento, foram 11 dias, inclusive no sábado e domingo, no Teatro Lima Penante



Fotos: Fabíola Ataíde/Acervo Pessoal

■
Com uma temática atual, peça de Jorge Andrade que inspira os recortes tem referência ao Nordeste e aborda a questão do fanatismo religioso



■
A montagem é uma idealização da atriz Fabíola Ataíde (D), com direção de Jordy Lamarke (E)



‘THE LAST OF US’

Série é estreia mais vista da plataforma na América Latina

Agência Estado

O primeiro episódio da série *The Last Of Us*, intitulado *Quando Estiver Perdido na Escuridão*, estreou no último dia 15, e se tornou o lançamento mais assistido da HBO Max Latin America em suas primeiras 24 horas, superando o primeiro dia do episódio 1 de *A Casa do Dragão* e o da segunda temporada de *Euphoria*. A série foi aclamada por críticos e fãs internacionais ao redor do mundo.

The Last Of Us também foi um sucesso nas redes sociais em todo o mundo, alcançando o primeiro lugar no Twitter na noite de domingo, com o Brasil liderando a conversa. A produção concentrou mais de 50% das conversas globais so-



Foto: HBO/Divulgação

Uma das protagonistas, Bella Ramsey em cena do primeiro episódio, ‘Quando Estiver Perdido na Escuridão’

bre o tema e dominou 15 das 30 principais *hashtags* do país durante a noite de estreia.

Quando Estiver Perdido na Escuridão começa em 2003, quando um surto de fungos parasitários começa a devastar o mundo inteiro. Joel Miller (Pedro Pascal) tenta escapar do caos crescente com sua filha e seu irmão. Vinte anos depois, um Joel cínico e rude e sua parceira Tess lutam para sobreviver sob um regime totalitário, enquanto os Vaga-lumes, um grupo de insurgentes, abrigam uma adolescente com um dom único.

Na história, Joel é contratado para contrabandear Ellie (Bella Ramsey), uma menina de 14 anos, para fora de uma zona de quarentena opressiva. O que começa como um

pequeno trabalho logo se transforma em uma viagem brutal e dolorosa, pois os dois devem atravessar os EUA dependendo um do outro para sobreviver.

Além de Pedro Pascal e Bella Ramsey, a série tem Gabriel Luna como Tommy, Anna Torv como Tess, Nico Parker como Sarah, Murray Bartlett como Frank, Nick Offerman como Bill, Melanie Lynskey como Kathleen, Storm Reid como Riley, Merle Dandridge como Marlene, Jeffrey Pierce como Perry, Lamar Johnson como Henry, Keivonn Woodard como Sam, Graham Greene como Marlon e Elaine Miles como Florence.

O segundo episódio de *The Last Of Us* vai ao ar neste domingo.

TENTATIVA DE GOLPE

Os efeitos da ação de vândalos no DF

Professores e cientistas políticos avaliam o trabalho de reconstrução da paz, que o Brasil precisa desenvolver

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Patriotas ou criminosos? A maioria dos brasileiros, cerca de 93% de acordo com o Datafolha, desaprova os atos golpistas que aconteceram no último dia 8 de janeiro, no Distrito Federal. Apesar de parecer unânime a avaliação do país a respeito dos atos que resultaram em um prejuízo de aproximadamente R\$ 20 milhões ao país, ainda não foi comprovado sobre o que os motivou a realizar os crimes. Enquanto a maioria do país condena o vandalismo, nem metade (43%) acredita que eles devem ser punidos severamente e os outros 57% estão divididos entre penas leves ou nenhuma punição. Com cores da bandeira do país, e ao som de pedidos de intervenção militar, os atos golpistas ainda encontram

aqueles que os defendem e acreditam em motivações legítimas. No entanto, de acordo com o professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Luciano Nascimento, os fatos não foram isolados e tiveram financiadores. “Não foi algo de última hora, não foi uma dúzia de pessoas

■ Enquanto a maioria do país condena o vandalismo, nem metade (43%) acredita que eles devem ser punidos severamente

que imaginaram o ato e portanto naquele momento pensaram em invadir. Não. O que nós assistimos no dia 8 foi um ataque aos poderes da República, foi algo planejado, algo imaginado e executado e que tem toda uma cronologia. Devem sofrer as consequências tanto os autores mediatos, quanto os autores imediatos”. O professor pontuou, ainda, a gravidade dos pedidos de intervenção militar para a democracia. “Requisição de uma intervenção militar em um estado constitucional de direito já é um absurdo. Pior é requerer uma intervenção militar, num estado constitucional de direito em que nós temos um presidente da República e um Congresso Nacional eleitos pelo voto direto e em que o processo eleitoral não tem nenhuma acusação de fraude”.



Para Luciano Nascimento, os fatos não foram isolados, tiveram financiadores e têm que ser apurados



Sociólogo e professor da UFPB, Adriano Delon lamenta lentidão

Medidas punitivas vieram com atraso

Na avaliação do professor de Direito, é necessário que as investigações busquem saber quem são os financiadores não apenas do ato do dia 8 de janeiro, como também das manifestações em frente aos quartéis brasileiros, que ferem a Constituição através dos pedidos de golpe. Na opinião de Luciano Nascimento, os crimes terão consequências na história da República do país. “Em toda a memória da República no Brasil nunca tínhamos visto um ataque aos Três Poderes como nós assistimos pela TV brasileira no dia 8 de janeiro”. Além disso, no que diz respeito à pena, o especialista afirma que vários crimes foram cometidos e que todos os responsáveis devem ser penalizados. “As conse-

quências têm que ser fundamentalmente de natureza jurídica, de responsabilidade criminal e civil, ou seja, de responsabilidade no campo da indenização pela depredação, o dano ao patrimônio e no campo do Direito Penal porque, afinal de contas, foram praticados diversos tipos penais, diversos delitos, diversos crimes”. O sociólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Adriano Delon, reafirma a opinião do especialista em Direito sobre as punições. Na sua opinião, se medidas tivessem sido tomadas quando os grupos de extrema direita ainda estavam ocupando apenas os quartéis, isso poderia ter sido evitado. “Aqueles pessoas estavam em frente ao Grupamento

de Engenharia pedindo um golpe, o que mais me deixou preocupado foi ver, inclusive, um professores universitários lá, cujo papel é preparar pessoas e educar as pessoas. Eu acho muito difícil a gente reverter isso, porque a gente vai ver uma impunidade generalizada, grande parte da justiça é bolsonarista. Tanto é que essas pessoas ficaram vendo de camarote sem fazer nada”, opinou o sociólogo. Além disso, o professor universitário avalia fatores que aconteceram nos últimos anos na política brasileira e podem ter motivado o crescimento da extrema direita. “A ala progressista, que inclui o centro e a esquerda, fizeram vista grossa para o crescimento do fascismo, quando começou em 2013 com as ma-

nifestações e depois em 2016 o golpe que todo mundo ficou de camarote assistindo”, comentou. A mídia também foi um motivador, na opinião do sociólogo. “A mídia que viu tudo, inclusive passou quatro anos vendo Bolsonaro depredar o país. A gente tem um problema de informação, eu não sou contra a mídia de direita, é o papel da mídia, mas não existe o outro lado”. Por último, um discurso de fanatismo realizado pelos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro pode ter culminado ainda mais para atitudes extremistas de seus seguidores. “O avanço do discurso fanático de grupos evangélicos contribuiu. Não são os evangélicos, são grupos”, explicou

Professor vê preconceito em comportamento

Após os atos, cerca de mil e quinhentas pessoas foram detidas pela Polícia Federal até serem transferidas para os presídios da Colmeia e Papuda, no Distrito Federal. Segundo a última atualização da Secretaria de Administração Penitenciária, cerca de 700 pessoas permanecem nos presídios. Durante esse período, os grupos de extrema direita ficaram divididos entre comentários antissemitas e fake news. Entre as notícias falsas mais divulgadas, está a de que uma idosa teria morrido no local onde a PF colocou os suspeitos. Os propagadores da desinformação utilizaram a foto de uma idosa em bancos de imagem na internet e se apropriaram da identidade de uma idosa que realmente havia falecido, mas meses antes e de outras complicações. Além disso, outro comportamento que chamou a atenção, foi o fato de apoiadores dos golpistas compararem a sua prisão ao que aconteceu com os judeus na Segunda Guerra Mundial. O mestre

em relações internacionais e especialista em política internacional, com ênfase em Israel e Oriente Médio, Igor Sabino, avaliou o comportamento como preconceito.

“Eles projetam um Israel imaginário, querem usar essa visão nos dias de hoje

Igor Sabino

sas por consequência dos atos deles. Ficaram em um ginásio, tiveram as condições respeitadas”. O especialista avalia isso com muita preocupação. Ele explicou que os campos de concentração eram idealizados para desumanizar os judeus e depois exterminá-los. “Era tirado cabelo, objetos de valor, transformando os judeus em ratos, e isso não aconteceu de maneira alguma aqui no Brasil”. A comparação é uma tentativa de chocar as pessoas se utilizando de um fato histórico que tem forte presença no imaginário das pessoas, principalmente através de filmes da segunda guerra mundial. No entanto, segundo enfatizou Igor Sabino, o holocausto só pode ser comparado com outro genocídio. “É mesmo quando a gente faz essas comparações a gente observa que existe um elemento que não se reproduz que é esse elemento antissemita, porque o ódio não era apenas subjugar como aconteceu a

escravidão ele viam os judeus como uma ameaça a população alemã”. Além disso, outro objetivo é a tentativa de associar o nazismo com a política de esquerda. “Isso é um absurdo porque uma das pautas do nazismo é combater o comunismo”, completou. De acordo com ele, há um aumento do antissemitismo nos últimos anos, principalmente de grupos políticos de extrema direita. Os antissemitistas são aqueles contra o povo semita, ou seja, contra os judeus. Segundo avaliou o especialista, na política brasileira isso não tem sido diferente. Apesar desse grupo, normalmente, se utilizar da cultura israelita como supostos defensores, naturalmente eles se mostram preconceituosos. Segundo Igor Sabino, há uma “colonização de Israel”, normalmente feita por grupos de evangélicos, que têm uma visão dos judeus da que é demonstrada no Antigo Testamento da Bíblia cristã, e quando eles se apresentam de forma diferente, há



Igor Sabino: a direita tem feito uma relativização do holocausto

uma rejeição e preconceito. “Eles projetam um Israel imaginário, querem usar essa visão que eles têm nos dias de hoje. Projetam um Israel conservador, eles têm essa ideia de ser uma teocracia segundo os moldes bíblicos. Então, sempre

que a comunidade judaica age de maneira que desviam dessa ideia, eles rejeitam. A exemplo de comentar em publicações sobre a comunidade gay em Israel coisas como “é por isso que aconteceu o holocausto”, enfatizou.



Foto: Pablo Valadares/Câmara dos Deputados

Na Câmara dos Deputados, estão em discussão algumas propostas que têm o propósito de modificar as normas de tributação

PAUTA PRIORITÁRIA

Congresso quer aprovar a reforma tributária em 2023

Na Câmara, estão em discussão algumas Propostas de Emenda à Constituição

Agência Câmara

A reforma tributária é apontada como uma das pautas prioritárias do novo governo e do Congresso Nacional. Na Câmara dos Deputados, estão em discussão algumas Propostas de Emenda à Constituição (PECs) que têm o propósito modificar as normas de tributação. Três delas (PECs 45/19, 110/19 e 7/20) foram objeto de debate nos últimos três anos.

A PEC 7, aprovada na comissão especial, pretende cobrar o imposto sobre o consumo apenas na venda final ao

consumidor, permite aos estados a adoção de alíquotas complementares de imposto de renda e busca retirar encargos da folha de salários. As duas outras propostas têm um mecanismo que busca descontar o imposto pago em fases anteriores.

Em 2020 e 2021, o deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB) produziu um relatório, unificando os textos das PECs 45 e 110 (esta última aguarda votação no Senado Federal). A PEC 45, que chegou a ser avocada para ser votada diretamente pelo Plenário, foi baseada em estudos realizados pelo novo

secretário especial da Reforma Tributária, Bernard Appy.

O relatório de Aguinaldo cria o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) em substituição a cinco tributos: PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS. A ideia é simplificar o sistema e fazer com que a tributação sobre consumo seja cobrada apenas no destino final das mercadorias e serviços. Para isto, seria feita uma transição de seis anos. Algumas dificuldades são encontrar uma alíquota que não pese muito para o setor de serviços e amenizar as perdas de estados produtores como São Paulo.

■ Em 2020 e 2021, o deputado Aguinaldo Ribeiro produziu um relatório unificando os textos das PECs 45 e 110 (esta última aguarda votação no Senado Federal)

Deputado defende novo debate sobre PECs

O deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), que participou de comissão especial criada para analisar a PEC 7/20, acredita que é melhor juntar todas as propostas, as velhas e as novas, e rediscutir tudo. “Precisamos retomar este debate em uma nova comissão especial. O sistema atual, para mim, esgotou. É um sistema que reproduz desigualdade porque rouba os recursos dos mais pobres, dos consumidores. Os 34 países mais ricos do mundo tributam no máximo 17 a 20% no consumo. O Brasil

Taxação

O deputado Reginaldo Lopes explicou que o governo quer taxar mais a renda e o patrimônio para oferecer alíquotas menores no imposto sobre consumo

tributa mais de 50%”, avalia.

Lopes explicou que o governo também quer taxar mais a renda e o patrimônio para oferecer alíquotas menores no imposto sobre consumo. Além disso, o presidente Lula disse na campanha que pretendia isentar de Imposto de Renda os ganhos até R\$ 5 mil mensais.

Carga tributária

A deputada Bia Kicis (PL-DF), relatora da PEC 7, afirma ser favorável a uma maior taxação da renda, mas defende

a manutenção da carga tributária geral; ou seja, que empresas e pessoas físicas não tenham que aumentar o que repassam para o governo em seu conjunto.

“A produção vai ser totalmente desonerada. O consumo vai ser cobrado só lá na ponta. Desonerando a cadeia, você tem uma produção muito mais barata. Com isso, você reduz o preço da mercadoria. E aí faz com que empresários e industriais abram mais postos de trabalho. Contribui para vencer o desemprego”, avalia.

EM TRAMITAÇÃO

Projeto muda regras de condução coercitiva

Agência Câmara

O Projeto de Lei 2765/22 determina que a condução coercitiva de testemunha, em processo penal ou civil, só poderá ser realizada quando se tratar de prova imprescindível para o julgamento, devendo ser fundamentada pela autoridade judiciária. O texto tramita na Câmara dos Deputados.

A proposta também estabelece que a vítima de crime não poderá sofrer condução coercitiva, cabendo ao juiz adotar outras formas previstas em lei para a realização da oitiva.

O projeto é da ex-deputada Eliza Virgínia (PB) e altera o Código de Processo Penal e o Código de Processo Civil. Ela afirma que o objetivo das mudanças é “não trivializar o instituto da condução coercitiva, bem como preservar a vítima”. “Muitas vezes, apenas a simples lembrança do fato traz verdadeiros prejuízos psicológicos à vítima”, ressalta.

Veículo

A proposta também determina que a testemunha em processo cível ou pe-

nal não poderá ser conduzida em veículo particular do oficial de Justiça. Quando necessária, a condução coercitiva deverá ser realizada pela autoridade policial. Atualmente, a legislação permite a condução coercitiva de testemunha intimada que deixa de comparecer à audiência sem motivo justificado.

Tramitação

O projeto tramita em caráter conclusivo e será analisado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ).

■ A proposta propõe que a condução coercitiva de testemunha, em processo penal ou civil, só poderá ser realizada quando se tratar de prova imprescindível para o julgamento

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Conversa com Millôr centenário

Semana difícil para os conterrâneos, às voltas com os “patriotas” de hospício. Antes de nomear seus ministros, o novo governo conheceu sua oposição, uma massa que, sem ideia muito firme do que queria, resolveu abolir o próprio governo e tocar fogo no parquinho. Era uma festa da Selma que nós entramos por engano. Quando a nação ligou a TV dominical, surgiu aquele mundo paralelo, realidade alternativa violenta coexistindo com aqueles tais ingredientes secretos, formadores do bolo fecal da autocracia estilo Didi Mocó e Recruta Zero com Sargento Tainha e Cabo Setenta do babau. Uma multidão suscitando um salto mortal sem rede, se apegando apenas na rede social de sua própria ignorância e estupidez eletrônica.

Pego de surpresa, o cronista, inocente como o Diabo, apelou para a força de expressão e convocou do além-túmulo um cara chamado Milton Viola Fernandes, nome artístico Millôr Fernandes, buscando nos pensamentos desse intelectual alguma luz, um paralelo na vida pregressa da nação que pudesse facilitar o entendimento da tragicomédia em andamento nos palcos nacionais.

Millôr está com quase cem anos, completando em 26 de agosto da atual temporada de crise. A genialidade é a de sempre, o bom humor e o jeito provocativo continuam firmes.

- Para quem vou dar entrevista?
- Para meu portal eletrônico Tribuna do Vale.
- Quantos anos de batente, essa tal tribuna?
- Uns dez anos...
- Eu tenho uma tese: “se um jornal for mesmo independente não dura três meses. Se durar três meses não é independente”.
- É que hoje em dia não precisa ter grana pra botar no ar um jornal eletrônico.
- Não se usa mais papel? Mesmo assim, nunca esquecer que o papel em que o poeta escreve é mais importante do que sua poesia, o cromo da espada do general é mais importante do que suas intencões.
- É sobre quartelada mesmo que gostaria de inquirir o nobre jornalista. Você tem visto as tentativas desesperadas e burlescas do senhor ex-capitão presidente para constituir nova ditadura?

- É aquilo que eu abordei: só não temos uma ditadura porque até pra isso somos incompetentes. E esse povo do seu tempo, o que vocês alcunham de gado, é o mesmíssimo povaréu da tradicional família por Deus e pela liberdade de se deixar mandar.
- O que diria para as novas gerações que jamais viveram numa ditadura?
- A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha do seu país, ele responde sem hesitação: “Não posso me queixar”.
- Millôr, e esses empresários se bandeando para o novo governo? Até o véi da Havan arrasta suas asas para o presidente recém-eleito.
- Elementar. Os socialistas são contra o lucro. Os capitalistas são apenas contra o prejuízo.
- Sobre o Lula, para onde o velho líder vai levar o país?
- Fui atacado violentamente, quando vivo, por ter criticado Lula. Agora morto, prefiro a discrição, o tal silêncio obsequioso pelo qual fui punido pela Santa Sé do PT por pregar doutrinas estranhas à ortodoxia da esquerda medieval.
- Sobre o ex-presidente, militar reformado porque cometeu o idiotismo de desenhar de próprio punho um mapa de ataque terrorista aos quartéis e assinar o documento secreto?
- Se é idiota? Não posso determinar, não tenho CRM para tal. O que sei é que ele é do tipo que ouve uma piada de duplo sentido e não entende nenhum dos dois. Continua além túmulo minha interrogação: até quando seremos governados por pessoas que nem chegam a ser burras?

CÂNCER COLORRETAL

Inca prevê 44 mil novos casos por ano

Mesmo com maioria concentrada nas regiões Sul e Sudeste, segundo o instituto, é necessário muita atenção

Alana Gandra
Agência Brasil

Estimativa do Instituto Nacional do Câncer (Inca) indica o surgimento de 44 mil novos casos por ano de câncer de intestino, ou câncer colorretal, no Brasil, com 70% concentrados nas regiões Sudeste e Sul. “É uma doença muito prevalente. É a terceira. Ela vai perder para [câncer de] mama, vai perder para [câncer de] próstata. Em terceiro lugar, vem o câncer colorretal”, disse o cirurgião oncológico Rubens Kesley, coordenador do Grupo de Câncer Colorretal do Inca.

De acordo com o especialista, países desenvolvidos, como os Estados Unidos, tendem a apresentar maior número de novos casos desse tipo de câncer a cada ano. Entre os norte-americanos, que têm população em torno de 300

milhões de habitantes, a estimativa é de surgimento de 150 mil novos casos anuais. Como o Brasil está melhorando, progressivamente, sua condição socioeconômica, a perspectiva é de expansão de casos. “Há aumento vertiginoso. É uma curva acentuada”. Rubens Kesley lembrou que há cinco anos, o Brasil apresentava 25 mil casos novos/ano de câncer colorretal, e a expectativa para o próximo quinquênio é atingir 80 mil casos/ano. “De uma maneira mais simples: hoje, são 44 mil e aumentando. E vai subir bastante a incidência”.

Fatores
A alimentação pobre em fibras está relacionada ao aumento do número de casos de câncer colorretal, confirmou o cirurgião oncológico. Isso se explica porque, à medida que as condições

socioeconômicas de um país melhoram, as pessoas passam a comer mais alimentos industrializados e ultraprocessados e deixam de comer alimentos com fibras. “A fibra é como se fosse um varredor. Imagina uma vassourinha que limpa o cólon, o intestino grosso. Quando você deixa de usar a vassourinha, o lixo vai se acumulando. Então, a falta de alimentos ricos em fibras faz com que aumente muito a incidência”. Outro fator que pode levar ao câncer colorretal é a carne vermelha, especialmente aquela usada em churrascos, queimada, com muita gordura. “Porque ela é rica em hidrocarbonetos, que são muito cancerígenos”. A carne cozida é melhor. Outras coisas que favorecem o surgimento de câncer do intestino são tabagismo, sedentarismo, etilismo,

obesidade, principalmente na barriga. Entre esses, Kesley destacou como fatores principais para o desenvolvimento do câncer colorretal a obesidade, falta de atividade física e os alimentos industrializados e pobres em fibras. “Esses são, realmente, o carro-chefe dos fatores de risco mais agressivos”. Outro cuidado que se deve ter é com a saúde bucal, porque há uma bactéria na boca que favorece o desenvolvimento da doença. “Essa bactéria se associa a uma incidência altíssima de câncer colorretal”. Estudo recente de pesquisadores da Escola de Odontologia de Columbia, em Nova York, mostrou como o *Fusobacterium nucleatum*, uma das bactérias da boca, pode acelerar o crescimento desse tipo de câncer. Daí a importância da profilaxia bucal, recomendou o médico.

“

Hoje, são 44 mil e aumentando. E vai subir bastante a incidência

Rubens Kesley



Foto: Reprodução/TV Brasil

Rubens Kesley, coordenador do Grupo de Câncer Colorretal do Inca, alerta: “Pacientes com anemia ou com dores de repetição (cólicas intestinais) devem procurar um médico para afastar o risco”

Colonoscopia é o método considerado eficiente na prevenção

Em todo o mundo, a colonoscopia foi o método considerado mais eficiente para a prevenção do câncer colorretal, afirmou Kesley. Isso se explica porque o câncer do intestino não começa grande. “Ele é descoberto grande. Mas já foi um pólipó, já foi pequenininho”. Nesse estágio, a colonoscopia retira esses pequenos pólipos. “A colonoscopia é uma arma, comparável a uma bomba nuclear, contra o câncer colorretal, porque ela consegue prevenir, identificar precocemente, ver ainda na fase de pólipó, e consegue tratar, porque remove o pólipó, sem precisar de cirurgia, economizando milhões. No diagnóstico, o médico identifica que ali há um tumor, e no tratamento, se houver um pequeno tumor, você já cura o doente. O câncer é removido por colonoscopia, em algumas situações selecionadas.

O prazo para refazer o exame de colonoscopia vai depender se houver pólipó. Se o paciente faz a colonoscopia e está tudo normal, ele pode repetir o exame a cada cinco anos. Se tiver pólipó de um tipo específico (adenoma), que é precursor do câncer colorretal, o paciente deve repetir a colonoscopia no ano seguinte. O prazo para renovação do exame se estende, portanto, de um a cinco anos.

Idade certa
Para a grande maioria da população, que não tem história de câncer na família, são pacientes de vida saudável, com risco muito baixo, que não fumam nem bebem, têm evacuação diária normal, o ideal é fazer colonoscopia aos 55 anos de idade. “Mas isso tem que ser visto pelo coloproctologista. Essa é uma decisão médica porque, dependen-

do do risco, você pode precisar antes”, advertiu o especialista. No caso, por exemplo, de pessoas que têm histórico de câncer na família, como ocorreu com a atriz Angelina Jolie, elas não podem esperar. Têm que procurar um bom profissional que dirá qual o melhor momento para fazer colonoscopia. Esse exame pode ser feito, entretanto, antes dos 55 anos, na presença de sintomas. Pacientes com anemia ou com dores de repetição (cólicas intestinais) devem procurar um médico para afastar o risco de um câncer colorretal. Nesse caso, são pacientes com alterações do hábito intestinal, ou seja, a frequência com que evacuam, que abrangem diarreias ou constipação com cólica.

Estágio avançado
Segundo Rubens Kesley, a fal-

ta de colonoscopistas, principalmente no interior do país, faz com que a maioria dos pacientes seja diagnosticada com câncer de intestino em estágio avançado, como ocorreu com os jogadores de futebol Pelé e Roberto Dinamite. “Normalmente, esse estágio avançado é fator determinante da gravidade do câncer”. Ou seja, o estágio da doença é que determina o prognóstico. O cirurgião do Inca ressaltou, por outro lado, que a evolução do tratamento foi tão grande nos últimos anos que mesmo que o estágio seja muito avançado, há possibilidade de sobrevida. Do total de doentes com câncer colorretal, 20% sobrevivem, 80% morrem. “Vale a pena o paciente correr atrás porque, mesmo que o estágio seja muito avançado, ele pode ser curado”. A chance de cura é menor. De cada cinco

pacientes com câncer avançado, um vai sobreviver. “Mas há chance. Se a gente consegue salvar um em cinco, é um grande avanço”, afirmou Kesley. Ele admitiu, entretanto, que o câncer ainda é um desafio para a ciência. A doença é uma mutação do DNA, que está protegido por duas membranas. Infelizmente, não há drogas hoje capazes de reorganizar o DNA. Então, quando um paciente já tem uma doença que é resistente à quimioterapia e à radioterapia e já se espalhou, o tratamento do câncer se torna ineficiente. No caso de Pelé e Roberto Dinamite, o tumor já havia se tornado resistente à quimioterapia e à radioterapia, e a cirurgia se tornou fútil. Ou seja, quando as células cancerígenas já se espalharam, a possibilidade de cura é muito reduzida.



Parte dos componentes da premiação com artesãos homenageados

O Prêmio de Excelência Artesanal da Paraíba, organizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (Sedest) da capital paraibana – por meio da Diretoria de Economia Criativa e do Programa João Pessoa Cidade Criativa, possui coordenação técnica assinada pelo Laboratório de Inovação e Design para o Artesanato – LIDA Litoral, e que é apoiado pelo Conselho Mundial de Artesanato para a América Latina, o Sebrae Paraíba e o Programa do Artesanato Paraibano (PAP) – contou com cerca de 70 inscrições.

No evento de premiação, que aconteceu no Salão do Artesanato Paraibano, registrei o momento que contou com os premiados e várias autoridades.

Confira.



A casa de recepções Versailles foi palco para a festa de formatura de Thainara Caldas, no curso de Odontologia, feito na IESP Faculdades. A nova cirurgia dentista, na foto com o tio Lula Caldas, estava com belo vestido vermelho, a cor que marca os formandos nesta área da saúde.



Foto: Divulgação/Banco do Brasil

A paraibana Tarciana Medeiros (foto) é uma pessoa à frente de seu tempo, pois tornou-se a primeira mulher a assumir a presidência do Banco do Brasil. Ela, que nasceu na Serra da Borborema, especificamente na cidade de Campina Grande, faz história e brinda-nos com sua presença no comando da instituição financeira que completa, neste ano de 2023, 214 anos de fundação. É por isso que eu digo: eita paraibana arretada!

A Associação Paraibana de Imprensa (API-PB), entidade de classe liderada pelo jornalista Marcos Werick (foto), disponibilizou para os associados a carteira para o exercício 2023 com novo layout e material. A carteira já está disponível para os associados que devem procurar a sede da entidade ou entrar em contato através do WhatsApp – 83 98630-5991 ou e-mail – apiparaiba@gmail.com.



Thereza Madalena é a Rainha do Bloco do Turista em 2023



O Bloco do Turista, agremiação carnavalesca idealizada e fundada por Antonino Pinguim e por esta colunista, no ano de 2017, vai sair com sua Corte Imperial e mais foliões, no dia 18 de fevereiro, com concentração a partir das 15h33, no Busto de Tamandaré, em Tambaú.

O Bloco, cujo tema deste ano é “Paraíba Indígena”, remete à visita de Dom Pedro II (um dos primeiros turistas no Mundo, que registrou, por meio de câmara fotográfica, locais icônicos do planeta) à Paraíba, viagem realizada por nosso segundo imperador, no ano de 1859. Desta maneira, desde a sua fundação, o Bloco do Turista, através de personalidades de nosso Estado, forma, a cada ano, uma Corte Imperial e, nesta edição, a rainha da Corte Imperial é a jornalista Thereza Madalena e o rei é o jornalista Sales Dantas. São padrinhos e madrinha da agremiação carnavalesca, respectivamente, o vice-prefeito de João Pessoa, Leo Bezerra e a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, Rosália Lucas. Na semana que vem, divulgo outros nomes que vão compor a Corte Imperial.



Quem viaja quer sempre ter uma recordação boa do destino e da experiência vivenciada. Pensando nisso, a Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria Municipal de Turismo (Setur), lançou, na quinta-feira (19), a campanha “Pirata não! O barato pode sair caro”, visando estimular o Cadastur que atende a Lei do Turismo (11.771/08), evitando a comercialização de serviços turísticos irregulares e garantindo a segurança de pessoas que estão em viagem à capital. No lançamento, que aconteceu no Sesc Cabo Branco, registrei as presenças do secretário municipal de turismo de João Pessoa, Daniel Rodrigues e do jornalista Antonino Pinguim.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

No dia 7 de março, a Abrajat paraibana vai realizar solenidade para dar posse à nova diretoria que é liderada pelo presidente eleito, Abelardo Jurema, e que tem os jornalistas Rosa Aguiar, Ana Célia Macedo e Genésio Souza, nos cargos de vice-presidente, tesoureira e secretário, respectivamente.

Ricardo Castro e Andréia Barros serão rei e rainha na próxima edição do Baile da Cidade, evento carnavalesco que vai premiar as mais belas fantasias com o Troféu Celene Sitônio. O evento vai acontecer no Snack Bar, no próximo dia 16 de fevereiro. Claro que marcarei presença.

A banda Patchanka será a atração do bloco Banho de Cheiro que sairá no dia 11 de fevereiro no Folia de Rua, na avenida Epitácio Pessoa. O bloco promete puxar uma multidão de foliões simpáticos do bloco mais charmoso de Jampa na via folia, ao som frenético do axé da banda Patchanka sob o comando do vocalista Fabiano, que tem uma enorme experiência em puxar trios nos carnavais da Bahia de Todos os Santos. O presidente do bloco Banho de Cheiro e produtor cultural Dorgivaldo Andrade está bastante animado com a retomada da prévia carnavalesca após dois anos sem folia por causa da pandemia.

O lançamento do Banho de Cheiro acontecerá no dia 4 de fevereiro no Ancoradouro na Praia do Bessa, onde será realizada a prévia do bloco denominada “Feijoada da Folia” com shows de Fabiano Souto, Douglas Patrício, Trio Ousadia e participações especiais de Marrah Neves, Mila e a Orquestra de Frevo Paraíso Tropical.

Vinte marcas de cachaças produzidas na Paraíba compõem um ranking das 200 melhores do país elencadas no livro “200 anos – 200 cachaças – a evolução da cachaça, da Independência aos dias de hoje, contada em 200 rótulos”, publicação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que homenageia o bicentenário da Independência do Brasil, ocorrido em 2022. A evolução e destaque das bebidas produzidas na Paraíba resultam de investimentos e apoio aos produtores por diversas instituições, a exemplo do Sebrae/PB.



Ana Adelaide Peixoto Tavares, Maria do Carmo Azevedo, Dinalba Araruna, Catarina Guimarães, Edinho Magalhães, Henriqueta Santiago, Sandra Oliveira, Rinaldo Mouzalas e Alacoque Lima são os aniversariantes da semana.

Selic Fixado em 8 de dezembro de 2021 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.302	Dólar \$ Comercial +0,72% R\$ 5,208	Euro € Comercial +0,95% R\$ 5,654	Libra £ Esterlina +0,76% R\$ 6,457	Inflação IPCA do IBGE (em %) Dezembro/2022 +0,62 Novembro/2022 +0,41 Outubro/2022 +0,59 Setembro/2022 -0,29 Agosto/2022 -0,36	Ibovespa 112.042 pts -0,78%
--	---	--	--	---	--	--

ECONOMIA AQUECIDA

Verão estimula o comércio e ajuda a ampliar as vendas

Período faz crescer a procura por produtos e serviços relacionados ao clima

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

As temperaturas mais altas do verão demandam o aumento de consumo de produtos e serviços como trajes de banho e óculos escuros. Há quem procura as academias de ginástica e quem investe na realização de procedimentos estéticos. No período, também cresce a venda de aparelhos de ar-condicionado e até de sorvetes para amenizar o calor.

Na loja Frigelar, localizada em João Pessoa, a venda de aparelhos de ar-condicionado chega a crescer 40% no verão, em comparação com os meses de inverno, segundo estimativa no vendedor Marcos da Silva. “A partir de outubro, as vendas começam a subir porque coincide com o período em que as temperaturas vão elevando”, diz.

Ao contrário do que muitos consumidores pensam, os preços ficam mais caros no inverno e mais atrativos no verão. “Os preços sobem no

inverno porque a quantidade de produtos no mercado é menor”, explica. Na empresa, que também vende peças de reposição para os produtos, é possível encontrar aparelhos com valores de R\$ 1.800 a R\$ 30 mil, dependendo da capacidade de resfriamento.

Para amenizar o calor durante uma tarde de compras, o casal Alexandre Farias e Ana Lúcia, aproveitou para tomar um sorvete. “O sorvete refresca bastante, o que é bem necessário em janeiro”, comenta Ana Lúcia.

A atendente de um quiosque de sorvetes no Shopping Sul, Eloísa dos Santos, conta que chega a vender uma média de 300 casquinhas de sorvete por dia. Ela estima que o crescimento de consumo do produto é o dobro, em comparação com os meses de inverno. “Vendo todo tipo de sorvete, mas o que mais sai é a casquinha”, frisa.

Moda praia

O banho de mar impulsiona a venda de maiôs, bi-

quínis e sungas, além de outros artigos de vestuário. A vendedora da loja Autoestima, Laís de Andrade, afirma que depois do Réveillon começou a procura pelos produtos de moda praia. “Vendemos quimono para saída de praia, biquíni e maiô. Apesar de não ser a especialidade da loja, esse é o segmento mais vendido no momento”.

Segundo Laís, as vendas de *bodies* também são motivadas pela proximidade com o Carnaval. “Tem muita gente procurando as peças em cores neon já pras festas carnavalescas”. Ela explica que as vendas ocorrem mais de quarta a sexta-feira porque no final de semana as pessoas estão aproveitando o verão.

Quem vai à praia também utiliza óculos de sol. O vendedor de um quiosque da marca Chili Beans, Fabrício Araújo, projeta um aumento de 30% nas vendas, em janeiro. “A procura maior é pelos óculos espelhados. É a moda do verão”, indica.

Conforme o vendedor, ge-

“
A partir de outubro, as vendas começam a subir porque coincide com o período em que as temperaturas vão elevando

Marcos da Silva

ralmente o público consumidor é mais jovem. “Mas no verão tem bastante turistas, que esquecem de trazer os óculos ou os perdem na praia”. Os preços dos óculos da marca variam de R\$ 199 a R\$ 399.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

O novo governo e as ideias keynesianas

“Só um Estado forte é capaz de acabar com a miséria neste país”, disse Lula. Esse tipo de discurso surgiu a partir das ideias do economista britânico John Maynard Keynes, cujas concepções mudaram a teoria e prática da macroeconomia, bem como, as políticas econômicas instituídas pelos governos. Segundo Keynes, quando uma economia está em recessão, o governo tem de criar demanda agregada. E ele tem de fazer isso aumentando seus gastos. De fato, essas ideias voltaram com força total na pandemia, quando a maioria dos governos atuaram de forma intervencionista para manter o equilíbrio e a estabilidade de suas economias, garantindo, de algum jeito, o bem-estar social. Keynes apontava que, em momentos de crise, o Estado deveria tomar a frente e compensar falhas de mercado através de políticas públicas.

O raciocínio central da teoria de Keynes advém de uma fórmula matemática do Produto Interno Bruto, o PIB. Na sua concepção demonstra como o consumo dos indivíduos, os investimentos, os gastos governamentais e a diferença entre as exportações e importações recaem sobre o PIB. Todas as variáveis da equação dependem das ações dos agentes econômicos, exceto os gastos governamentais. Na prática, o governo não tem recursos próprios. Logo, surge um grande questionamento: de onde vem o dinheiro que o governo usa para aumentar seus gastos? O governo pode conseguir esse dinheiro por três caminhos: aumentando impostos; tomando dinheiro emprestado de bancos, pessoas e empresas; ou simplesmente imprimindo dinheiro.

Ao seguir a lógica keynesiana, Lula defende o Estado como indutor do desenvolvimento e diz que é hora de voltar a cuidar do povo. Contudo, ao perceber que necessita de mais recursos, decide aumentar as receitas. Recentemente, Haddad apresentou medidas com impacto de até R\$ 242,7 bilhões para reverter o déficit em 2023. A maior parte do ajuste se dá pelo lado das receitas. Pelos cálculos apresentados, os ganhos de arrecadação correspondem a R\$192,7 bilhões. Já as iniciativas de redução de despesas representam apenas R\$ 50 bilhões do pacote. Tudo o que é gasto pelo governo é feito à custa de todas as variáveis produtivas, incluindo o povo. O governo lesa as outras variáveis da equação, agravando o crescimento sustentável do PIB, isto é, de longo prazo.

Sabendo disso, estaríamos no momento ideal para recorrer às ideias keynesianas? Temos dois dados interessantes que talvez indiquem um grande equívoco do atual governo ao usar uma parte das ideias de Keynes: inflação em alta, mas sob controle; e desemprego em baixa. Em momentos de excesso de demanda, como o atual cenário pós-pandêmico, a economia superaquecida tende a ter inflação. Por outro lado, a taxa de desemprego (8,1%) caiu mais uma vez, sendo o menor nível em sete anos. Isso significa que a economia caminha para uma recuperação. Por fim, o novo governo, optando por elevar os gastos públicos, forçando o crescimento do PIB, poderá causar um novo impulsionamento da inflação. Com a inflação elevada, os mais afetados seriam os trabalhadores de baixa renda, que não conseguirão se proteger, colocando em xeque o bem-estar social.

Além do calor, a estação concentra grande número de festas, o que ajuda a manter as negociações em alta



Fotos: Ortilio Antônio



Meses mais quentes do ano fazem aumentar o número de clientes em lojas de moda praia, óculos e academias de ginástica

Preocupação com o corpo também aumenta

Na academia HFit, localizada no Shopping Sul, a gerente Livia Carvalho se diz surpresa com a quantidade de matrículas já depois do Natal. “Houve um aumento considerável de alunos, o que normalmente só ocorre após a segunda quinzena de janeiro. Independente da pandemia de Covid-19, nos anos anteriores, o movimento tende a ser menor em dezembro e em janeiro”.

A recepcionista da acade-

mia, Andressa Kelly, aponta que os alunos estão mais assíduos, no mês de janeiro. “Hoje, às 6h, tínhamos 30 alunos já malhando, algo que normalmente não acontece, ainda mais em um mês de férias”, destaca.

O tatuador Franklin de Almeida é um dos alunos. Ele afirma que está focado nos treinos há oito meses para melhorar a saúde e o físico. “Não estou em busca de um milagre em pouco tem-

po”, conta Franklin. Ele também está investindo em dieta e na compra de suplementação alimentar.

Além dos treinos, outra forma de cuidar do corpo é com a realização de procedimentos estéticos. Na clínica Dermapele Estética, a esteticista Erica Garcia diz que o objetivo mais comum entre os clientes é a perda de gordura da região abdominal. A clínica realiza tratamentos contra celulite, estrias e flaci-

dez e também faz limpeza de pele, ultrassom focalizado e radiofrequência.

“Normalmente, a procura pelos serviços é maior nos meses de outubro a dezembro, mas tem quem deseja um feito imediato em janeiro”, comenta Erica Garcia. Os valores dos serviços variam. Uma sessão de radiofrequência custa R\$ 90 e a de *peeling rose-de-mer* custa R\$ 800. O local trabalha com pacotes de serviços.

MERCADO DE TRABALHO

Profissões se adaptam ao metaverso

Até 2026, ao menos 30% das empresas devem criar serviços e produtos voltados para o consumo nesse ambiente

Bianca Zanatta
Agência Estado

Muito se fala em metaverso, que ao que tudo indica é para onde deve migrar, mesmo que parcialmente, boa parte das atividades humanas em um futuro não tão distante. Aulas, trabalho, entretenimento, consumo: tudo deve acontecer nesse novo ambiente digital, que mescla realidade virtual e realidade aumentada.

Segundo a consultoria em tecnologia Gartner, a previsão é que, daqui a quatro anos, 25% das pessoas passem ao menos uma hora por dia no metaverso. E as empresas já enxergam essa tendência de forma prática: 30% delas devem criar serviços e produtos digitais nesse ambiente e em espaços virtuais até 2026.

Se o mercado em geral ainda está entendendo quais serão as oportunidades de trabalho e negócios no universo virtual, algumas companhias já lidam com ele e estão em busca de profissionais especializados no assunto. E não apenas pessoas de tecnologia.

Levantamento realizado pela Cortex, empresa de inteligência em vendas B2B, mapeou um milhão de vagas abertas entre outubro e novembro de 2022 e encontrou 14 oportunidades em empresas como Accenture, IM Design e Gutenberg Ventures que citavam especificamente o metaverso na descrição.

Além de programador, designer 3D e *software tester*, há procura por profissionais de áreas como marketing, comunicação, RH, comercial, inovação, treinamento e desenvolvimento, por exemplo, que estejam familiarizados com a linguagem.

Qualificação

Segundo Cássia Ban, CEO da escola de programação e robótica SuperGeeks, a primeira necessidade é por mão de obra qualificada para encabeçar a revolução que deve ocorrer, cedo ou tarde. Serão necessários desenvolvedores de games, pessoas com conhecimentos em tecnologias de *blockchain* e web 3.0, criadores de hardware para realidade aumentada, hardwares para hologramas e, no futuro, lentes de contato com tecnologia de realidade aumentada, entre outros.

Além disso, ela fala que o mercado buscará profissionais que também compreendam a área em que se pretende atuar. “Por exemplo, se o desenvolvedor criar uma aplicação que será utilizada para analisar a pele do corpo humano em busca de câncer de pele, é importante que esse profissional tenha conhecimento nessa área”, exemplifica.

Para quem pretende agarrar uma oportunidade no metaverso, a executiva ressalta a importância de aprender a programar e a lidar com tecnologia o quanto antes. “Não importa qual área a pessoa irá escolher, seja engenharia, medicina, direito, todas precisarão de pessoas com conhecimentos em programação e tecnologia”, afirma.

“Qualquer pessoa consegue aprender, quando há disciplina. Indiferente de a pessoa ser ou não nativa digital, aprender tecnologia e programação está relacionado à dedicação e vontade”, acrescenta.

Cássia lembra que se trata de um setor em constante transformação e evolução, em que o profissional está sempre aprendendo e desbravando novas tecnologias. “São pessoas que precisam aprender a desaprender e reaprender de forma rápida. A adaptabilidade é um diferencial para prosseguir.”



Foto: Freepik

Empresas devem se preparar para a previsão de que, daqui a quatro anos, 25% das pessoas passem ao menos uma hora por dia no metaverso

Ambiente favorece relações interdisciplinares

■ Soluções virtuais são construídas em conjunto com o auxílio de profissionais de diferentes áreas de atuação

Na *startup* MedRoom, que desenvolve soluções virtuais para a educação em saúde como o laboratório de anatomia em VR para alunos de medicina, as duas grandes tarefas do time envolvem modelagem e programação, mas há muitas outras coisas que entram na periferia disso, segundo o CEO e co-fundador Vinícius Gusmão.

“Além de *game devs* e designers 3D, tem (quem faz) a pesquisa com o usuário para conhecer a jornada dele; o designer de espaço, que

mescla arquitetura com design de experiência e interface; alguém que tenha preocupação sonora também, para a experiência ter sons tridimensionais, porque aluno não pode ouvir do mesmo jeito se o paciente virtual estiver atrás dele, por exemplo”, enumera. Ele lembra ainda que há uma construção em conjunto e em tempo real do que são essas novas profissões do metaverso.

“Não tem nada de trivial nessa discussão, principalmente envolvendo tecnologia e medicina. Nos-

sos designers, por exemplo, têm de conseguir se comunicar com os médicos porque eles literalmente desenhavam o que querem e falam o que seria legal, sem se preocupar com nada técnico. Aí, nosso time adapta isso para o conteúdo tecnológico”, exemplifica Gusmão.

Segundo ele, esse é inclusive um dos motivos para a equipe da MedRoom contar com profissionais que vieram de outras áreas que não a tecnologia, como um cientista social e uma doutora em fisiologia.

Tecnologia se alimenta da experiência social

Com cursos como modelagem em 3D na bagagem, Luiz Felipe Aroca, de 35 anos, conta que a transição para trabalhar com o metaverso foi progressiva. Durante a graduação em ciências sociais, começou a se aproximar da produção artística, principalmente na área de ilustração e artes plásticas.

“Além do caminho acadêmico da ciência social e do estudo da arte gráfica,

também era forte em mim o interesse por tecnologia, desde pequeno em contato com a área de computação”, afirma.

Após se enveredar na produção artística, ele fala que foi se aproximando de tecnologia, entrou no mercado de jogos e, alguns anos depois, uniu as três expertises na MedRoom.

A formação de cientista social, segundo ele, serve para compreender os processos por permear todos os aspectos da vida. “Esse conhecimento ajuda a entender as relações humanas, como se dão, como se orientam e, portanto, a entender nossa relação com a tecnologia, com sua aplicação e uso”, explica.

“É comum tentar separar o mundo tecnológico do mundo social, até mesmo como ciências afastadas, mas o universo material da tecnologia é uma manifestação da experiência social e dela se alimenta”, acrescenta.

Um exemplo disso está na construção dos pacientes virtuais, que precisam se mostrar o mais humanos possível, do aspecto visual ao contexto social, a fim de gerar empatia, de acordo com o cientista social.

“Quando trabalhamos a criação desses atores virtuais, temos de escolher todos os aspectos pensando em como esse personagem se constrói no mundo virtual, espelhando um possível ser real: as roupas, o tom de voz, o jeito de caminhar e se mover.”

Acadêmicos na tecnologia
Apaixonada por educação e

pesquisa, Gabriela Maria Luceira, de 29 anos, é a fisiologista que compõe a equipe da MedRoom. Ela conta que passou a ter mais contato com inovação e tecnologia durante o doutorado, no Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Ciências Fisiológicas (associação da UFSCar com a Unesp), quando recebeu um financiamento da *startup* Brain4care para conduzir seus experimentos. “Para conseguir comunicar o andamento do projeto com a empresa, comecei a estudar sobre gestão de produto e projeto e percebi que eu tinha a possibilidade de utilizar a minha carreira acadêmica em outras áreas que não fossem apenas ser professora e pesquisadora”, diz.

Hoje, gerente de projeto na *startup*, ela fala que finalmente foi possível unir o conhecimento de fisiologia e anatomia com gestão em produto para impactar e mudar a educação médica. E acredita que seja uma tendência cada vez maior profissionais de áreas diversas se especializarem em tecnologia para unir os dois conhecimentos em trabalhos que envolvam o metaverso.

“Principalmente profissionais acadêmicos, que muitas vezes são pouco utilizados no mercado e possuem um conhecimento amplo e específico para aplicar na sociedade, seja em pesquisa ou na construção de produtos inovadores”, afirma Gabriela.



PARQUE TECNOLÓGICO

Espaço irá abrigar museu de ciências

Museu do Horizonte deverá promover agendas que fomentem a difusão da ciência, arte, cultura e educação

Gilson Renato e
Márcia Dementshuk
Assessoria SEC&T

O projeto de planejamento e implantação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI) e de requalificação do Centro Histórico de João Pessoa prevê a instalação de um museu de ciências, que está sendo nominado Museu do Horizonte. Ele ocupará um dos prédios em recuperação, pelo Governo da Paraíba, no antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, conjunto arquitetônico do século 19, situado na Praça Dom Ulrico.

O novo Museu do Horizonte contempla a demanda, contida na ideia original do PTHI, por um equipamento que, aberto ao público, fomenta e inspire a diversidade e a sustentabilidade através de experiências variadas. Para a coordenadora do PTHI, professora Francilene Procópio, o novo equipamento terá, principalmente, a função de educar a população sobre o estado de emergência climática e sobre os desafios socioambientais que precisam ser enfrentados pelo conjunto da população global.

Segundo a coordenadora Francilene, “o Museu do Horizonte, em parceria com instituições científicas e com empresas, deverá promover agendas que fomentem a difusão de conteúdos de ciência, arte, cultura e educação para a população paraibana, com um olhar especial para jovens mulheres que aspiram seguir carreiras científicas”. Ao destacar o foco na população feminina, Francilene destaca o viés histórico da iniciativa ao lembrar que o Colégio das Neves abrigou a primeira ação formal de educação para mulheres na Paraíba.

O projeto museológico está em curso sob a responsabilidade da arquiteta e ur-

banista Maria Botelho Lima. Segundo ela, “o Museu do Horizonte integra o amplo programa Horizontes de Inovação, implantado pelo Marco Legal da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba, tem o objetivo de impulsionar o ecossistema de inovação e de fortalecer os sistemas científico e de empreendedorismo geradores e produtores de tecnologia no estado da Paraíba”.

A arquiteta afirma que o museu cumprirá os seus propósitos, “através da difusão do desenvolvimento científico e tecnológico sustentável a partir das energias renováveis e da educação climática. De forma ética e transdisciplinar, a instituição atuará na interface entre a ciência e a sociedade, integrando conteúdos de ciência, arte, cultura e educação para expandir as fronteiras do conhecimento, valorizar o patrimônio histórico e a identidade cultural do povo paraibano”.

Para o secretário executivo de Ciência e Tecnologia, professor Rubens Freire, “uma instituição como o PTHI, promotora de desenvolvimento tecnológico e de inovação, precisa informar e colocar à disposição da comunidade, que não tem uma ligação direta com a instituição, os resultados do seu trabalho e precisa também facilitar, na medida de suas possibilidades, o acesso da população às informações e conteúdos que circulam e são produzidos naquele ambiente”. Rubens Freire acredita que há uma tendência mundial, entre importantes instituições e empresas, de promoção do conhecimento através do contato direto com a história e os processos produtivos e criativos da determinada empresa ou instituição. O museu de ciências, segundo o professor, “cumprirá esse papel no âmbito do PTHI”.

■ O novo Museu do Horizonte contempla a demanda, contida na ideia original do PTHI, por um equipamento que, aberto ao público, fomenta e inspire a diversidade e a sustentabilidade através de experiências variadas



O antigo Colégio Nossa Senhora das Neves está sendo recuperado pelo Governo do Estado da Paraíba



Professora Francilene Procópio é coordenadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI)

■ O novo museu integra o amplo programa Horizontes de Inovação, implantado pelo Marco Legal da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba

Valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental

Quando o cantor e compositor Cazuza escreveu “eu vejo um museu de grandes novidades”, trecho da canção “O tempo não para”, usou a ironia certa e a sua poesia para garfar os que maquiavam velhas coisas e ideias para apresentá-las como novas e inovadoras. A poesia de Cazuza jamais envelhecerá, mas a referência semântica que possivelmente o conduziu a escrita envelheceu, pois, a cada dia, é mais fácil acessar museus de grandes novidades. Estes e os tradicionais convivem agora, com suas tipologias diversas, mas com o mesmo propósito e a mesma importância. São os museus do passado, do presente e do futuro da humanidade.

Muito além dos marcos temporais os paradigmas da Museologia Social, em seu estatuto preconiza, “enquanto princípios fundamentais dos museus: a valorização da dignidade humana; a promoção

da cidadania; o cumprimento da função social; a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; a universalidade do acesso; o respeito e a valorização à diversidade cultural e o intercâmbio institucional”.

O projeto do Museu do Horizonte, em seus conceitos norteadores, destaca, inclusive, a localização do museu em zona especial de preservação como referência para concebê-lo como um equipamento científico inovador de prerrogativas híbridas vinculadas aos Centro de Ciências e aos Centro de Intepretação do Território e, portanto, capaz de criar enlaces entre os patrimônios científico, tecnológico, histórico e a comunidade local.

Desta forma o Projeto Museológico define o Museu do Horizonte como uma unidade de Ciências Aplicadas capaz de usar o conhecimento como instrumento para a so-

lução de problemas práticos, através da sua fusão, interação e experimentação, próprias aos Centros de Ciências, com as metodologias empregadas nos Centros de Interpretação do Patrimônio Turístico e Cultural.

O Projeto Museológico registra que, “o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico atenta para o fato de que cada vez mais a população mundial busca por um entendimento mais amplo do papel social da ciência, já que as pesquisas e descobertas científicas têm influenciado e interferido diretamente no cotidiano da humanidade”. Isto para destacar o papel dos centros e museus de ciências enquanto instituições que apoiam a construção da cultura científica e da cidadania, na medida em que auxiliam no processo de aprendizado, por atuar na interface entre a ciência e a sociedade.

Inclusão, diversidade, participação da comunidade e sustentabilidade

Há os museus tradicionais, onde o observador não se aproxima da obra e é expressamente proibido de tocá-la; a contemplação do belo emerge da experiência visual. E os interativos, que têm atraído jovens e estudantes, um público que tende a preferir programas de lazer ou estudos mais dinâmicos do que contemplativos. Em vista dessas transformações sociais, o Conselho Internacional de Museus (Icom) estabeleceu em agosto do ano passado uma nova definição de museu – ampliando o conceito, com o objetivo de alinhá-lo às mudanças no papel desses institutos, voltadas à inclusão, diversidade, participação da comunidade e sustentabilidade. A nova definição é a seguinte:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe

o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”.

O texto foi o resultado de um processo colaborativo que durou quase dois anos e envolveu milhares de profissionais de todo o mundo. Só no Brasil, mais de 1.600 pessoas participaram dos debates promovidos pelo Comitê Brasileiro.

No Brasil há vários exemplos de museus com exposições interativas como o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo. Em dezembro de 2022 inaugurou na Bahia o Centro Cultural e Museu de Ciência 4.0 que propor-

ciona ao visitante uma viagem pelos grandes experimentos que marcaram a humanidade, sempre tendo Salvador como referência, utilizando recursos avançados, como tecnologia 4.0 e imagens em 3D, touchscreen e realidade virtual, além de experimentos lúdicos e interativos voltados para a ciência. Com o novo paradigma, o Estatuto de Museus, previsto na Lei 11.904/2009, que é o instrumento normativo federal que prevê os princípios e as regras que devem ser seguidas para o bom funcionamento dos museus, podem sofrer adaptações. As mudanças determinadas pelo Icom, no entanto, segundo a arquiteta Maria Botelho, responsável técnica pelo Projeto do Museu do Horizonte do PTHI, “não alteram a forma que os museus trabalham, elas alteram apenas a definição da terminologia dos museus”.



Foto: Arquivo pessoal

“

Frutas são fontes de vitaminas, fibras, carboidratos e minerais. Muitas são também antioxidantes

Geovânia Menezes

ESTAÇÃO DAS FRUTAS

Elas estão por toda parte na capital

Nesta época do ano, as frutas estão mais saborosas, e podem ser encontradas em feiras, supermercados e nas ruas

Ítalo Arruda
Especial para A União

João Pessoa possui cerca de 300 mil árvores urbanas localizadas em áreas de passeio público, como calçadas, praças e canteiros centrais. Além de contribuir para o aspecto paisagístico da cidade, a flora arbórea da capital paraibana possui grande capacidade de sombreamento e de produção frutífera – o que colabora significativamente para a qualidade de vida, bem como para os momentos de lazer, descanso e bem-estar da população.

De acordo com dados da Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam-JP), 35% de todas as árvores catalogadas correspondem a espécies nativas e exóticas frutíferas, com destaque para mangueiras, cajueiros, pitombeiras, oliveiras, jambeiros, entre outras. Segundo o engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Semam, Anderson Fontes, esta época do ano, de um modo especial, é bastante propícia para a produção e amadurecimento dos frutos oriundos dessas árvores, como é o caso da manga, do caju, do jambo, da carambola, além do fruta-pão e do tamarindo, facilmente encontrados nas ruas da capital.

A maior parte das frutificações, no entanto, ocorre de acordo com o comportamento fisiológico de cada espécie, que, por sua vez, pode variar. “O comportamento fisiológico das árvores se desenvolve bem, no período mais quente, principalmente após a floração, que acontece no período da primavera”, explica Anderson.

As árvores frutíferas, de um modo geral, são de extrema importância não só para o meio ambiente, mas também para a saúde humana, tendo em vista os inúmeros benefícios decorrentes do consumo responsável. Isto porque as frutas são fontes de nutrientes, vitaminas, fibras, carboidratos e minerais. É o que afirma a nutricionista clínica e esportiva do Centro de Referência em Atenção e Saúde (Cras) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Ciências da Nutrição pela mesma instituição, Geovânia Menezes.

Segundo ela, além de serem muito ricas em água – nutriente indispensável à saúde, já que mais da metade do corpo humano é composto por água – as frutas também possuem compostos fitoquímicos e antioxidantes, que, caracterizados pelas cores que possuem em suas camadas exteriores e interiores, funcionam como fatores de proteção ao organismo, combatendo radicais livres e outros agressores.

“Esses compostos são naturais dos próprios frutos, para protegê-los do processo de oxidação que ocorre no meio ambiente. Quando a gente consome esses compostos, eles fazem com que o nosso organismo comece a se fortalecer”, afirma a nutricionista, alertando para o fato de que, por serem comumente encontradas em árvores urbanas e, consequentemente, acessíveis, é preciso ter cautela na hora do consumo.

“O fato de elas possuírem esses agentes antioxidantes não significa que nós podemos consumi-las em grande quantidade, devido, exatamente, ao grande volume calórico e de carboidratos que as frutas também têm”, acrescenta.



Jambo e manga são algumas das mais populares em João Pessoa

Em João Pessoa, há uma grande quantidade de jambeiros espalhados nos quatro cantos da cidade. Na época da floração – que costuma acontecer entre novembro e dezembro, podendo variar –, o chão se transforma em um extenso tapete rosa, embelezando ainda mais os canteiros e jardins públicos e privados da capital. O mais valioso, contudo, é o benefício do jambo. A fruta, de cor arroxeada, auxilia no combate e prevenção de várias doenças, com destaque para o Alzheimer e outras patologias associadas à perda de memória.

De acordo com a nutricionista Geovânia Menezes, o jambo não é uma fruta tão

calórica (em comparação a frutas como a manga, o abacate, entre outras). Além disso, a nutricionista afirma que “os agentes fitoquímicos antioxidantes, relacionados à cor da casca e da polpa da fruta, são muito ricos em vitaminas C e E, além de carotenóides (substâncias derivadas da vitamina A)”. Estes compostos, segundo Geovânia, agem direta ou indiretamente na redução do risco e na prevenção de doenças crônicas não degenerativas, como doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes e, inclusive, câncer.

Outra fruta produzida em demasia e de fácil acesso é a manga. A cidade está cheia de mangueiras que, além de

proporcionarem sombras e frescor ao ambiente onde estão enraizadas, dão frutos potencialmente benéficos à saúde. A manga, assim como o jambo, é fonte de vitamina C e também é rica em substâncias que podem ser transformadas em vitamina A.

“Esses dois fatores aumentam a imunidade, agindo na proteção de mucosas, como a região dos olhos, por exemplo, impedindo a invasão de microrganismos e patógenos que causam infecções no nosso corpo”, ressalta a nutricionista, destacando que a manga também atua contra constipações (prisão de ventre), devido ao alto teor de fibras presente na fruta.

Alguns cuidados

Para manter a conservação e a preservação das árvores em processo de frutificação, bem como a segurança da população, a Semam-JP recomenda alguns cuidados, tais como:

- Não realizar podas (exceto em casos de urgência);
- Não utilizar ferramentas/utensílios como madeiras, pedras e similares para lançar contra as frutas, na tentativa de fazê-las cair. Para isso, deve-se utilizar varas apropriadas para a colheita;
- Não subir em árvores sem ter equipamentos de segurança ou a supervisão de um profissional especializado em manejo arbóreo.



Fotos: Pixabay

O *pickleball* é jogado em uma quadra similar à do tênis, mas de tamanho menor, e normalmente disputado em duplas

Arte: Luciano Honorato/A União

COMBINAÇÃO DE ESPORTES

Pickleball, a nova opção de lazer

*Uma mistura
de tênis com
badminton e
pingue-pongue
ganha adeptos
em João Pessoa*

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Um esporte recém-chegado à Paraíba e que, aos poucos, tem se mostrando como opção de lazer e bem-estar. Trata-se do pickleball, uma espécie de combinado entre tênis, badminton e pingue-pongue, jogado em uma quadra similar à do tênis, mas de tamanho menor, e normalmente disputado em duplas.

“Aqui chegou há pelo menos quatro meses. No momento estamos usando a quadra de padel para jogar, mas iremos construir uma específica para o esporte em breve”, pontua Roberto Mayer Tebexreni, proprietário da Base Esportes, onde além do pickleball se praticam beach tennis, vôlei, futevôlei e padel.

No caso do pickleball, que é jogado com raquetes semelhantes às de pingue-pongue e uma rede divisória, o tamanho da quadra exige menor mobilidade. As regras também são simples, e o objetivo é passar a bola por cima da rede, acertando-a com uma raquete e tentando fazer com que o rival não possa devolvê-la ao campo adversário. Entre as regras, uma é primordial: só pode marcar pontos o jogador ou a dupla que saca.

No caso do esporte, que ainda não é olímpico, a bola deve quicar somente uma vez dentro dos limites do terreno de jogo oponente. Se quicar fora, a jogada é inválida e se tocar o solo duas vezes o ponto vai para a equipe que fez a jogada. Ganha o set ou jogo quem chegar a 11, 15 ou 21 pontos, com pelo menos dois de vantagem. No caso do pickleball cada partida consta

de um máximo de três sets. Outra diferença em relação ao tênis de mesa é que a raquete é maior e a bolinha tem furos, podendo ser jogado em quadras cobertas ou ainda ao ar livre, nesse caso muda-se a bola utilizada de acordo com o local.

A facilidade de adaptação e as regras simples têm colaborado para a popularização do esporte que, nos Estados Unidos, por exemplo, ganhou espaço na pandemia por poder ser jogado em quadras improvisadas nas calçadas e garagens. Aqui em João Pessoa não tem sido diferente, apesar de ainda serem poucos os praticantes. O professor de Educação Física, aposentado, José Maurílio de Oliveira, conheceu o esporte em São Paulo há quatro anos e desde então segue na prática. “Como professor, sou louco por esportes, amo esportes de raquetes, joguei tênis, jogo tênis de mesa, badminton e crosminton. No caso do pickleball é muito fácil a aprendizagem e facilidade para se jogar já que a quadra é pequena e a raquete e as bolas são bem leves. Qualquer pessoa pode jogar”, detalha o entrevistado que, aos 59 anos, afirma possuir algumas limitações físicas, mas que não o impedem de jogar pelo menos três vezes por semana. “É um esporte muito democrático. Joga criança, adulto, idoso e de vários níveis. Bem tranquilo, além de ser prazeroso e viciante”.

Esporte surgiu nos EUA

Melhora da coordenação motora, equilíbrio e reflexos, são alguns dos benefícios do esporte, criado em 1965, em Seattle, nos Estados Unidos. Sobre o nome há pelo menos duas explicações: como se tra-

ta de um esporte que mistura elementos de outras modalidades, ele lembra o pickleboat (que é o último veleiro a alcançar a linha de chegada em uma regata e cujos tripulantes são provenientes de outras embarcações). Outra hipótese é que o nome tenha sido dado em homenagem a Pickels, cachorro de um dos criadores do esporte, que ficava correndo atrás da bola enquanto o dono jogava. Diferentemente dos Estados Unidos, onde o pickleball tem cerca de cinco milhões de jogadores, no Brasil ainda é praticado por pequenos grupos, apesar de já haver uma Associação Brasileira em Governador Valadares, Minas Gerais, considerada capital nacional do esporte.

Outro traço do esporte é a inclusão, já que é fácil de ser praticado além de não exigir muito esforço físico, o que permite que pessoas com limitação motora consigam jogar. As regras para cadeirantes são semelhantes, considerando que a cadeira de rodas é considerada parte do corpo do atleta. Já em relação aos equipamentos, a média de valor de uma kit contendo duas raquetes e quatro bolas é de R\$ 750. As raquetes, que eram feitas inicialmente de madeiras (pás), hoje são de fibra de carbono com as bolas de plástico tendo entre 26 furos (ar livre) e 40 furos (espaços fechados).

Entre os praticantes, personalidades como Leonardo DiCaprio, George Clooney e Bill Gates já se declararam picklers, nomenclatura dada aos amantes do esporte. A famosa apresentadora Ellen DeGeneres disse em entrevista recente que estava com dificuldade de andar por estar jogando com muita frequência.



Foto: Arquivo pessoal

■ Apesar das limitações, devido a idade, aos 59 anos o professor de Educação Física José Maurílio de Oliveira, já aposentado, se diverte no pickleball

CABEÇADAS NO FUTEBOL

Riscos, traumas e dúvidas sobre futuro

Sem queimar substituição, troca de atletas por concussão cerebral foi uma das novidades na Copa do Qatar

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

Pela primeira vez em Copas do Mundo, uma seleção pôde trocar, no Qatar, um dos seus jogadores em campo sem queimar uma das substituições a que tinha direito. Foi a estreia da troca de atletas por concussão cerebral. A preocupação com esse tipo de lesão levou ao também inédito uso de um aparelho médico para avaliação imediata de casos de concussão, ainda no gramado, se necessário.

Mas o que levou a Fifa a se preocupar com este tipo de problema de saúde agora? Quais os riscos para os jogadores de futebol a curto e longo prazo em casos de choques de cabeça? E para praticantes mais jovens, como crianças e adolescentes das categorias de base dos clubes? Há risco de danos cerebrais em caso de simples cabeçadas na bola? Para responder estas perguntas, o Estadão foi atrás de estudos e especialistas em neurociência.

As concussões cerebrais, que se caracterizam pela perda temporária de consciência, se tornaram preocupação para a Fifa nos últimos anos, na esteira de um movimento encabeçado por lideranças científicas dos Estados Unidos há pelo menos 30 anos

Um dos pioneiros foi o americano Christopher Nowinski, dono de uma das histórias mais improváveis da ciência do seu país. Formado em ciências sociais pela prestigiada Universidade de Harvard, Nowinski resolveu aproveitar seus quase dois metros de altura para se aventurar nas lutas de WWE, conhecidas no Brasil por "Telecatch". Seu apelido era "The Harvard Boy" (o garoto de Harvard).

Mesmo teatralizados, os confrontos e as eventuais pancadas na cabeça causaram no americano a chamada Síndrome Pós-Concussional, que forçou sua aposentadoria na luta livre. Os sintomas, como tontura e confusão mental, fizeram Nowinski se interessar pelo tema. Ele foi fundo na pesquisa e, em 2006, transformou seus estudos no influente livro Head Games: Football's Concussion Crisis ("Jogos de cabeça: a crise da concussão no futebol", em tradução livre).

De acordo com a revista científica The Lancet, uma das mais importantes do mundo, o livro do americano "causou ondas de impacto por toda a NFL", a liga de futebol americano dos EUA. A partir dali, a concussão cerebral se tornou um dos temas esportivos mais pesquisados no país. Nowinski, por sua vez, se aprofundou no tema. Tornou-se um neurocientista, obteve o título de PhD e ajudou a fundar a Concussion Legacy Foundation, entidade focada em estudos ligados à concussão.

A fundação, por sua vez, se tornou uma das entidades científicas mais poderosas dos Estados Unidos, com orçamento de dar inveja a grandes universidades. Não por acaso começou a financiar estudos ligados ao tema até em instituições brasileiras nos últimos anos - o estudo do cérebro do ex-

-boxeador Éder Jofre, por exemplo, é bancado pela entidade americana.

Enquanto crescia, a fundação ganhava espaço na imprensa, apresentando às famílias dos EUA os riscos apresentados pelo futebol americano praticado pelos seus filhos nas escolas. Como consequência, outros esportes, de menor impacto, ganharam atenção e cresceram entre o público americano, como o futebol tradicional. Não demorou, portanto, para os riscos da modalidade começarem a ser observados de perto, a partir da década de 2010

Riscos do futebol

Com certo atraso, estas preocupações chegaram à Europa nos últimos anos. E, em agosto de 2022, a International Football Association Board (Ifab), entidade que define as regras do futebol, recomendou que crianças de até 12 anos evitem cabeçadas na bola. Os árbitros de campeonatos de base até receberam orientação para marcar falta nos jogos nestes casos.

Em comunicado, a Ifab disse que a medida é fruto de cuidados "a curto e a longo prazo". "Esta preocupação se torna aguda quando os jogadores são crianças porque seu corpo, seu cérebro e suas habilidades motoras estão ainda em desenvolvimento e talvez não tenham a força física e nem a experiência suficientes para minimizar possíveis riscos", explicou a entidade.

O neurologista brasileiro Renato Anghinah explica que, no caso das crianças, a preocupação está no choque entre cabeças e também no choque entre cabeça e corpo, principalmente porque os pequenos atletas ainda estão com seus cérebros em formação. A curto prazo, elas podem sofrer um Traumatismo Cranioencefálico (TCE). Depois de muitos anos, o risco está na chamada encefalopatia traumática crônica, doença do cérebro causada por inúmeras e repetitivas pancadas ao longo do tempo.

"Quanto maior o tempo de exposição às pancadas, maior a chance de desenvolver essa doença. Se eu proíbo as cabeçadas na bola, principalmente nesta fase de formação, quando o cérebro está em desenvolvimento, eu estou ganhando duas coisas: vou evitar que eventualmente provoque algum dano numa fase ainda em formação e estou diminuindo o tempo de exposição destas crianças. Reduzo, assim, de 25 a 30% o tempo de exposição que estes indivíduos tiveram aos traumas de crânio", disse ao Estadão Renato Anghinah, do Hospital das Clínicas e livre docente em neurologia pela USP (Universidade de São Paulo).

No mundo dos adultos, os choques de cabeça também preocupam. O espe-

cialista dá uma sugestão para reduzir essas cenas que se tornaram corriqueiras nas partidas de futebol. "Assim como o carrinho por trás, cabeçada na cabeça do outro por trás poderia gerar falta e cartão amarelo. Simples! É só uma questão de a Fifa querer mudar isso. Vai evitar a cabeçada? Não, mas o jogador, com certeza, vai ter mais cuidado nestes lances."

Perigosas para o cérebro?

Não há estudos provando qualquer dano ao cérebro de um jogador por

conta de cabeçadas na bola. As pesquisas sobre o tema ainda são raras, mas uma delas analisou os possíveis danos cognitivos que o movimento poderia causar em cérebros de jogadores do Atlético-MG e do América-MG. Numa comparação com pessoas que

não são atletas, o estudo publicado em 2019 na revista Frontiers in Neurology "não mostrou diferenças



O choque entre jogadores numa bola disputada pelo alto é sempre motivo de preocupação numa partida

Ilustração: Tônio/A União

significativas em testes de performance", apontou.

A pesquisa teve entre seus autores o médico Paulo Caramelli, doutor em neurologia e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e o ortopedista Rodrigo Lasmar, que divide sua atenção entre o departamento médico do Atlético e o da Seleção Brasileira - esteve em cinco das últimas seis Copas do Mundo com a equipe nacional e operou Neymar em 2018.

Os autores são cautelosos e afirmam que o estudo não é definitivo e o tema exige mais pesquisas, principalmente a longo prazo. "Mais estudos, principalmente com um desenho longitudinal

Mudanças radicais na prática do futebol

Especialistas do mundo científico não descartam mudanças radicais na prática do futebol no futuro em caso de eventuais estudos a confirmarem danos cerebrais. Um jogo sem a permissão de cabeçadas na bola ou a utilização de capacetes estariam entre os cenários hipotéticos.

Os capacetes poderiam ser uma solução parcial para o problema. "Não resolveria completamente, mas amenizaria com certeza. Seria como aconteceu com a exigência de usar capacete para pilotos de moto. Os números caíram muito. O índice de traumatismo foi lá embaixo. O impacto, em termos de sociedade, foi fantástico", afirmou ao Estadão o neurocirurgião Feres Chaddad, professor da Unifesp e chefe da Neurocirurgia da Beneficência Portuguesa de São Paulo.

Os médicos brasileiros, contudo, lembram que capacetes e outros equipamentos de proteção não servem para reduzir o impacto no cérebro em caso de uma forte

desaceleração. Isso é algo comum no futebol americano, nos lances de "tackle" (impedir a passagem do rival), ou de falta, no futebol tradicional.

"Mais ou menos 50% das lesões cerebrais em jogos de contato são causadas pela desaceleração e aceleração do cérebro. Não precisa encostar na cabeça do indivíduo para ter lesão no cérebro", explicou Anghinah.

"Num momento, um jogador e seu cérebro estão a 30km/h. Aí ele sofre o tackle. E, milissegundos, a velocidade vai a zero. O cérebro está solto e chacoalha dentro da caixa craniana. Um atleta pode sofrer um tackle, sem choque de cabeça, e cair desacordado no gramado. E nem bateu a cabeça. Por quê? Porque a desaceleração brusca pode lesar o cérebro."

Profissionalização
Anghinah e Chadvdad pedem mais pesquisas na área, principalmente com atletas já

aposentados. Eles lembram que os problemas no cérebro só aparecem quando os jogadores já deixaram os gramados. E acreditam que, pela onda de profissionalização da gestão dos clubes de futebol, haverá maior abertura para pesquisas no futuro.

"Com as SAFs, os clubes passam a ter um dono. E o dono é o responsável pelo que acontece com o elenco do time. Hoje, se um clube sem SAF sofre algum problema, não acontece nada com o presidente. Já com a SAF os donos vão sofrer um processo ou perder dinheiro", afirmou Chaddad.



Foto: Divulgação/EFE

A Fifa mudou a regra de substituições devido aos choques



José Roberto Guimarães,

Técnico da Seleção Feminina de Voleibol

“Ana no ministério é motivo de orgulho”

José Roberto diz acreditar em um bom trabalho da ex-jogadora de voleibol no comando do Ministério do Esporte

Agência Estado

Único tricampeão olímpico do Brasil na história, José Roberto Guimarães é um dos nomes mais conhecidos e respeitados do esporte no país. Com o Governo Federal recriando o ministério para cuidar dos esportes e colocando Ana Moser como responsável, o treinador da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei e do time de Barueri, projeto idealizado por ele desde o começo, deu seu aval para a ex-atleta e sua nova função. Ele também avaliou o ciclo para os Jogos de Paris com a disputa do Pré-Olímpico e despistou sobre seu futuro após a competição de 2024.

A entrevista

■ *Depois de quatro anos, o Brasil voltou a ter o Ministério do Esporte. No começo de 2023, Ana Moser assumiu o cargo e é a responsável pela pasta no Governo Federal. Como você viu o processo e a escolha?*

Eu acho excepcional. O fato de ter a Ana no esporte, para mim, é um motivo de muito orgulho. Primeiro porque eu conheço a Ana desde garota, desde quando ela começou a jogar vôlei em Blumenau. Depois ela veio para São Paulo e eu vi a Ana crescer. Quando eu soube que ela tinha sido convidada eu mandei uma mensagem para ela. Eu sei que ela se preparou a vida inteira para esse momento. Ela tem um conhecimento do Brasil desde a época em que ela esteve na Caravana do Esporte. Ela não só conhece o esporte brasileiro socialmente, mas também o alto rendimento. A Ana eu acho que é super bem-vinda e super bem escolhida. Ela tem total confiança do pessoal do esporte. Ela adquiriu uma credibilidade durante os anos como atleta e também no período em que ela está como administradora e empreendedora do Instituto dela, onde ela sempre fez um grande trabalho. Eu espero e torço para que ela consiga fazer um excelente trabalho e tenha sucesso. O sucesso da Ana Moser no Ministério do Esporte é o nosso sucesso e o sucesso do Brasil e sempre me coloco à disposição se ela desejar conversar.

■ *Nos últimos anos, você falava que para fazer esporte no Brasil era preciso ser um abnegado e que era necessário fazer coisas que você não pensava. Segue sendo assim?*

Continua sendo assim. A gente faz um pouco de tudo. Eu ajudo a limpar a quadra, me preocupo com

vestiário, piso, rede e assim são todos os treinadores. Nós não temos funcionários para fazer funções específicas assim. Aqui todos se preocupam com tudo. Minha filha foi na última semana buscar uniforme no nosso fornecedor para uma atleta da nossa base poder jogar no adulto. Apesar de tudo, isso é um detalhe que eu gosto. Você vê gente chegando sempre com algo para ajudar, literalmente todo mundo ajuda. Um dos assistentes técnicos é o que cuida da montagem da quadra para os dias de jogos, dos detalhes disso. Aqui não tem essa de ser só uma coisa ou outra. Aqui no Barueri todos se preocupam com tudo para que o projeto siga acontecendo.

■ *O Brasil conseguiu uma medalha de prata no Mundial Feminino de 2022, mas terá um Pré-Olímpico pela frente em 2023 que será disputado em um novo formato. O que você espera da Seleção neste ano?*

Será um ano muito difícil se tratando de Pré-Olímpico. Serão três chaves de oito seleções e duas de cada chave irão se classificar. Vai ser um desafio enorme. A gente vai ter que montar a melhor seleção que a gente possa e vamos ter que aproveitar a Liga das Nações como jogos preparatórios para setembro, que é quando vai ser o Pré-Olímpico. A vaga em Paris será o nosso grande objetivo no ano e, como eu disse, nós temos que estar lá com o nosso melhor.

■ *Em alguns momentos durante o ciclo para a Olimpíada de Tóquio você declarou que seria seu último período com a Seleção, mas acabou renovando para Paris. Isso aconteceu pelo fato de o ciclo olímpico até a França ser menor?*

Não. O que eu vi e aprendi com esse grupo de Tóquio me fez renovar. Essa seleção me mostrou que, apesar de todas as dificuldades que nós enfrentamos, a energia do grupo, a química, a vontade de aprender e de estar junto, tudo isso foi muito legal. Quando você tem um grupo dessa maneira, você vê que elas têm um objetivo claro e você vê que elas estão se cuidando, te faz querer seguir. Além de Tóquio, elas me mostraram mais uma vez isso em 2022, na Liga das Nações e no Mundial. Isso tudo me deu força para continuar. Eu vi isso tudo que eu falei nessa nova geração que chegou na seleção. Não só nas mais novas, mas também nas mais experientes que chegaram ao grupo agora e estão representando o Brasil pela primeira vez. Essa vontade grande de querer realizar tudo. Dessa forma eu me senti bem e isso me fez querer continuar. É difícil descrever o que nós vivemos nessa última temporada, mas posso dizer que foi apaixonante estar ali. A gente conseguiu construir um ambiente muito gostoso. Muito leve para se viver e trocar experiências, isso foi legal. A gente tem que seguir com essa construção e essa chama acesa. Apesar da medalha de prata, eu tenho muito orgulho de ter conquistado com todos do grupo, é isso. Penso que se o time do Brasil estiver chegando sempre no pódio está ótimo, significa que estamos no caminho. Precisamos nos acostumar a chegar na zona de medalha sempre.

■ *A geração que marcou o mundo com a conquista do bicampeonato olímpico começou com base neste caminho, certo?*

“

Estamos vendo, assistindo e acompanhando as meninas que estão fora do país e sabemos que elas vêm jogando cada vez mais

José Roberto Guimarães

Sim. Elas foram chegando e se acostumando a estar ali. Depois, muito por conta da resiliência e força de todas que fizeram parte daquele grupo, a chave virou e a conquista dos dois ouros aconteceu. Acho que o grupo atual também é talentoso e jovem. É um grupo que precisa de experiência internacional e vem tendo aos poucos. Estamos vendo, assistindo e acompanhando as meninas que estão fora do país e sabemos que elas vêm jogando cada vez mais. Isso faz com que elas tenham uma maturidade e com que elas cheguem na Seleção com um sentimento diferente, de conhecimento, de equilíbrio e de tudo que elas podem passar.

■ *Como você encara o ciclo olímpico mais curto até Paris?*

Acho que tudo fica mais rápido. O que muda é o planejamento e a forma como você vê as coisas. Estamos vendo todos os adversários e sabemos que a Sérvia venceu o Mundial, a Itália ficou em terceiro e são equipes que até Paris vão crescer muito mais. O Japão foi a vitória mais louca e o jogo mais complicado que nós tivemos no Mundial. Passar por tudo isso é positivo para você entender e conseguir projetar algumas coisas. Sabemos que as dificuldades vão aparecer até Paris e precisamos nos preparar para enfrentar e superar todas elas.

■ *O ano de 2022 para o projeto do seu time em Barueri foi difícil por toda a questão de patrocínio. Como você tem feito para que seja possível o time seguir?*

O grande problema do projeto é essa situação de estarmos sempre perdendo as jogadoras para os outros times. A gente não consegue manter elas aqui por mais de um ano. Temos buscado patrocínios todos os dias, com todas as pessoas. O que tem nos ajudado muito são os projetos de incentivos, tanto na base como no adulto. O ano de 2022 foi excepcional para os nossos times de base. Das cinco categorias do Campeonato Paulista nós vencemos quatro e fomos terceiro lugar na outra. Foi um ano excepcional. Em 2023 vamos aumentar em mais duas categorias, colocando equipes a partir do sub-12, e isso quer dizer mais atleta e mais gente conosco. Os técnicos estão entusiasmados, todo mundo ajudando no que pode e a gente buscando patrocínio. Hoje Barueri é uma das

melhores escolas de vôlei do país, haja vista o que acontece no nosso time adulto. Atualmente metade do elenco do nosso adulto é composta por atletas da nossa própria base. Isso é motivo de muito orgulho para todos nós. Isso nos faz querer continuar. Precisamos seguir buscando empresas que estão dispostas a nos ajudar nessa empreitada. Temos o apoio da prefeitura de Barueri, que é importante, mas a gente precisa encontrar patrocinadores diretos.

■ *O projeto de Barueri vai passar a receber meninas de 12 anos e conseguir seguir até a categoria adulta a partir de 2023?*

Estamos caminhando para isso. O projeto está caminhando, está com uma qualidade legal tudo que a gente tem construído. Aqui nós não nos preocupamos apenas com as jogadoras de vôlei, mas com as cidadãs. Pensamos e buscamos que elas se tornem cidadãs do bem, que tenham oportunidades. Conseguimos convênio com o Colégio Campos Sales e a Escola Amorim, de Barueri, para as jogadoras que vêm de fora terem onde estudar. Falta a ajuda financeira para que tudo seja ainda melhor e seja possível dar oportunidade para elas. A gente não gostaria de perder essas atletas tão precocemente como está acontecendo. O nosso orgulho é que da última convocação da Seleção Brasileira 11 jogadoras da lista nasceram ou passaram pelo time de Barueri. Isso é motivo de muito orgulho para nós como escola de voleibol. Isso é uma amostra de que estamos fazendo um trabalho muito bom para as meninas, para a comunidade como um todo e para o Brasil.

■ *A Olimpíada de Paris será a última de José Roberto Guimarães no comando da Seleção Brasileira de Vôlei Feminino?*

Olha, acho que depois de tudo que eu passei, eu entrego na mão de Deus a decisão. Deixo a vida me levar. Enquanto eu tiver força, conseguir lutar e seguir sendo ajudado como eu sou pelas pessoas que estão do meu lado, como comissão técnica, jogadoras, apoio do clube, da Seleção, eu vou vendo o que é possível.

CLÁSSICO TRADIÇÃO

Botafogo busca sua primeira vitória

Belo ainda não venceu no Campeonato Paraibano e terá pela frente o Treze, que vem se destacando após três partidas

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Hoje, o Estádio Almeidão, em João Pessoa, será palco para uma das maiores rivalidades do futebol paraibano. Quando Botafogo e Treze entrarem em campo pela 4ª rodada do Campeonato Paraibano da 1ª Divisão, a partir das 16h, estarão escrevendo mais um capítulo na história do “Clássico Tradição”.

Alimentado desde 1939, quando no dia 20 de agosto, o Treze venceu o Botafogo por 8 a 1, no campo do Cabo Branco, em João Pessoa, o confronto veio ao longo desses últimos 81 anos, potencializando uma rivalidade dentro das quatro linhas que transcende para um bairrismo entre João Pessoa e Campina Grande, as duas maiores cidades do estado da Paraíba. No total de 407 jogos, o Treze tem 162 vitórias contra 132 do Botafogo, com também 113 empates sendo registrados entre as equipes.

Historicamente, o duelo envolveu cenas que marcaram a história do futebol local. Equipe se retirando de campo, goleadas históricas, decisões alucinantes, títulos de superação, refletores desligados, polêmicas e muita rivalidade entre duas equipes que, juntas, são detentoras de 12 decisões estaduais. O Botafogo venceu em sete oportunidades, nos anos de 1968, 1969, 1986, 1988, 1999, 2013 e 2017. O Treze venceu em cinco vezes, em 1940, 1950, 1989, 2000, 2006 e 2010.

No último confronto pelo Certame Estadual, vitória do Botafogo por 2 a 0 na edição de 2021. Na atual disputa do Campeonato Paraibano, as duas equipes vivem situações distintas. O Botafogo ainda não conseguiu vencer na competição em duas partidas disputadas, tem uma partida a menos que o rival, soma apenas dois pontos e ocupa a 6ª posição.

Contra o Treze, além de buscar a primeira vitória na competição, o Belo defende a permanência de um tabu sem derrotas para o Galo, no Almeidão, desde 2017, quando foi superado por 1 a 0, na primeira fase do Estadual daquele ano.

“Evoluímos em cada um dos jogos que fizemos. Temos totais condições de vencer esse clássico. O jogo contra o Treze é um jogo de muito peso e, por isso, é tratado por todos nós como uma decisão. É mais uma chance de provarmos o nosso valor”, comentou o atacante Thiago Reis.

Do lado do Galo a esperança é o meia, Yamada. O camisa 10 tem sido o grande destaque alvinegro nessas três primeiras rodadas da competição, com boas atuações, dois gols marcados e também uma assistência para gol.

“Fico muito feliz pela temporada que venho fazendo, pela partida que fiz. Desde que vim para o Treze o meu intuito é dar sempre o meu melhor e ajudar o Galo a conquistar os seus objetivos. Espero manter o ritmo e continuar presenteadando a torcida com um bom futebol”, disse.

O confronto 408 do Clássico Tradição terá arbitragem de Tiago Ramos de Oliveira. Ele será auxiliado por Gleidson Francisco e Schumacher Marques Gomes. Willian Cácio de Oliveira é quem fica com a 4ª arbitragem.



Jogadores do Botafogo comemorando gol diante do Campinense no empate de 2 a 2, realizado na semana passada

MAJORAÇÃO

Preço de ingressos estão bem mais caros no Campeonato Paulista 2023

Agência Estado

O protesto de torcedores do Corinthians na sede da Federação Paulista de Futebol, na última sexta-feira, trouxe à tona uma polêmica recorrente nos últimos anos: o preço dos ingressos no Campeonato Paulista. As equipes do interior buscam lucrar ao aumentar o valor para os torcedores visitantes nos jogos contra os grandes, que também não aliviam para o próprio torcedor nas partidas em casa.

O Red Bull Bragantino cobrou R\$ 100 (com meia-entrada por R\$ 50) dos torcedores do Corinthians para o jogo de abertura no estádio Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista. No jogo de ontem, fora de casa, diante da Inter de Limeira, o valor foi ainda maior. Os ingressos destinados ao visitante custaram R\$ 120.

O torcedor são-paulino também sofreu com os preços. Na partida diante da Ferroviária, pela

segunda rodada, na última quinta-feira, o ingresso para visitantes saiu por R\$ 80 (com meia-entrada por R\$ 40). Na Fonte Luminoza, nos demais jogos, o maior valor é R\$ 50.

Os ingressos para Botafogo x Palmeiras também foram salgados. Os palmeirenses pagaram R\$ 120 (com meia-entrada de R\$ 60) na arquibancada e nas cadeiras para o confronto no estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto, pela segunda rodada do Paulistão, também nesta quinta.

Como mandante

Depois de apagar postagem nas redes sociais, o Corinthians anunciou os valores para o primeiro confronto na Neo Química Arena em 2023, contra o Água Santa. O ingresso mais caro para o jogo que aconteceu na quarta-feira custou R\$ 270. O mais barato, R\$ 60. Os valores apresentam descontos de acordo com o plano

de sócio-torcedor, sendo possível encontrar entradas por R\$ 35.

Muito citado por ter o maior ticket médio do Brasil, o Palmeiras subiu o valor dos ingressos do Estadual em relação ao ano passado. Em 2022, na estreia do Paulistão diante da Ponte Preta, era possível comprar ingressos por R\$ 60. Esse ano o setor mais barato do Allianz Parque custa R\$ 80, o que será cobrado no clássico deste domingo contra o São Paulo.

O Santos também reajustou o preço dos ingressos para o Paulistão. Durante todo o ano passado era possível comprar entradas por R\$ 50. Em 2023 o mesmo setor custa R\$ 60. O ingresso mais caro da Vila Belmiro custa R\$ 150.

Dos quatro grandes, o São Paulo foi o único a manter os preços do ano passado. O ingresso mais barato sai a R\$ 20 na arquibancada. O próximo jogo no Morumbi será diante da Portuguesa, dia 26 de janeiro.



Neste domingo tem Palmeiras x São Paulo, no Allianz Parque, e o ingresso mais barato custa R\$ 80

Jogos de hoje

■ **Carioca**
15h30
Resende x Boavista
16h
Volta Redonda x Audax-RJ
18h
Madureira x Fluminense

■ **Alagoano**
16h
Coruripe x CSE

■ **Baiano**
16h
Doce Mel x Bahia de Feira

■ **Catarinense**
16h
Concórdia x Barra
17h
Chapecoense x Criciúma
19h
Brusque x Hercílio Luz
Camboriú x Atlético-SC

■ **Gaúcho**
16h
Novo Hamburgo x Avenida Brasil x Aimoré
19h
Esportivo x São José-RS

■ **Goiano**
10h30
Iporá x Goiás
15h30
Inhumas x Goianésia
16h
Anápolis x CRAC
Morrinhos x Grêmio
Vila Nova x Atlético-GO

■ **Mineiro**
18h30
Pouso Alegre x América

■ **Paraense**
9h45
Castanhal x Águia
10h
São Francisco x Caeté

■ **Paraibano**
16h
Botafogo x Treze

■ **Paranaense**
15h30
São Joseense x Operário
16h
Azuriz x FC Cascavel
18h30
Cianorte x Londrina
Coritiba x Rio Branco

■ **Paulista**
16h
Palmeiras x São Paulo
18h30
São Bernardo x Santos
20h30
Botafogo x Mirassol
Ferroviária x Santo André

■ **Piauiense**
9h
4 de Julho x Corisabbá
16h
Altos x Comercial
Parnahyba x River

■ **Potiguar**
16h
Potiguar-M x Potyguar CN

■ **Sergipano**
15h15
Freipaulistano x América

■ **COPA DO NORDESTE**
16h
CRB x Sergipe
Atlético-BA x Náutico
18h
Ferroviário x Ceará
19h
Sampaio Corrêa x Bahia

O Michelângelo de Sumé

Pintor paraibano Miguel Guilherme dos Santos, assim como o renomado e histórico artista italiano, se especializou em pinturas sacras no interior de igrejas

Hilton Gouvêa
araujogouvêa74@gmail.com

O Michelângelo de Sumé. Esse é o título recebido pelo pintor paraibano Miguel Guilherme dos Santos, já falecido há quase 30 anos. A comparação entre o artista italiano que morreu no século 16 e o pintor paraibano é feita por Flávio Capitulino, artista plástico paraibano e restaurador de obras sacras e históricas que trabalha em Paris, com Jacqueline, a filha de Picasso. Assim como Michelângelo, Miguel Guilherme se especializou em pinturas sacras no interior de igrejas.

Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, mais conhecido simplesmente como Michelângelo ou Miguel Ângelo, foi um pintor, escultor, poeta, anatomista e arquiteto italiano, considerado um dos maiores criadores da história da arte do Ocidente. Ele nasceu em Caprese, a 6 de março de 1475, e morreu em Roma, em 18 de fevereiro de 1564.

Flávio Capitulino explica a comparação: “Depois de Pedro Américo, a meu ver, não surgiu mais ninguém na Paraíba para pintar tão bem neste ramo da arte como ele”. Natural da cidade de Sousa, Capitulino foi criado em Campina Grande e uma vez por ano vem à Paraíba, aproveitando para visitar seu amigo Séver, um pintor indígena potiguara, de Baía da Traição.

De acordo com o pesquisador cultural Adailson Paiva, Miguel Guilherme dos Santos nasceu e se criou na cidade paraibana de Sumé, tendo iniciado suas atividades artísticas com apenas 10 anos de idade e já sendo ativo na pintura aos 16. Não frequentou escolas de belas artes e estudou apenas durante seis meses de sua vida por ter vontade de aprender a ler e a escrever. Pintava tudo que via como referência e moldava até os instrumentos de produção da sua arte, construindo seus pincéis, tintas, mobília e outras peças.

Em suas pinturas incluiu temáticas cotidianas da vida na Região do Cariri, cenários que retratavam as fazendas, os animais, a vegetação e a rotina do sertanejo, acrescidas a pequenos versos de sua própria autoria. Bem como imponentes recortes da arte sacra, retratando figuras divinas em cores e cenários vibrantes em templos católicos da Paraíba e de Pernambuco, entre eles a Igreja Matriz de Monteiro, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Campina Grande, a Igreja Matriz de Sertânia e a Igreja Coração de Jesus.

O artista explorava muito a justaposição de texto e imagem, sendo essa uma das principais características de suas obras. No seu atelier em Sumé, fazia todo tipo de intervenções com pinturas, artes plásticas, um teatro e até mesmo construindo seu próprio túmulo lá dentro, onde foi posteriormente enterrado em 1995 atendendo a sua vontade póstuma.

No ano de 2009 foi proposto que o campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em Sumé, fosse nomeado em sua homenagem. Em 2010 foi gravado um curta-metragem intitulado ‘Menino Artífice’, contando a trajetória de Miguel Guilherme. Em 2017, seus painéis pictóricos existentes na Igreja São Sebastião e o painel exposto no bufê da Praça Adolfo Mayer – ambos localizados em Sumé –, foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

Em seu trabalho dirigido à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, intitulado ‘A Cidade de Sumé-PB e o Ensino das Artes Visuais’. Líbna Natifali Lucena Ferreira fala o seguinte sobre Miguel Guilherme e outros artistas plásticos de Sumé: “Como percebemos, Sumé tem um contexto histórico-cultural constituído por uma multiplicidade de visualidades artísticas, que suscita infindáveis significados”.

E ela continua: “Entendemos que essas imagens são elementos da formação da cultura local, e é por meio delas que temos a oportunidade de conhecer a cultura e valores diversos, no entanto, é

necessário nos mantermos conhecedores dos valores e das visualidades artísticas locais que nos constituem”.

Para ela, “o conhecimento desses fatos relevantes da história de Sumé traduzida em imagens é uma possibilidade de ensino e aprendizagem em arte. Possibilita uma interação e reflexão do aluno com a história e cultura local por meio de narrativas visuais. Dessa maneira, acreditamos que o conhecimento da própria cultura e história podem ampliar de uma maneira extremamente significativa o conhecimento da arte, mas também as leituras de mundo, além de contribuir na construção de um olhar e consciência mais crítica”.

Em 15 de agosto de 2019, o pesquisador artístico-cultural Francisco Adriano concedeu o seguinte depoimento sobre Miguel Guilherme: “Com 10 anos de idade, ele foi residir na Fazenda Pedra Comprida, onde ficou por pouco tempo. Lá fez seu primeiro desenho. De volta à povoação, foi trabalhar na loja de tecido do major Bru-

no Ferreira de Freitas, onde rabiscava os papéis dos embrulhos. Essa manifestação artística do rapaz deixava o maior furioso”.

Por outro lado, segundo Francisco Adriano, ele tinha total apoio do coronel Adolfo Mayer, do qual Miguel se tornou grande amigo. Casou-se em 1930 na Fazenda Pedra D’água, do seu sogro Marciano de Oliveira, onde o casal Miguel Guilherme e Josefa Leite Monteiro tiveram os seguintes filhos: Abelardo, João, Leonardo, Maria Emília, Maria Salomé e Elizabeth.

Miguel Guilherme é considerado um dos maiores artistas da Paraíba no século 20, com destaque para a arte sacra, com trabalhos nas igrejas de Sumé, Monteiro, Sertânia e Campina Grande, mesmo sendo autodidata, sem formação acadêmica. Ele produzia suas próprias tintas e pincéis e tinha seu próprio estilo artístico, que era diferenciado dos demais artistas. “Por mais de cinquenta anos desenvolveu suas artes por amor”. A maioria de suas obras era extremamente figurativa.

Miguel Guilherme dos Santos nasceu em Sumé, no Cariri da Paraíba, distante a 232 quilômetros de João Pessoa, em 15 de agosto de 1902. E morreu na mesma cidade, aos 92 anos, em 15 de julho de 1995.



Miguel Guilherme fazia todo tipo de intervenções com pinturas, artes plásticas, um teatro e até o próprio túmulo

“Cruzado da fé” assistia aos pobres na imprensa, defendendo seus direitos



Diretor do jornal A Imprensa, órgão de comunicação da Diocese da capital paraibana, Padre Zé descrevia, sem temor, as injustiças, principalmente as arbitrariedades policiais

Hilton Gouvêa
hiltongouvearnunjo@gmail.com

O lado jornalista do Padre Zé Coutinho é pouco conhecido e quase sempre nem lembrado. Porém, sua tenacidade em atingir objetivos nobres era de todos conhecida. Diretor do jornal A Imprensa, órgão de comunicação da Arquidiocese da capital paraibana, Padre Zé descrevia, sem temor, as injustiças, principalmente as arbitrariedades policiais. Ele também escreveu artigos no Jornal A União e usou os microfones da Rádio Tabajara. Contemplado com um sítio de Iaíá Paiva, grande proprietária de terras nos bairros de Mandacaru e Tambiá, em João Pessoa, o religioso construiu no local sua casa e deu contornos de realidade ao sonho de sua vida: colocar-se ao lado dos pobres e oprimidos, fazendo surgir, mais tarde, o Hospital Padre Zé. Era predestinado ao jornalismo de assistência aos indigentes, pois se impressionara com o aspecto de malária ancestral dos pobres da periferia de João Pessoa, que apresentavam abdômens intumescidos e a pele amarelada.

Dentre as arbitrariedades policiais que divulgou enquanto diretor do jornal A Imprensa, Padre Zé Coutinho deu destaque para o caso da menina Maria de Lourdes, de 13 anos, acusada pela patroa de praticar furto de joias e dinheiro em sua casa.

Levada para a delegacia, o padre Batista, gestor da Polícia Mirim, ordenou aos seus “comandados que apertassem” a garota. Esse aperto resultou na perfuração da membrana hepática e a menina morreu. Para piorar a situação dos algozes da criança, oito dias após sua morte o dinheiro e os objetos supostamente por ela furtados surgiram, misteriosamente, dentro da casa da patroa.

Talvez gozando da cumplicidade de terceiros, alguém assinou o atestado de óbito e apontou cirrose como a causa da morte de Maria de Lourdes. Furioso, Padre Zé ocupou as colunas do Jornal A União e o horário disponível de um

programa que tinha na Rádio Tabajara para contrariar “a versão covarde sobre a causa da morte da inocente vítima”. “A polícia diz que foi cirrose e eu tenho, aqui em mãos, as provas de que Maria de Lourdes morreu de ‘surrose’”, afirmava o sacerdote.

Seu gabinete no Instituto Padre Zé, em João Pessoa, era uma grande sala aberta, onde atendia a todos sentado em sua cadeira de rodas. Os governadores que se sucediam na Paraíba davam-lhe o crédito para procurá-los em qualquer hora e lugar. Numa dessas audiências com o então recém-eleito governador João Agripino, Zé Coutinho denunciou-lhe arbitrariedades policiais na Praia da Penha.

Matreiro, dois meses após o resultado da eleição que o fez governador, Agripino foi até a Praia da Penha agradecer à maciça votação que obteve. Sentou-se num barzinho, assediado pelo povo, e mandou chamar o delegado. Cabo Cão, um policial militar arbitrário, apresentou-se temeroso. Agripino perguntou: “Tem dado muita peia em cabra ruim, cabo?”. Com o peito estufado de orgulho o policial respondeu: “Dou pouco, mas só dou segura, que o cara pede logo para morrer!”. No dia seguinte, o Diário Oficial trazia publicada a exoneração de Cabo Cão.

José da Silva Coutinho, o Padre Zé, nasceu em Esperança, no Brejo paraibano, em 18 de novembro de 1897, um ano antes da Abolição da Escravidão. Morreu em João Pessoa, no dia 5 de novembro de 1973. Ao seu enterro, compareceu uma multidão nunca vista em sepultamentos anteriores registrados na capital da Paraíba.

Filho de Júlio da Silva Coutinho e Eusébia de Carvalho Coutinho, o futuro Padre Zé também era afilhado de Dom Santino Maia, arcebispo de Alagoas, e sobrinho de Odilon da Silva Coutinho, vigário-geral da Arquidiocese da Paraíba. Padre Zé foi fundador da Orquestra Regina Pacis e, ainda no seminário, fundou o jornal O Lábano.



O Hospital Padre Zé, instalado e em plena atividade no Bairro de Tambiá, surgiu do trabalho do religioso em favor dos pobres

Canção para intimidar e bisaco para guardar

O sacerdote que se tornou o “Pai dos Pobres” na Paraíba nasceu há 125 anos na cidade de Esperança. Servidores das instituições de caridade que ele fundou na capital – entre elas o Instituto São José e o Hospital Padre Zé – habitualmente lembram o nome do Padre Zé Coutinho em solenidades especiais. Religioso sem ambições materiais, em 1937 deixou o cargo de vigário da Catedral Metropolitana (hoje Basílica de Nossa Senhora das Neves) para dedicar-se integralmente às suas obras sociais.

Revelou sua vocação assistencial ainda no seminário, onde fundou uma espécie de cooperativa para assistir seminaristas pobres. Ao ordenar-se padre em 23 de março de 1920, incorporou a imagem do eterno peregrino a esmolar pelas ruas e entidades, com o objetivo de ajudar os necessitados.

A quem cooperava ou não com sua causa, ele se anunciava assim: “A esmola de meus pobres, prezado”. A partir de 1935, os paraibanos da capital e redondezas se acostumaram a ver a figura de um padre, na época com 38 anos, esmolando com insistências para investir nas suas obras sociais.

Surgiu, então, um abrigo que mais tarde seria o atual Instituto São José. A maioria dos necessitados precisava de tratamento médico e aí veio a evolução desse albergue para o atual Hospital Padre Zé. O “São Francisco paraibano” era incansável e não media distância para conseguir doativos.

O cineasta Jurandy Moura, impressionado com a tenacidade do padre, filmou o documentário ‘Padre Zé Estende a Mão’, no biênio 1969/1970. Antes, Padre Zé já era co-

nhecido de todos por causa da sua indefectível figura sentada numa cadeira de rodas, com um caniço e um bisaco à tiracolo. O caniço (cana fina e flexível, usada para pescar) servia para “intimar” as pessoas a contribuir. E o bisaco (pequeno saco de pano que se leva à tiracolo) para juntar as esmolas. Certa vez, o caniço bateu forte nas costas de um ricoço que fingia ignorar os apelos de Padre Zé Coutinho em favor dos pobres.

“O monsenhor José da Silva Coutinho cedo começou a desenvolver um trabalho em favor dos pobres na cidade de João Pessoa, construindo casa de apoio a jovens carentes, mas também, exercitou outra atividade que muito gostava, que foi de atuar na imprensa”, destaca o jornalista José Nunes, que assina uma coluna semanal em A União, no Cader-

no de Cultura. “Durante muitos anos, entre as décadas de 1950 e 1960, escreveu artigos para os jornais da capital e uma crônica que era lida, semanalmente, na Rádio Tabajara, com bastante sucesso”, ressalta Nunes.

José Nunes ainda aponta: “Com sua atuação nos meios de comunicação, ele chegou a ser diretor do jornal católico da Arquidiocese da Paraíba, A Imprensa, motivou grandes campanhas em favor dos necessitados, seja em período de festas natalinas ou em outras oportunidades”.

“Com sua atuação na imprensa, mesmo como colaborador”, continua José Nunes, “foi uma voz potente em favor das causas dos pobres, das injustiças e da falta de apoio por parte dos governantes para solucionar problemas reclamados pelas famílias das periferias”.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Dicas de jornalismo: para principiantes e dinossauros

No livro ‘Jornalismo para Principiantes’, publicado pela Editora Tecnoprint em 1978, o jornalista Natalício Norberto dá orientações a quem deseja ser jornalista. Na época em que a obra foi escrita, relata o autor, havia uma carência total de ensino de jornalismo no Brasil. “As técnicas e os mancebos da profissão eram transmitidos ao foca, ou principiante, de viva voz, pelo dromedário, ou jornalista veterano”.

Ainda que hoje existam vários livros e manuais sobre o tema, a obra de Natalício Norberto continua relevante e deveria ter lugar cativo nas bibliotecas – para ser lida por novos e antigos colegas de profissão. Apesar de ter informações ultrapassadas (e o avanço tecnológico contribuiu para isso), há dicas de ‘Jornalismo para Principiantes’ que, de certo modo, continuam atuais.

Vejamos. Além de saber fazer anotações de forma objetiva, o repórter deve saber perguntar. “O repórter deve indagar sempre o máximo que puder – sobre qualquer assunto que estiver cobrindo. Saber o quê e como perguntar, no sentido de cavar mais e melhores informações, é o ponto de partida para a



Foto: Reprodução

grande notícia”.

Como o mestre ensina, também é preciso ter cautela para evitar informações erradas, negligentes ou duvidosas. “Alguns informantes gostam de aparecer; por isso é bom que o repórter confirme tudo o que conseguir, de

duas ou mais fontes, se possível”. Em tempos de redes sociais como holofote para si mesmo, então, cruzar informações, é mais que essencial...

Outra orientação de Natalício Norberto que considero atemporal se refere ao senso de notícia. Ter faro apurado vale muito. “Assim como o cozinheiro sabe escolher os ingredientes ou um bom tempero, também o repórter deve ser capaz de distinguir entre os fatos realmente aproveitáveis e aqueles de pouco ou nenhum valor”. Conforme Norberto, o senso da notícia ajuda o repórter a perceber onde a notícia está; reconhecer a notícia, onde quer que se encontre; selecionar o ponto de interesse da história, a fim de apresentá-lo no início da redação.

Em outra obra (Manual Prático do Jornalista), o autor também trata do tema: “O faro da notícia é fruto da experiência diária e da mobilização de esforços de cada um: adquirir-se através da observação constante dos fatos e acontecimentos que, a despeito de sua banalidade, se transformam em manchete, ou notícias de primeira página”, diz. Para ele, o faro da notícia é o sexto sentido do repórter.

Outra dica de Natalício Norberto da qual gosto muito se refere ao texto jornalístico. Admito, fico rindo sozinha toda vez que leio este trecho da obra: “Evite, sempre, clichês, chavões e frases feitas como: viatura (para carro de polícia), ferimento transfixiante, decúbito dorsal, indigitado, causídico, meliante, via pública (rua), facultativo (médico), precioso líquido (água), escafeder-se (fugir), tresloucado gesto, féretero (caixão), baixou à sepultura, campo-santo (cemitério), nosocômio (hospital), enlace nupcial (casamento) e outros mais”.

Por fim, relembro o que Natalício Norberto fala sobre títulos, os quais ele considera “o espelho da notícia”. Um bom título, registra o jornalista, não apenas revela ao leitor o assunto de cada história, mas também força à ação, desperta o interesse e conduz o leitor diretamente à notícia, sem esforço algum. “O título que anuncia e vende a notícia é brilhante, trabalhado e consegue interessar até o leitor mais indiferente”, ensina. Para quem se interessou pelos livros de Natalício Norberto, há obras do autor disponíveis na internet por menos de 10 reais.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O som que vem da Bahia – Dorival Caymmi – Conclusão

Foi no ápice da chamada Era de Ouro do Rádio que Dorival Caymmi deu início a um veio musical que, seguindo uma linha com harmonias e melodias mais sofisticadas e dissonantes, com inversão de acordes, iria, inclusive, alavancar o chamado “estilo João Gilberto”. São dessa fase as composições ‘Saudades da Bahia’, ‘Rosa Morena’, ‘Doralice’ e ‘Samba da Minha Terra’. Aliás, na verva da Bossa-Nova, credita-se a Dorival Caymmi, Tom Jobim e Aloísio de Oliveira a indicação do também baiano João Gilberto à gravadora Odeon, berço influente do novo movimento musical.

Não se deve esquecer uma sua imersão na criação de uma vertente musical, mais coloquial, dando início a uma nova trajetória para a MPB, surgida com Dick Farney e Lúcio Alves, o que começa a proporcionar uma espécie de renovação em nosso cancionário. Dessa fase, tivemos as suas criações: ‘Marina’, ‘Sábado em Copacabana’, ‘Nem Eu, Não Tem Solução’, ‘Só Louco’, ‘Você Não Sabe Amar’...

Na esfera internacional, ressalte-se o imenso sucesso de sua criação ‘Das Rosas’

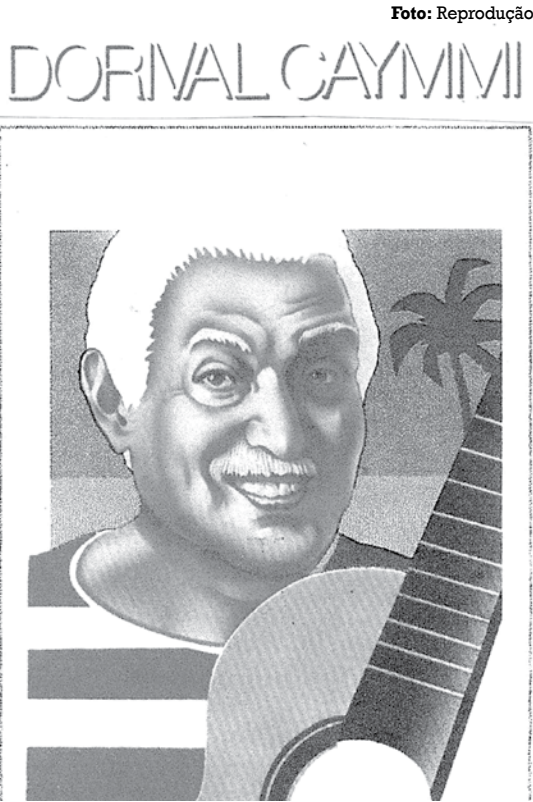


Foto: Reprodução

‘Roses and Roses’, com versão de Ray Gilbert), que foi gravada, entre outros, por Andy Williams, Sarah Vaughan e Astrud Gilberto. Além dos já ditos sucessos nas telas cinematográficas, citados em coluna anterior, devem ser creditadas a ele as aberturas das novelas nacionais ‘Gabriela’ e ‘Escrava Isaura’.

Como praticante do Candomblé, Caymmi era filho de santo de Mãe Menininha de Gantois, para quem dedicou, em 1972, a canção homônima, gravada por Gal Costa e Maria Bethânia.

Bom que se explicita uma sua confissão feita a Paulo Mendes Campos, quando afirmou ser leitor assíduo e admirador dos escritores/poetas Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Pablo Neruda e Jorge Amado. No âmbito da música, dizia-se ouvinte de Debussy, Bach, Mozart, sem esquecer o veio jazzístico de Gershwin.

Sem querer ser redundante, reconhece-se hoje que o ritmo sincopado administrado nos seus sambas já indicava um prenúncio do samba moderno sacramento como Bossa Nova, e do qual outro baiano, no caso

João Gilberto, foi o herdeiro por excelência. Em 1986, foi homenageado pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, com o enredo ‘Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira têm’. Em 2014, ele voltou a ser festejado pela Escola de Samba Água de Ouro, com o enredo ‘A velha Bahia apresenta o cenário do poeta cancionista Dorival Caymmi’.

Como se tudo isso não bastasse, restou a Dorival Caymmi com a esposa Adelaide Tostes nos legarem uma prole de talentos musicais, composta pelos filhos – Nana (Dinahir), Dori e Danilo – e pelos netos Juliana e Alice (filhas de Danilo Cândido Tostes Caymmi), além de uma filha de Nana, Stella Teresa Caymmi Paoli, jornalista, que nos brindou com uma biografia do avô: ‘Dorival Caymmi – o mar e o tempo’.

Fato coincidente e curioso: Stella Maris, a esposa de Dorival Caymmi, faleceu 11 dias (em 27 de agosto de 2008) depois dele (16 de agosto de 2008), tendo entrado em coma também 11 dias antes do falecimento do marido. Desígnios da mãe natureza e do destino.



Prato do dia

Galinha à Cabidela



Foto: Divulgação

Ingredientes:

- 2 quilos de galinha
- 1 colher de chá de cominho em pó
- 1 colher de chá de colorau
- 2 colheres de sopa de vinagre de vinho branco
- 1 cebola grande picada
- Sal a gosto
- 3 tomates sem pele e picados
- 1 pimentão verde picado
- 2 xícaras de chá de água fervendo
- 1 xícara de chá de sangue de galinha batido
- 500 gramas de batata inglesa cozida sem sal
- Coentro a gosto
- Azeite a gosto

Modo de preparo:

- A galinha: em um recipiente, coloque a galinha e tempere com sal, cominho em pó, colorau, vinagre de vinho branco, cebola picada, tomate sem pele, pimentão verde picado e misture bem para todos os ingredientes incorporarem. Em uma panela, adicione o azeite, acrescente a galinha temperada e refogue bem. Adicione o tempero do frango, a água fervente, tampe a panela e deixe cozinhar por 1 hora e 20 minutos. Após o tempo de cozimento, retire o frango e reserve.
- O molho: Adicione o vinagre de vinho branco e misture bem com o sangue de galinha batido. Acrescente a mistura no molho reservado do frango cozido. Deixe cozinhar por 10 minutos. A galinha à cabidela: Retorne a galinha para a panela e deixe cozinhar por mais 10 minutos com a mistura do molho. Adicione as batatas inglesas cozidas sem sal e finalize com coentro.

Tempero a gosto

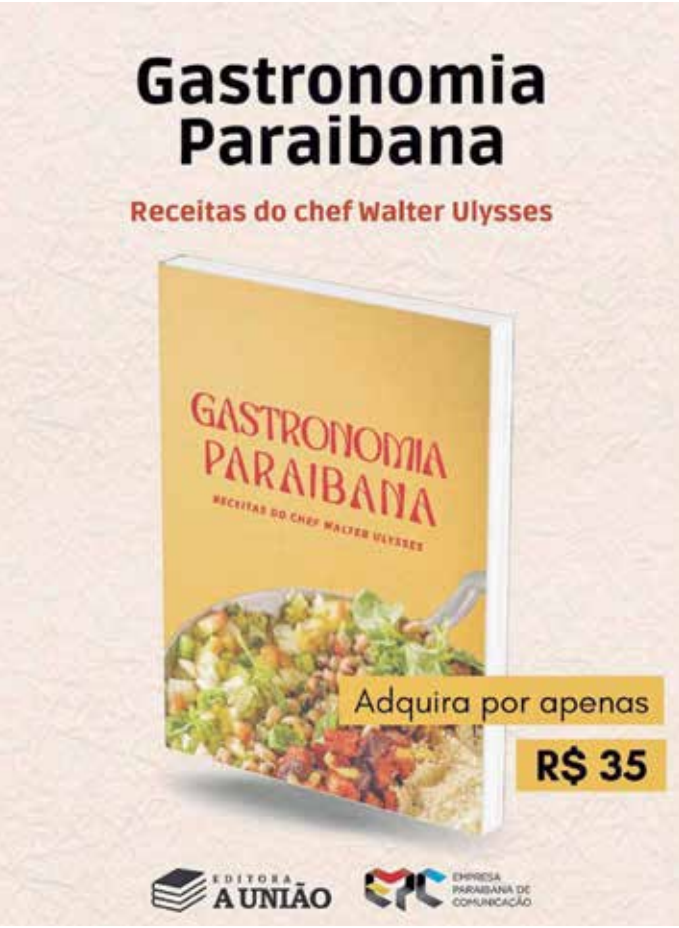
A galinha à cabidela (ou ainda frango ao molho pardo como é conhecido mais amplamente) é um prato típico da região norte de Portugal, disseminado pelos portugueses no século 16 na época da colonização. Também muito apreciado no Nordeste brasileiro e em Minas Gerais, o nome galinha à cabidela faz referência aos “cabos”, ou seja, aos miúdos utilizados da galinha para compor o prato. A receita leva basicamente o sangue da própria galinha, que é a base para o molho.

QUENTINHAS

A cantora e compositora Val Donato se apresentou na última quinta-feira (19) no Faaca Boteco & Parrilla. Conhecida pelo seu estilo grunge indefectível, Val, com voz e violão, esteve numa versão mais *light*, com direito a MPB, reggae, pop brasileiro e clássicos do rock, além das suas autorais. O Faaca Boteco & Parrilla fica na Rua Bananeiras, em Manaíra, na capital paraibana.

Você pode adquirir meu livro mandando mensagem no meu Instagram, @waltinhoullysses.

Foto: Divulgação



Walter Ulysses

A gastronomia acompanha a história

A gastronomia teve seu início na pré-história com o homem primitivo que foi descobrindo que os alimentos poderiam ser modificados, já diferente do que se relata que a prostituição seria a mais antiga profissão existente, o que primeiramente era consumido cru, depois da descoberta do fogo passou a ser cozido e, a partir daí, o homem descobriu que poderia modificar o sabor dos alimentos e descobrir que se pode produzir vários tipos de alimentos.

A idade antiga foi o período dos grandes povos e dos grandes banquetes. Os povos faziam banquetes para comemorações de vitórias em guerras e comemorações da família real. O povo egípcio inventou a padaria artística, produzindo pães de diferentes formas. A idade média foi marcada pela força da Igreja e a gastronomia seguiu a mesma linha, baseada em vinhos, em pães e também eram baseados na cozinha romana.

Os monges simplificaram a preparação dos alimentos e enriqueceram a qualidade dos produtos. O peixe foi um alimento muito valorizado, havia um abuso muito grande em especiarias, como pimentas, noz moscada, gengibre e outros. A idade moderna foi a época das grandes inovações, foi o período do renascimento e da descoberta de novas sensações e a gastronomia como sempre acompanha a história.

As especiarias eram muito apreciadas pelos europeus. Foi aí onde entrou o Brasil que, por ser rico em especiarias, foi muito explorado. O sorvete foi quem revolucionou a sobremesa da época. Em meados do século 17, os franceses descobriram o café e, também, que o peru era muito suculento.

A idade contemporânea foi quando a gastronomia entrou no caminho do aperfeiçoamento. Nessa época, a França passou por dois períodos distintos: um durante Napoleão Bonaparte, que detestava o requinte da comida francesa e preferia a comida italiana; e o pós-Bonaparte, quando a França passou por um período chamado de restauração, voltando o requinte da culinária francesa.

Foi aí que os menus começaram a invadir os restaurantes da Europa, cada vez mais luxuosos e artísticos, com o intuito de informar aos clientes o que havia para comer e beber. Nessa época, os chefs de cozinha passaram a trabalhar em restaurantes ou abrir seus próprios restaurantes, pois tinham perdido seus empregos nos palácios da nobreza, já que ela ficou enfraquecida após a revolução. Tudo isso, aliado à revolução francesa, fez nascer a cozinha burguesa, que misturava os aromas do campo com a elegância da alta gastronomia. Combinou a gastronomia da terra com a gastronomia de laboratório.

A história da gastronomia no Brasil começa a ser contada a partir do momento em que os portugueses chegam ao país e têm os primeiros contatos com os indígenas que tinham sua própria culinária, totalmente diferente do que os portugueses conheciam. Era uma culinária baseada em frutos da terra, como milho, feijão, fava, mandioca e goiaba, e é da mandioca que eles retiravam seu principal alimento: a farinha.

Há relatos de que a farinha era totalmente indispensável na culinária indígena. O feijão e a fava não eram muito apreciados na alimentação e se consumia muito amendoim, de todas as formas, tanto cru, quanto assado ou cozido.

O indígena no Brasil de 1500, assim como o homem pré-histórico, não tinha uma hora exata para comer como os europeus. Eles preferiam o alimento assado ou tostado muito mais do que o cozido. As bebidas indígenas eram sempre aquecidas antes de serem ingeridas.

A colonização do Brasil culminou com o nascimento da cozinha brasileira. Essa cozinha é resultado da mistura de três povos: portugueses, africanos e indígenas.

O chefe de cozinha é o grande artista do fogão nos dias atuais. Eles é quem são responsáveis por produzir as delícias que atraem as pessoas a provar diferentes sabores.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Consumo compulsivo

“Doença” causada pela pressão de se fazer compras sem necessidade atinge cerca de 8% da população mundial, segundo a OMS

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Desde que deixou o sistema de escambo para trás, no período colonial, o brasileiro teve de se adaptar à modernização monetária, tendo que gastar conforme o volume de moedas que possuía. Mas, atualmente, diante dos estímulos da mídia e de uma sociedade voltada ao consumismo, difícil não se sentir tentado a comprar mais do que precisa. O problema é quando a vontade de aquisição de bens e serviços se torna descontrolada, vai além do racional, e acaba tornando a relação de consumo um problema, resultando em dívidas gigantescas, acúmulo de produtos desnecessários e sensação de culpa. Quem está imerso nessa situação, precisa avaliar se não está enfrentando a oniomania, uma compulsão que atinge cerca de 8% da população mundial segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A médica psiquiatra Scheilla Matos Ferreira, especialista em terapia cognitivo comportamental, explica que a oniomania é um transtorno compulsivo em que a pessoa não resiste à pressão de comprar. “É a doença dos compradores compulsivos. A pessoa compra por impulsividade, sem necessidade alguma, o que a leva a ter prejuízos financeiros e a se sentir culpada. Foi considerada doença na década de 1980”.

As causas são multifatoriais, tendo, sobretudo, relação com a história comportamental da família (origem ambiental) e origem genética. Sheila conta que a oniomania faz parte dos transtornos de controle do impulso e está ligada a algumas condições psicológicas: privação emocional na infância; incapacidade de tolerar sentimentos negativos, necessidade de preencher um vazio interior; procura por aprovação; perfeccionismo, entre outros fatores. É mais comum em pessoas com personalidade impulsiva ou com necessidade de controle.

A psiquiatra explica que o paciente vê no ato de comprar uma forma de satisfação para suprir carências, angústias e para diminuir o desconforto físico e psicológico. Para quem tem a compulsão, não há diferença se o consumo ocorre em lojas físicas ou on-line, porque o objetivo é satisfazer o impulso e não obter o objeto. Como compra sem necessidade, a pessoa enfrenta prejuízos financeiros, na vida funcional e também nos relacionamentos. “A compra compulsiva é semelhante a uma fissura: o indivíduo sente angústia, sintomas físicos, efetua a compra e sente o alívio. Em seguida vem a culpa, o arrependimento”, diz a médica.

Assim como outros problemas psicológicos, é difícil para o paciente enxergar o seu comportamento como fora do “normal”, pois, segundo Scheila, a situação é semelhante a de uma pessoa que tem dependência química; ela fica sem forças para reagir, para interromper o ciclo em que vive.

Já o médico psiquiatra Ricardo Henrique Araújo, especialista em dependência química, preceptor no Hospital Universitário Lauro Wanderley e no Complexo Hospitalar de Doenças Infectocontagiosas Clementino Fraga, ambos em João Pessoa, ressalta que há pessoas que conseguem perceber o próprio descontrole, mas ficam envergonhadas, pois pressupõem que serão alvos de censura. Nesse caso, tentam ocultar o ato da família, amigos e demais indivíduos do seu convívio.

Ricardo Araújo conta que o gatilho para o desenvolvimento da compulsão pode ser um quadro depressivo ou ansioso, um transtorno de personalidade ou elevados níveis de impulsividade. Os sintomas podem, porém, ser confundidos com outros casos psiquiátricos, como o transtorno bipolar, que pode trazer esse comportamento da compra excessiva. “Deve-se ter cautela para não dar um diagnóstico equivocado de oniomania para o que, na verdade, seria explicado por outra condição que requer tratamento diferente”, alerta Ricardo.



Foto: Arquivo Pessoal



“

Deve-se ter cautela para não dar um diagnóstico equivocado de oniomania para o que, na verdade, seria explicado por outra condição que requer tratamento diferente

Ricardo Henrique Araújo

Foto: Arquivo Pessoal



“

A dificuldade que o indivíduo experimenta em resistir à compra atinge as mesmas regiões do cérebro responsáveis pela dependência de jogos, do álcool e outras drogas

Bruno Lacerda

Foto: Arquivo Pessoal



“
A compra compulsiva é semelhante a uma fissura: o indivíduo sente angústia, sintomas físicos, efetua a compra e sente o alívio. Em seguida vem a culpa, o arrependimento

Scheilla Matos Ferreira

Os sinais de prejuízos na vida dos pacientes

Diante de tantos apelos do comércio para se consumir bens e produtos, como saber se a postura de um cidadão, diante das compras, caminha ou já se configura como algo anormal? Segundo o médico psiquiatra Bruno Lacerda, especialista em Medicina do Sono, o transtorno é identificado quando se inicia um prejuízo na vida do paciente, seja interpessoal, social, ocupacional ou financeiro.

Relacionada à ansiedade, a oniomania age como uma válvula de escape e os bens adquiridos vão desde pequenas miudezas até artigos de luxo e extravagantes. “A dificuldade que o indivíduo experimenta em resistir à compra atinge as mesmas regiões do cérebro responsáveis pela dependência de jogos, do álcool e outras drogas”.

Assim como ocorre com dependentes químicos, após o abuso nas compras, o oniomaníaco é tomado pelo sentimento de culpa e, para diminuir os impactos do descontrole, volta a consumir. Assim, fecha a dinâmica completa do vício.

Bruno Lacerda explica que, apesar de a procura por tratamento médico ocorrer geralmente quando há iminente ou completa falência financeira, o diagnóstico não envolve apenas a quantidade de dinheiro gasto, pois o prejuízo vai bem além do material. Essa condição se confirma quando o paciente é impedido de suprir a necessidade de compra e passa a sofrer de irritação, tremores e sudoreses, reações comuns à abstinência de substâncias químicas.

ONIOMANIA

Êxtase no ato de fazer compras

Pressão pelo consumo desenvolveu-se na antiga Grécia, pela efervescência do comércio e pelos sistemas monetários

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Na história mundial, o ato de comprar é bastante remoto. Segundo o médico psiquiatra Bruno Lacerda, especialista em Medicina do Sono, a prática desenvolveu-se na antiga Grécia, determinada pela efervescência do comércio, que foi impulsionado pelos sistemas monetários. “O ato de realizar uma compra continuou a distrair e a extasiar as pessoas nos milênios subsequentes. Tem despertado preocupações de que possa levar a um transtorno clínico”, salienta.

O descontrole relacionado a essa ação só foi registrado na bibliografia médica, porém, tempos depois. Bruno Lacerda frisau que psiquiatras descritivos, como Kraepelin e Bleuler, escreveram sobre o transtorno do comprar compulsivo, ou oniomania, no início do século 20. Ele conta que os especialistas da época basearam as descrições dessa ação através de eminente impulsividade, acarretando em uma atitude inevitável.

Assim, os indivíduos eram considerados incapazes de pensar diferentemente e de conceberem as consequências sem sentido de seu ato e as possibilidades de não realizá-lo. “Kraepelin descreveu a compra excessiva como um ‘impulso patológico’. Bleuler classificou a oniomania junto com os ‘impulsos reativos’, que incluíam a piromania e a cleptomania”, afirma Lacerda. A piromania é um distúrbio mental no qual o indivíduo produz incêndios e sente prazer. Já a cleptomania é o impulso que leva a pessoa, de qualquer classe social, a se satisfazer em roubar objetos.

Bruno Lacerda explica que o transtorno do comprar compulsivo (TCC) atraiu pouca atenção nas décadas seguintes, exceto entre os estudiosos do comportamento de consumo e psicanalistas. O interesse reviveu nos primeiros anos da década de 1990, quando foram publicadas séries de casos sobre a patologia.

“A classificação do TCC continua sendo incerta e o transtorno não está incluído nos sistemas nosológicos contemporâneos, tais como o ‘Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais’ ou a ‘Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde – Décima Edição’”.

De acordo com ele, há pesquisadores que consideram o TCC como um transtorno de dependência e o agruparam com os transtornos de uso de álcool e drogas. “Outros o consideram como parte do espectro dos transtornos obsessivo-compulsivos ou do humor”.



Imagem: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

“

A família é base, suporte para qualquer intervenção, sendo, assim, é de suma importância a participação da família no processo de tratamento

Ana Xavier

Experiência dos Devedores Anônimos

Em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre há grupos de Devedores Anônimos (DA) em que os participantes se encontram três ou quatro vezes por semana. O grupo é indicado para quem tem problemas

em lidar com dinheiro, seja por causa de compras descontroladas, endividamento ou autoempobrecimento compulsivo. As pessoas trocam experiência e, por meio de uma terapia de espelho, buscam

força para trabalhar as fragilidades do dia a dia. Assim como outros grupos de ajuda, os DAs seguem alguns passos para tentar controlar o impulso. Um desses grupos é o www.devedoresanonimo-online.com.br/.

Transtorno é quatro vezes mais frequente em mulheres

O médico psiquiatra Ricardo Henrique Araújo afirma que esse tipo de descontrole de impulso é quatro vezes mais frequente em mulheres, podendo surgir em qualquer idade. Não é raro, porém, surgir na adolescência, quando a pessoa começa a ter autonomia para realizar compras.

“A tendência é que se estenda por longos períodos, até mesmo por toda a vida, principalmente quando não existe busca por tratamento. Quando inicia na adolescência, é mais provável que evoluam para quadros mais graves. Atualmente, o acesso facilitado a créditos e a grande disponibilidade de compras por internet parecem ter algum impacto sobre as consequências desastrosas da oniomania”, frisa.

O perfil da sociedade moderna, que valoriza mais o “ter” em detrimento do “ser”, pode fazer com que as atitudes de um oniomaniaco não sejam vistas como uma compulsão, mas algo dentro do aceitável, ou até entendido como digno de “admiração”. “Esse contexto cultural por si só já é um fator que predispõe à dificuldade de percepção do transtorno. Também tende a passar despercebido quando comprar excessivamente é um hábito familiar, inclusive outros parentes também podem apresentar a oniomania. Nessa situação, esse padrão vai parecer ‘normal’ para si e para os que o cercam”.

Os pacientes que utilizam as plataformas on-line têm maior facilidade de passarem despercebidos pelos

olhos da sociedade, porque não são vistos fisicamente nos pontos comerciais. “Nessas situações, a condição virá à tona apenas quando os problemas de endividamento se tornam muito vantajados”, destaca Ricardo.

A oniomania denota características de uma doença crônica, acompanhando o indivíduo ao longo de sua vida. A psicóloga clínica Ana Xavier afirma que o tratamento pode ser medicamentoso, se houver indicação para tal, juntamente com psicoterapia, orientação familiar e terapia em grupo. “A família é base, suporte para qualquer intervenção, sendo, assim, é de suma importância a participação da família no processo de tratamento”, destaca ela.

O cuidado ainda pode

incluir orientações com especialista ligado a área de finanças pessoais, principalmente se as condições econômicas do paciente tiverem precárias. Para se ver livre dos sintomas do transtorno, o paciente tem de mudar o estilo de vida e ficar longe dos gatilhos que estimulam o descontrole.

Os objetivos iniciais do acompanhamento profissional buscam fazer com que a pessoa compreenda a existência do problema e adote uma mudança na rotina, afastando o paciente dos contextos que o colocam em risco. Entre as atitudes aconselhadas estão o cancelamento de cartões de créditos e das contas em plataformas digitais de compras, o afastamento de contatos com empresas de

empréstimos e de lojas quando estiver desacompanhado.

O psiquiatra Ricardo Araújo diz que a orientação financeira e as medidas que promovam o engajamento para quitar dívidas também fazem parte do tratamento. “Na psicoterapia, o indivíduo também terá a oportunidade de trabalhar questões de sua história de vida e percepções distorcidas que parecem ter algum significado para a existência e manutenção da oniomania atualmente”.

Quanto a participação dos familiares, Ricardo destaca que eles podem ajudar incentivando as pessoas a buscarem tratamento. “Também devem valorizar as mudanças positivas que estejam acontecendo. Não é recomendado que assumam a

responsabilidade da quitação das dívidas decorrente das compras compulsivas do acometido”.

Os principais sintomas do oniomaniaco são: estar frequentemente preocupado com a compra; ter impulsos irresistíveis para o hábito de comprar; adquirir com frequência itens desnecessários; consumir por períodos mais longos que os pretendidos; enfrentar problemas nas relações familiares com o excesso de compras; ter dificuldade financeira devido ao excesso de gasto; apresentar uma reação de decepção, estresse, raiva e medo após o ato de fazer compras; sentir uma sensação de euforia e ansiedade durante as compras; e ter sentimento de culpa e remorso pelo descontrole.



Imagens: Pixabay

SHOPPING

COMPULSÃO

Uma realidade na vida das pessoas

Patologia é responsável pela circulação estimada em mais de US\$ 4 bilhões apenas na América do Norte

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br



Foto: Arquivo Pessoal

O nome, oniomania, parece estranho, mas o seu significado é uma realidade na vida de muitas pessoas, é a compulsão por compras, também chamada de consumismo compulsivo e Transtorno do Comprar Compulsivo (TCC). A patologia é responsável pela circulação de mais de US\$ 4 bilhões apenas na América do Norte. Um dado interessante é que as mulheres representam entre 80% e 94% dos compradores compulsivos. O transtorno costuma surgir por volta dos 18 anos de idade.

As consequências mais frequentes são no aspecto financeiro, mas também podem ser psicológicas, afetando não só o comprador compulsivo, mas também familiares e pessoas de sua convivência. A psicóloga clínica Juliana Freitas ressalta que, conforme alguns estudos, os sintomas da abstinência podem ser semelhantes aos da dependência química.

Ela explica que o comportamento compulsivo por compras vem de fatores internos que, geralmente estão ligados a uma certa ansiedade e tensão que, por sua vez, culminará na compulsão. Ela observa que, mesmo sabendo que esse comportamento não será saudável para a vida financeira de uma pessoa, a compulsão se torna algo incontrolável, principalmente porque o ato de comprar para um compulsivo significa um sentimento de satisfação, realização e até mesmo de poder. “Repetir esse comportamento e, consequentemente, esses sentimentos, é o que torna o comportamento cada vez mais recorrente”, afirma.

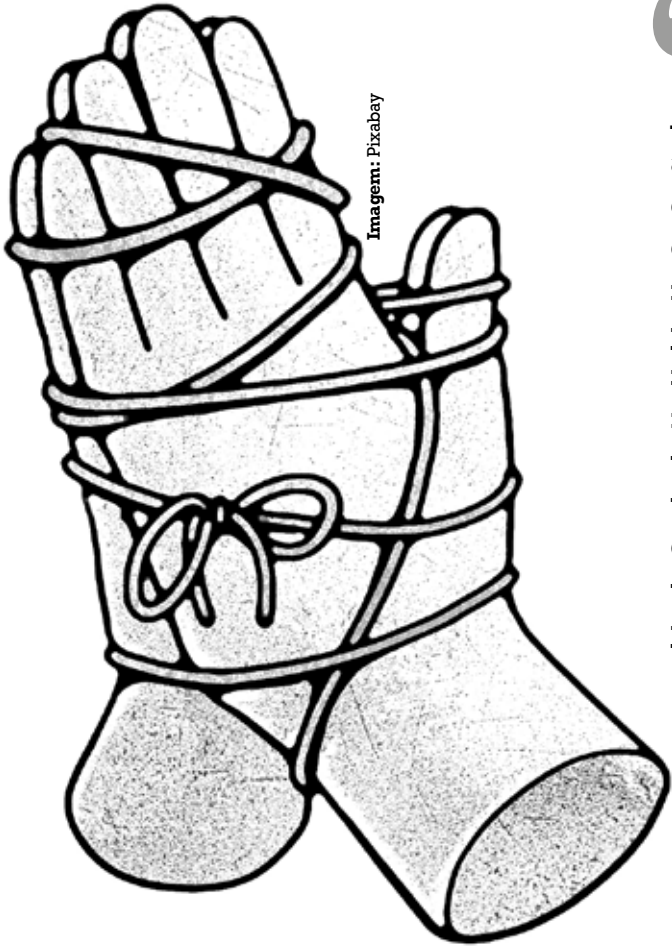


Imagem: Pixabay

Algumas pesquisas, conforme a profissional, apontam que grande parte das pessoas que sofrem com essa compulsão tem níveis elevados de depressão e ansiedade. “À medida que a pessoa vai comprando compulsivamente,

não somente prejuízos financeiros incalculáveis são uma realidade, mas também o aumento do nível do estresse trazido por tais prejuízos”. Com isso, segundo ela, aumentam os níveis de outras problemáticas preexistentes.

“

À medida que a pessoa vai comprando compulsivamente, não somente prejuízos financeiros incalculáveis são uma realidade, mas também o aumento do nível do estresse trazido por tais prejuízos

Juliana Freitas

Os prejuízos nas relações familiares também são afetados. Ela explica que a compulsão atende uma questão interna do compulsivo e não impreterivelmente a necessidade de ter o objeto comprado. “Surtem aí também consequentes acumuladores e, daí, um grande mal-estar com as pessoas que estão à sua volta e que, de certa forma, se angustiam ao ver coisas sendo acumuladas e, às vezes, nem sequer serem usadas”, comenta.

O problema, conforme Juliana Freitas, se amplia quando as pessoas perdem celular, computador, carro e até mesmo a própria casa para poder suprir os excessos de compras que foram feitas. As mulheres, de fato, são maioria entre os compulsivos em todo o mundo, porém, ela diz que ainda não se sabe a razão dessa prevalência. “O que ainda é comum a todos é a presença da depressão e da ansiedade, entre outros”, pontua.

Seja homem ou mulher, ela ressalta que não há uma causa definida, porém, os estudos mostram que quem tem oniomania, em sua grande maioria, apresenta transtornos de humor e ansiedade. Outro fator relevante é o histórico comportamental da família.

Ela acrescenta que, se a pessoa tem oniomania e passa por um período de abstinência, possivelmente irá se sentir ansiosa, com irritabilidade, problemas com a autoestima e oscilações de humor. “Os sintomas podem até ser similares aos da dependência química”, enfatiza.

Para esses casos, o acompanhamento psicológico é essencial, mas precisa estar aliado ao trata-

mento psiquiátrico, pois, em algumas situações, há a necessidade do uso de medicação. Outra ferramenta importante citada pela profissional é a terapia em grupo. “É de grande valia ouvir as angústias de pessoas que vivenciam a mesma problemática. Ouvir outras pessoas na mesma situação ajuda no processo de aceitação”, destaca a psicóloga.

Uma característica muito frequente após as compras é que o comprador compulsivo passa por um extremo arrependimento e sentimento de culpa. Esses sentimentos, como alerta Juliana Freitas, tornam as compras cada vez mais recorrentes. Assim, para sanar o sentimento de culpa, acontecem novas compras na tentativa de substituir essa culpa pela sensação satisfatória que a compra traz ao comprador compulsivo. A psicóloga reforça que o acompanhamento psicológico é indispensável. Nele, é possível trabalhar não somente a oniomania, mas também outras comorbidades existentes.

Para quem tem compulsão por compras, o primeiro passo é reconhecer o problema. Juliana Freitas observa que há pessoas que convivem com isso e com suas consequências sem assumir que precisa de ajuda. Por outro lado, ao reconhecer os sintomas e seus prejuízos, essa pessoa deverá ser acompanhada imediatamente por psicólogo e psiquiatra. “A oniomania tem cura, principalmente se for identificada e tratada em tempo hábil. Quanto mais rápido a pessoa reconhecer o problema e procurar ajuda, mais rápido ainda essa compulsão pode ser tratada”, assegura.

Prazer transitório que leva para os prejuízos financeiros



Foto: Arquivo Pessoal

O descontrole financeiro causado pela compulsão por compras pode acarretar sérios problemas futuros, tendo em vista o fato de que as dívidas, geralmente, têm custo muito alto, o que pode comprometer a capacidade de sobrevivência no futuro, especialmente porque, ao longo do tempo, a pessoa envelhece e as possibilidades de trabalho e renda diminuem, dificultando possível rolagem das dívidas. A afirmação é do economista Rafael Bernardino.

Ele ressalta que a compulsão por compras pode trazer muitos prejuízos econômicos, especialmente porque excesso de consumo ou de gasto geralmente compromete a capacidade de poupança e de investi-

mentos para garantia de renda futura. Dependendo do perfil da pessoa que gasta muito, corre o risco de chegar a comprometer todo o patrimônio que eventualmente possua e, no futuro, vai depender de apoio financeiro de familiares. Se esse apoio faltar por algum motivo, há sérios riscos na qualidade de vida futura.

Por conta da compulsão, essa pessoa começa a fazer compras às escondidas, juntando peças repetidas, outras ficam esquecidas e algumas nunca chegam a ser usadas. Isso pode ter desdobramentos e reflete na família em termos econômicos. “As consequências de consumo em excesso geralmente comprometem a capacidade futura de sobrevivência e

isso é um complicador para a economia da família”, ressalta o economista. Ele acrescenta que a redução de consumo precisa de orientação e acompanhamento de especialistas sob pena de não ser bem-sucedida.

Bernardino observa que, em geral, o excesso de consumo ou o ato de comprar gera satisfação e sempre prazer. O sentimento de culpa normalmente não acontece porque, quando a pessoa começa a se sentir mal, ela volta a comprar e tem o transitório sentimento de prazer. Ele compara com uma mesa que precisa de um calço para ficar firme. Qualquer movimento que tirar o calço da perna da mesa ela volta a perder a firmeza e somente com a mudança de lugar dessa mesa é que o problema pode ficar resolvido.

“Para uma pessoa que consome em busca de prazer, somente a mudança de comportamento pode cor-

rigir o problema e essa mudança depende de tratamento e acompanhamento de especialistas”, ensina. A consultoria com um expert em finanças pessoais pode ajudar, segundo ele, e, dependendo da gravidade da situação, é necessária também o acompanhamento de psicólogos e psicanalistas.

Grupos de apoio, como o Devedores Anônimos (www.devedoresanonimo-online.com.br/), onde compulsivos compartilham suas experiências, também são caminhos para a recuperação. De acordo com Rafael Bernardino, quando pessoas “doentes por excesso de consumo” procuram esse tipo de ajuda é uma indicação de que deseja resolver o problema e esse é o ponto principal. Assim, o resultado é muito melhor. “A compulsão por compras é uma doença e, por isso, precisa ser tratada para que se tenha uma velhice sustentável e saudável”, orienta.

“

As consequências de consumo em excesso geralmente comprometem a capacidade futura de sobrevivência e isso é um complicador para a economia da família

Rafael Bernardino

ONIOMANIA

Capitalismo e consumo patológico

Riqueza pode ser vista sob o aspecto do que é útil e, ao mesmo tempo, da geração de fortuna monetária

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

“O sistema econômico atual contribui para essa patologia, a oniomania”. É o que afirma o economista Lucas Milanez. Ao se aprofundar sobre como funciona a economia, ele diz que é a atividade humana fundamental de criação da produção daquilo que é necessário para sobreviver, e que a ação fundamental dentro dessa atividade econômica é o trabalho que é gerador da riqueza.

Isso pode ser visto sob dois aspectos, o trabalho em si e o que é gerado pelo trabalho humano a partir da utilidade que as coisas têm. Ele ensina que essas “coisas” servem para satisfazer as necessidades, mas ao mesmo tempo, pelo lado da forma de mensurar a riqueza, sobretudo a partir do valor, dos preços das mercadorias. O trabalho tem o aspecto de gerar riqueza, gerar esse valor e dar preço às coisas.

Ao trabalhar, os seres humanos criam a riqueza que pode ser vista sob o aspecto do que é útil, que satisfaz as necessidades e, ao mesmo tempo, geração de riqueza monetária. Ele diz que, até o século 14 ou 15, mais ou menos, de uma forma geral, a humanidade produzia a riqueza para sobreviver, para autoconsumo. Mas há uma mudança quando se chega na economia capitalista, no sistema econômico atual. Há uma inversão.

Ele analisa que, se antes era prioridade produzir para satisfazer a necessidade das pessoas e, quando tinham essas necessidades satisfeitas, a produção não necessariamente parava, mas a acumulação de riqueza era uma poupança no sentido tradicional, guardar para, se no futuro faltar, utilizar. No capitalismo, essa lógica se inverte. O trabalho é importante desde que crie a riqueza monetária e, consequentemente, gere dinheiro. Produzir coisas úteis está em segundo plano. A produção de mercadorias, por mais úteis que sejam, como alimentos, por exemplo, só acontece se houver lucros. E aí, segundo ele, está a grande questão em relação ao consumismo em si. Como o sistema capitalista gera esse consumismo?

O economista exemplifica: um sistema que preza pelo acúmulo de riqueza monetária, e não necessariamente pela satisfação das necessidades, vai produzir muito. Já que a riqueza monetária não tem limite, quanto mais riqueza melhor, se o sistema econômico preza por produzir riqueza monetária e produzir coisas úteis é só um meio de se fazer isso, para gerar essa riqueza monetária é preciso produzir muitas mercadorias, mas se há produção de muita mercadoria, é necessário vendê-la. “E o capitalismo precisa disso. Para que se tenha cada vez mais lucro, é necessário que se produza cada vez mais mercadoria e também se consuma cada vez mais mercadoria”, constata.

Desde 1950, cada vez mais surgem técnicas que geram criação de necessidades que, às vezes, as pessoas não têm de fato. Esse consumismo, segundo Lucas Milanez, está muito associado ao sistema econômico. “Claro que não dá para dizer que é uma exclusividade do sistema atual, mas no capitalismo é um subproduto da sua própria existência”.

Ele analisa que, quando se produz riqueza para acumular, do ponto de vista monetário – e isso só acontece através da produção de mercadorias –, é necessário que se produza e se consuma muito, criando na cabeça das pessoas a ideia de que elas precisam consumi-las. “Esse é o gatilho para questões patológicas, da compulsão em si. É aí que entra o aspecto psicológico. As pessoas não têm exatamente um controle bem estabelecido. São questões de ordem psicológica que eu não saberia dizer, mas há uma tendência ao descontrole em relação a alguns sentimentos, sobretudo ao que é irracional”, comenta.



Imagem: Pixabay

Sem limite

Um sistema que preza pelo acúmulo de riqueza monetária, e não necessariamente pela satisfação das necessidades, vai produzir muita mercadoria e vendê-la

Estímulo do neuromarketing e o subconsciente do não necessário

Em relação aos elementos de ordem de orçamento familiar, ele diz que são questões em que se deve recorrer a tudo que é possível, especialistas, aos devedores anônimos. Todo tipo de ajuda será bem-vinda, principalmente no sentido de entender como funciona o marketing, o consumo e, de alguma forma racional, tentar combater.

“O que o marketing faz muito atualmente, inclusive tem uma área chamada neuromarketing, que é tentar, ao apresentar produtos para o consumidor, atingir não aquilo que é o consciente, o necessário, mas pelo contrário, atingir o subconsciente”, observa.

O economista Lucas Milanez relata que o mar-

keting está chegando ao ponto de estimular no consumidor aquilo que é ligado aos seus instintos, ao irracional. Naturalmente, por ser irracional, as pessoas não têm como controlar e, o que se pode fazer, no olhar do especialista, é tentar trabalhar o entendimento de como funciona o consumo em si no capitalismo e fazer com que a racionalidade tente se sobrepor, se colocar diante da irracionalidade.

“Mas isso é uma questão científica, de combate. Pode haver regulamentação para limitar esse tipo de ação. São vários os fatores que podem acontecer, além da educação financeira, que é fundamental, e toda ajuda possível”, completa.

Consumo

O marketing está chegando ao ponto de estimular no consumidor aquilo que é ligado aos seus instintos, ao irracional e, por ser irracional, as pessoas não têm como controlar